

O Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul

(Walter Spalding)

„A historia é a mestra da vida“, disse alguem, e Cezimbra Jacques, como introdução á sua obra „Assumptos do Rio Grande do Sul“, escreveu: „Um povo sem tradição é como uma arvore sem raizes. — A boa tradição é a melhor parte da alma nacional“.

Tudo isso é, incontestavelmente, uma verdade, uma só: fonte de vida de um povo — base da nacionalidade.

Todo o Rio Grande é um archivo de tradições. Desde 1628, quando Roque González entrou no paiz dos Tapes, fundando reduções e, depois, embebendo a terra com seu sangue generoso de martyr, o Rio Grande do Sul vem trabalhando na sua historia.

Entretanto, só em 1920 foi fundado o „Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul“. Até então nossos historiadores não tinham um gremio que os estimulasse aos estudos de nosso passado, de nossas cousas e de nossa gente. Raros eram os historiadores e esses mesmos pouco lidos e conhecidos.

Antonio Alves Pereira Coruja, Appolinario Porto Alegre, Simões Lopes Netto, Cezimbra Jacques, Carlos Teschauer, S. J., J. B. Hafkenmeyer, S. J., Alfredo Varella, Assis Brasil, Alfredo Ferreira Rodrigues, e poucos outros, davam-se ao trabalho de estudar nossa historia e nossa gente.

Em 1868 foi fundado em Porto Alegre o „Parthenon Literario“, ao qual pertenceram, entre muitos outros, Sá Brito,

Appolinario Porto Alegre, Mucio Teixeira, o „fabricante“ da Historia, isto é, deturpador, — Graciano Azambuja, Julio de Castilhos, Homero Baptista, Assis Brasil, Fernando Osorio.

Segundo Mucio Teixeira („Os Gaúchos“, vol. I) „O Parthenon Literario foi um incentivo e um exemplo“. E diz que „Porto Alegre parecia então a metrópole intellectual do Brasil“. (E nem podia ser de outro modo, pois „elle“ estava em Porto Alegre).

Mucio Teixeira sempre foi amigo dos exaggeros e sempre pouco escrupuloso em questão de historia. Inventava mesmo, documentos, para satisfazer suas sympathias. Em todo o caso a observação sobre o „Parthenon“ não é de todo falsa. Essa sociedade literaria, deu, realmente, um grande impulso ás letras do Rio Grande do Sul. Mas não havia, ali, um incentivo directo ás letras historicas. O que mais cultivaram os do „Parthenon Literario“, foi a poesia. Todos eram poetas, principalmente poetas. Depois oradores, dramaturgos, prosadores em geral.

Na „Revista do Parthenon Literario“, publicada regularmente de 1869 a 1878, pouca cousa, alem de poesia e critica se encontra. De historia, nada ou quasi nada.

Desmantelado o „Parthenon Literario“, em 1878, fundou-se, muitos annos mais tarde, a Academia de Letras do Rio Grande do Sul“, de duração, aliás, ephemera.

Então, na segunda decada deste nosso vertiginoso seculo XX, Demetrio Ribeiro, Alvaro e Amaro Baptista, Manoel Theophilo Barreto Vianna, José Paulo Ribeiro e General Candido Jacques, tentaram a fundação de um Instituto ou Academia de Historia do Rio Grande do Sul.

A ideia, infelizmente, não teve o merecido apoio por parte dos nossos intellectuaes, muito dados, como ainda hoje succede, a futilidades literarias. A semente, porém, estava lançada e havia, um dia, de crescer e frutificar. A cessação do troar dos canhões na velha Europa encheu a alma dos nossos poucos historiadores de ideias novas, cheios de um novo entusiasmo, resolveram fundar o Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul. E a 5 de agosto de 1920, Souza Docca, idolatra da nossa historia, ao lado de Eduardo Duarte, Amaro Baptista,

F. de Leonardo Truda, Octavio Augusto de Faria, Florencio de Abreu e Silva, Antão de Faria, Alfredo Clemente Pinto, Delphino Riet, José Paulo Ribeiro, Achylles Porto Alegre, José Zeferino da Cunha, Affonso Guerreiro Lima, J. B. Hafkemeyer, S. J., Carlos Teschauer, S. J., Aurelio Porto, José Vieira de Rezende e Silva, Manoel de Faria Corrêa, Adroaldo Mesquita da Costa, Miguel Pereira, Oscar Miranda, João Maia, Monsenhor Luiz Mariano da Rocha, Armando Dias de Azevedo, Arthur Candal, P. Roberto Landell de Moura, Alfredo Maciel Moreira, Antonino Xavier de Oliveira, João B. de Menezes, reunidos numa das salas do „Archivo Publico“, — Souza Docca abriu a primeira sessão preparataria para a fundação do „Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul“.

Assentadas as bases, reuniram-se novamente no dia 11 de agosto, mas desta vez em numero maior, pois que se lhes juntaram Lindolfo Collor, Benjamin Flores, João Belem, Augusto Daisson, João Pinto da Silva e Olavo Godoy.

Nessa sessão ficou definitivamente resolvida a fundação do Instituto, e foi nomeada uma commissão para elaborar-lhe os estatutos. E a 9 de novembro de 1920, approvados estes, elegeram a directoria effectiva que ficou constituída dos srs. Florencio C. de Abreu e Silva, presidente; Delphino Riel, vice-presidente; F. de Leonardo Truda, 1.º secretario; Eduardo Duarte, 2.º secretario; E. F. de Souza Docca, orador; Amaro Baptista, thesoureiro; Armando Dias de Azevedo, bibliothecario; e mais as commissões technicas.

A 19 de novembro, em sessão solenne, foi empossado a directoria eleita.

Estava, pois, fundado e installado o „Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul“, que faz onze annos já vem prestando relevantes serviços á historia de nossa terra gaúcha.

* *

*

Ha quem diga ser de somenos importancia a existencia do Instituto Historico. E ha, até, quem diga que é uma quasi necessidade acabar-se com esses estudos historicos, porque a

historia, no seu falso modo de ver e compreender as cousas, provoca discordias mesmo no lar. Ideias taes, alem de tolas, não resistem á critica mais superficial, pois é sabido que um povo sem historia é um povo sem vida, completamente morto.

Cabe aqui muito bem o que escreveu Lindolfo Collor no artigo de apresentação da Revista do Instituto em 1921:

„Uma sociedade que não cultiva a sua propria historia não tem consciencia de si mesma: — E' como uma criança que vive apenas as evidencias tangiveis da hora presente, sem meditar o passado e sem pensar no que ha de vir.“

Quanto á necessidade e utilidade do Instituto Historico e Geographico, basta lembrar que já em 1845 o conselheiro Cansansão de Sinimbú, então presidente da Provincia, tentou, com o Barão de Porto Algere, o dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba e Machado Ourique, fundar um instituto ou academia de historia, porque o consideravam de „palpitante necessidade“.

Si, pois, naquelle tempo os estudos de nossa historia eram considerados uma necessidade, quanto mais hoje que somos um povo adeantado e temos uma historia brilhante, talvez das mais brilhantes do Brasil.

Apezar disso, é verdadeiramente lamentavel o pouco caso que se faz de quanto nos diz respeito. Não ha muito, conversando com um amigo, professor de historia, perguntou-me elle si o Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul ainda existia, e em seguida confessou-me que de nossa historia nada mais sabia além do que figurava nos miserandos e falhos compendios escolares! Comtudo, mostrou-se apaixonado pela historia universal, criticando, commentando e citando com ardor Cantú, Oncken, Helden-Korwin e outros. Uma lastima!

Entretanto, nosso Instituto Historico e Geographico publica trimestralmente sua revista que é um verdadeiro archivo historico. Pena é que della se não faça uma propaganda como merece.

A revista do Instituto é uma obra de valor e não deveria faltar na estante de nenhum intellectual, e deveria ser constante e carinhosamente consultada pelos nossos professores, muitos dos quaes, a maioria, póde-se dizer, da nossa historia só conhecem o ABC, isto é, o que o programma escolar exige.

Fundada em 1921, a „Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul“, tem publicado artigos e estudos de inestimavel valor dos quaes tirou separatas que, infelizmente, não tiveram a divulgação merecida, como, por exemplo, os „Vocabulos indigenas na Geographia Rio-Grandense“, de Souza Docca, „Vida e obras de Roque González de Santa Cruz“, pelo P. Carlos Teschauer S. J. (este, dentro todos, o mais divulgado), „Influencia do caudilhismo uruguayo no Rio Grande do Sul“, por Aurelio Porto, „A colonisação allemã no Rio Grande do Sul“, por F. de Leonardo Truda, „O Tupi na Corographia do Rio Grande do Sul“, pelo General Dr. João Borges Fortes, e varios outros.

* *

E' indiscutivel o valor e a utilidade do „Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul“. Sómente faltam-lhe elementos para tratar de nossa historia como ella merece. Não quero com isso dizer que aos membros do Instituto falte competencia e valor. Não. Quero, apenas, notar que poucos são os que estudam, trabalham e divulgam seus trabalhos. Entregues a outros mistéres, falta-lhes tempo para o estudo acurado de obras e documentos. E, além disso, não temos editores. E não temos editores porque faltam leitores. E faltam leitores porque nossos professores, com raras excepções, não sabem ensinar historia, e porque a imprensa, na parte geral, pouco se interessa.

Gastam, comtudo, as emprezas jornalisticas, contos e contos de réis com serviço telegraphico de somenos importancia, como crimes, intrigas, casamentos e visitas principescas.

Por isso digo que ao Instituto faltam elementos para tratar de nossa historia como ella merece.

Sei, por experiencia propria, occupado como vivo a trabalhar no commercio, o quanto custa uma pesquisa para um trabalho historico acurado e digno de credito. Eu o sei, como muitos mais o sabem, e por isso não escrevem, para não faze-

rem como Mucio Teixeira que encheu centenares de paginas que se tem medo de consultar.

Mas confio nos trabalhos que o Instituto pretende levar a effeito para o centenario farrapo.

Confio na tenacidade de sua actual Directoria e, particularmente nos grandes historiadores que a ella pertencem, como Souza Docca, infelizmente hoje em Pernambuco, como Aurelio Porto, pesquisador incançavel, e Eduardo Duarte, infatigavel propugnador, diccionario vivo de nossa historia.

O Instituto, para bem do povo e gloria sua, deveria pleitear uma pagina semanal na imprensa, e nella publicar, com notas e commentarios, os mais interessantes documentos de que é tão rico o Museu e Archivo Historico do Estado. Seria um grande passo para uma digna commemoração do glorioso centenario farrapo, a cujas portas estamos.

O Instituto não deve descansar, mas trabalhar sempre, batalhar sempre, sem odios e sem affectos, pela historia gloriosa da gloriosa terra de nosso berço.

O COEFICIENTE LAGUNISTA NA FORMAÇÃO RACIAL DO GAÚCHO

Por Aurelio Porto

Temos para convosco uma divida que se não saldou ainda. Lá um ou outro dos nossos historiadores, pesquisando as nossas origens, procuram resaltar a importancia da fundação da Laguna no povoamento do Rio Grande do Sul.

Mas, são muito mais profundas as raizes que temos, aflo-
rando na terra catarinense. E tenho para mim, perquerindo
distantes encruzilhadas da historia gaúcha, que se não póde er-
guer-lhe monumento condigno a que não pedestalize essa velha
terra lagunense, mãe comum cujos seios maternos foram a
fonte da nossa e da vossa vida.

Outros palmilharam os nossos rincões. Viram desdobrar-
se á frente, numa alucinação gloriosa de belesa, as verdes pla-
nuras do meu pago, onde no dorso dos baguais indomaveis voa-
vam os minuanos ginetes, sopezando as lanças legendarias, ilu-

„Conforme noticiámos, realizou ante-hontem, ás 18 horas, no
„Centro Popular“ e sob os auspicios do Instituto Historico e Geografico
de Santa Catarina, o sr. Aurelio Porto, nosso confrade d'A *Federação*,
de Porto Alegre, sua conferencia sob o tema — *O coeficiente lagunista
na formação racial do gaúcho*.

A'quella hora, seleta concurrencia, constituida de destacados ele-
mentos intellectuais ali se encontrava para ouvir a palavra do ilustrado
conferencista, cujo trabalho, que damos a seguir, constitue, sem favor,
uma das mais formosas paginas da historia sul-catarinense.

Aprezentando-o ao auditorio proferiu o nosso colaborador sr. de-
zembargador José Boiteux, presidente do Instituto Historico, as seguin-
tes palavras:

„Sr. General Interventor Federal no Estado, Senhoras e Senhores.

Cabe-me, senhores, a satisfação de apresentar-vos o sr. coronel
Aurelio Porto, ilustre homem de letras riograndense, nosso hospede,

minuras fantasticas de primitivas arrancadas heroicas. Outros desbravaram as serranias impervias, estacando de subito nas verdes clareiras iluminadas de sol, ante os desnivelamentos abruptos a cavaleiro dos Pampas, verdes lençóis revoltos de pastagens, que seriam mais tarde o cenario magnifico em que os filhos dos lagunenses fundariam a primeira estirpe dos gaúchos. Outros vieram e passaram. Mas, vós ficastes. E o gaúcho deve proclamar com orgulho a sua filiação historica.

Infelizmente o Rio Grande não tem ainda a sua historia. Poucos são aqueles que preferem se abeberar nas fontes pri-

que aqui se encontra, de passagem para Porto Alegre, onde é alto funcionario do Museu Historico daquela adiantada capital e um dos redatores d'A *Federação*, o valorozo órgão do Partido Republicano do vizinho Estado sulino.

Pesquisador da historia do seu Estado natal, que acaba de representar no 2.º Congresso Nacional de Historia, recentemente reunido no Rio de Janeiro, sob os auspicios do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, são-lhe devedores as belas letras riograndenses de valiozissima contribuição, uma das quais sendo a, por certo notavel, conferencia de hoje, que versará sobre o, para nós, barrigas verdes, interessantissimo tema: *O coeficiente lagunista na formação racial do gaúcho*.

Tanto mais cresce, senhores, a nossa satisfação quanto era idéa nossa assentada, de promover a diretoria do Instituto, este ano, uma série de conferencias sobre os assuntos atinentes á sua finalidade. Assim, abre-se para a nossa iniciativa, com chave de ouro do melhor quilate, a porta de entrada para as nossas projetadas horas de convivio intelectual com os nossos consocios e com quantos apreciam o pó dos arquivos que, se não perfuma nem amacia a pele, como o pó de arroz, contém atrações e esconde encantos, espalhados nesses velhos documentos que se abrem ao homem moderno para dar-lhes seguras lições do mais apreciado proveito.

Motivo, pois, é esse bem justificado para que sejamos todos agradecidos ao sr. coronel Aurelio Porto, portador que é das mais brilhantes credenciais, inaugurando as conferencias do nosso Instituto.

Permiti que não me sente sem apresentar ao ilustre presidente do *Centro Popular* os cordiais agradecimentos da diretoria do Instituto Historico e Geografico pela cessão que tão gentilmente nos fez, desta sala, nesta hora, para que tivéssemos o grande prazer de ouvir a palavra erudita do ilustrado sr. coronel Aurelio Porto, a quem tenho a subida honra de convidar a iniciar a sua conferencia."

Da *Republica*, de Florianopolis.

mitivas, a seguir o velho São Leopoldo, guia espiritual dos nossos cultores da Historia. E daí o pouco que sabemos de vós, e o muito que exalçamos a contribuição paulista na nossa formação racial.

Estudando, pesquisando, fixando os seus verdadeiros contornos, avulta-se para nós, na gêneze riograndense, o coeiciente admiravel com que entrastes para plasmar esse tipo inconfundivel e lendario que foi o fronteiro destemerozo, vigilante e atento, cujo peito antemurava os lindes meridionais da Patria.

Vimos de troncos comuns. E quando mais tarde nos encontravamos para a defesa da terra brasileira, nos memoraveis recontros das campanhas platinas, o barriga-verde podia hombrear com os seus irmãos gaúchos, na bravura sem par, na nobreza de sentimentos, e nesse grande, inegalavel amor da Patria, que sempre foi o apanagio da nossa gente, o mais solido penhor da nossa brasilidade.

Numa perfeita identidade ideologica, temos marchado sempre, em escalões paralelos. Ao grito do Seival ecôa o brado da Republica Catarinense. Garibaldi farroupilha aponta á Posteridade o vulto heroico e singular de Anita. Noventa e tres nos entrelaça; trinta nos confunde nas mesmas aspirações, e mais ainda nos irmana.

E' que no fundo somos os mesmos. Presidiram á nossa formação racial os mesmos elementos etnicos. Os nossos avós, no dealbar da nossa vida historica, foram os aventureiros audazes que, da Laguna invicta, saíram para povoar o Continente. E aí ficaram. Mais tarde recebemos as mesmas correntes povoadoras. Admiraveis e fortes esses troncos da velha familia gaúcha. Eram os açoritas. Demoravam algum tempo pela terra catarinense e depois rumavam para o sul, onde se fixavam, constituindo os nossos clans rurais.

E que gente nos deu o ser! De um fundo religioso e moral inconfundivel, de uma nobreza de sentimentos e de principios de honra, os nossos maiores imprimiram-nos em nossos caracteres esses traços que ficaram marcando indelevelmente a nossa e a vossa gente. Por uma fatalidade geografica nós nos tornámos um povo belicozo, ao passo que vós mais pacifistas,

menos árdegos para a luta, nos momentos em que se faz mister, não desmentís o sangue comum que nos corre nas veias. E aí está a historia catarinense para atestar a bravura indomável do barriga-verde.

E não permita Deus que pelas contingencias de um determinismo historico, pelos imperativos sagrados de liberdade e de honra, sejamos levados a mais duras refrégas! Porque nesse dia, e eu tenho disso absoluta certeza, o Rio Grande encontraria sempre nas avançadas heroicas, ao seu lado, o povo catarinense, para combater pela grandeza da Patria, pela defeza da Patria, pela integridade da Patria.

Mas, se a grande Patria se esfacelasse nos parciais da politicagem destrutora, o Rio Grande e Santa Catarina, unidos e fortes, vinculados pelo passado, pelas suas tradições de bravura e de gloria, pela afinidade dos seus interesses economicos e sociais, formariam, no extremo sul, um bloco inamolgável, sobre o qual, tremulando, entrelaçadas e confundidas, ver-se-iam as bandeiras republicanas que nossos avós arvoraram ha um seculo como o simbolo da liberdade e do valor da nossa gente.

E altas, muito altas, na sua perene significação historica, elas saberiam nos apontar o caminho do dever.

O Continente do Rio Grande

A designação de Continente para a terra gaúcha e de continentistas para os seus povoadores, nos foi dada pelos moradores da Ilha de Santa Catarina. Durante um seculo a conservámos. Devemos a vós o nosso batismo inicial. Esse nome que nos déstes, nós soubemos ilustra-lo em pugnas assinaladas.

Entre Laguna e Colonia do Sacramento, que são fundadas quasi ao mesmo tempo, ficou o Rio Grande como uma enorme cunha, despovoado e desconhecido. A' perspicacia de Domingos de Brito Peixoto e seus filhos surgiu logo o grande pro-

blema: a ligação á Colonia pelo Continente. Nesse sentido tudo envidam.

Entre outras penetrações chegou até nós memoria dessa entrada audaz dos Brito Peixoto, em 1717, em pleno coração do Rio Grande. Um indio surdindo pela Laguna levava noticia de minas de prata ao pé de morro longinquo, nas proximidades do Jacuí. E logo se apresta bandeira rezoluta. Aspero e rude o caminho entre virgens florestas. Mas, a sêde ainda não saciada do bandeirismo agonizante, conduz os desbravadores da selva. Quinze dias de ansias, de despendimentos de energias formidaveis, de sofrimentos e de esperanças, transcorreram na jornada aspera e rude. Mas, á frente, nas correntes murmuradas dos regatos, nas folhas argenteas das arvores amigas, nas lucilações de prata dos lares que se derramam pelas campanhas escampas, sempre a mesma alucinação, o mesmo sonho ancestral e bisecular dos bandeirantes.

Ao longe dezenha-se o monte isolado. E' o Butucarái. E' a prata. A loucura das riquezas os domina. E atiram-se para a frente numa sofreguidão de famintos. Mas, estacam. Zunem pelo ar balas de escopetas inviziveis. E então reparam melhor. Indios e Padres da Companhia carregam qualquer couza que eles não podem distinguir. E' a prata. Na impossibilidade material de os atacar por que são muitos os outros, voltam, por eles acossados. E tal é a pressa da retirada que lhes bastam oito dias para a volta. E' a lenda das minas do Butucarái. Tinham aí os Jesuitas grandes ervais, que então exploravam.

Francisco de Brito Peixoto, que succede ao velho Domingos, continúa a sua obra ingente. Deve-lhe o Rio Grande, tudo. Talvez um dia lhe salde a divida num alto relevo de bronze no pedestal do monumento que erigir aos construtores da sua formação racial. Vincula-o ao Rio Grande laços indestrutíveis e mais fortes do que imaginar se póde.

Outras entradas se sucedem. E sempre presididas pela iniciativa do fundador da Laguna. De todas elas fica alguma couza no Continente. E' quando se começa a processar essa velha amizade com o gentio minuano, tão porveitosa aos interesses do nosso povoamento. De uma feita, caciques poderosos

zos vão visitar Brito Peixoto. Ele os cumula de presentes. E daí a aliança que possibilitou grandes facilidades á gente portuguesa.

Requer o povoador 50 leguas da costa, até Tramandaí. São-lhe porem negadas, pois já havia povoamento até essas imediações. Isso em 1717. Apesar da negativa Brito Peixoto continúa a interessar-se pelo Continente.

Tinha nesse tempo, segundo documento da época, Laguna sómente trinta cazais, Santa Catarina (a Ilha) vinte e dois, e São Francisco já contava com cento e vinte. Mas, em breve cresce Laguna de importancia. Cabe-lhe ser cabeça de toda a região. E o Rio Grande que se lhe anexa, a opulenta de larga faixa territorial.

Não descursa Brito Peixoto de mostrar á metropole a conveniencia para a Corôa do povoamento do Rio Grande. E alguns anos assim se passam, até que consegue o seu objetivo. Manda el-rei que se passe para o Continente, aí forme povoação, procurando trato de amizade com o gentio minuano. Achacado e velho, procura cumprir a ordem recebida.

João de Magalhães

Isto se passava no dia da festa do Rozario dos pretos, no ano da graça de 1725. A praça da Laguna está cheia de gente. Abriam-se os pelouros das justiças. Nobreza, clero e povo também do Desterro, enchia de vida o arraial. Anoso, vacilante pelos achaques o velho Brito Peixoto, com essa indomavel energia antiga a que nada abatia, se dirige a seu povo.

— Saibam vossas mercês, senhores meus, que el-rei Nosso Senhor o mandou e aprestando-me estou para seguir a povoar o Continente do Rio Grande, que se hade erigir em vila.

E logo da multidão cem vozes se erguem. Não! Não seguirá. O seu povo o reclama. As agruras do caminho consumir-lhe-iam os restos de vida. Não póde abandonar a sua gente quem sempre foi solícito, justo e bom. Mas o velho in-

siste. Está tudo disposto. Ha de cumprir o imperativo do real mandado. E o povo contesta. Se quizer sair, todos o impedirão. Se necessario fôr, saberão até conserva-lo em custodia. Ha outros homens bons. Escolha um deles. E esse o substituirá. O velho tem lagrimas na vóz. Não quer ceder. E' ordem. Deve cumprir. Sugerem-lhe então o nome de um genro. João de Magalhães. E' o homem. Esmagado pelo amor de seu povo, o velho não mais reziste, e fica.

Para o Rio Grande, á frente de 31 homens de armas, segue João de Magalhães. E' o primeiro povoador que ali se vai fixar. Estaciona pelas imediações do Tramandaí. Funda uma estancia real. E canaliza para a Laguna grande copia de gado. Penetra o interland riograndense. Seus loco-tenentes palmilham os pampas em todas as direções. E começam a surgir as estancias, a vida, a industria pastoril. Gaúcho primitivo, o minuano, com seus usos e costumes, vai se insinuando para a adaptação dos brancos. E a primeira geração dos lagunezes, no dizer de Silva Paes, „proprios“ para as hostilidades no Pampa, já fazem a guerra á moda minuana, laços, bolas, lanças, ao infreme estrugir das galopadas, centauros redivivos, em epopeas fantasticas de heroismos.

O cavallo é a metade do gaúcho. A sua arma mais eficiente, o seu orgulho. Completa com a chinoca esbelta a dualidade do seu amor. O cavallo realizou o milagre da transformação. Ilhéus pacatos, açoritas tímidos, em pouco se confundem com os primitivos dominadores da terra. E plasma-se assim a raça assinalada.

Geração a geração mais se aprimoram as suas virtudes. Entre elas, predominante talvez, o amor pela liberdade. O orgulho de ser livre. E' o apanagio do gaúcho. O seu penacho. Gloria aos nossos e vossos avós!

JURISDIÇÃO DA LAGUNA

Com a fixação de João de Magalhães o territorio riograndense, restrito á faixa litoranea, fica sob a jurisdição da Laguna. O povoador e seus loco-tenentes, em entradas consecutivas para o arrebanhamento de gados e trato com os indios, vão aos poucos alargando esse territorio, até o Viamão, e mais tarde á margem setentrional do Jacuí. Atraídos pela beleza dos sitios, pela industria pastoril que se inicia, a fina flor dos lagunistas se estende pelo territorio vasto.

Não são aventureiros audazes, levados unicamente pela ansia de conquistas. São homens de pról. Os primeiros da terra, com serviços á Republica. Ao principio fazem as suas vacarias. E quando voltam á Laguna trazem copiosos rebanhos que sobem até Piratininga e ás Geraes. Mas, os caminhos são asperos. E para não prejudicar as boas carnes do gado, estabelecem entrepostos, que mais tarde se transformam de invernadas em estancias. E então, como a demora longe da vila se prolonga até á estação estival, pouco e pouco se vão radicando nas fazendas de criação, fundando assim os primeiros nucleos, em volta dos quais a peonada, os parentes e os adherentes se estabelecem tambem.

Foi esse o processo inicial do nosso povoamento pelos lagunenses.

Quando em 1737 o brigadeiro José da Silva Paes, entrando á barra do Rio Grande funda o Prezidio de Jesus, Maria, José, aí encontra, como em torno dos campos de Viamão já duas dezenas de estabelecimentos pastoris que tiveram inicio com a penetração lagunista.

Delimitada a zona de jurisdição do Prezidio, que está subordinada ao Governo do Rio de Janeiro, fica no emtanto, ainda, sob a jurisdição da Laguna, que pertencia ao Governo de São Paulo, a região oeste denominada Campos do Viamão. Ainda, por dez anos, até 1747, exerce a Laguna a sua ação aí.

Todos os atos juridicos e religiosos, a administração, emanavam da Laguna. Os vigarios da vila, periodicamente, percorriam as vastas campanhas riograndenses, celebrando batismos e cazamentos. Daí a erronea asserção dos vossos

ilustres historiadores dando Rafael Pinto Bandeira, da primeira geração de gaúchos, primeiro general riograndense, como natural da Laguna. Nasceu na estancia paterna, nas proximidades do Gravataí, sendo o assento de batismo inscrito nos livros da Laguna.

Isto determinou varias vezes insistentes reclamações dos moradores da vila. Com as vizitas de desobrigas dos continen-tinos ficava a séde sem a assistencia espiritual dos vigarios, por longo tempo. E privados dela, os lagunistas apelaram para superior instancia. Surgiu daí a necessidade de se prover em vila as já adeantadas povoações do Rio Grande e Viamão, que recebiam as primeiras levas colonizadoras de açoritas, vindos ainda da propria Laguna.

Houve relutancia dos governos do Rio e São Paulo. O proprio Gomes Freire achava inoportuna a medida. Mas, fazia parte do Conselho Ultramarino, de Lisbôa, o ministro Rafael Pires Pardiniho, que estivera em correição na Laguna e com seu testemunho pessoal, foi voto vencedor a criação dessas vilas.

Foi quando nos desligámos da tutela da Laguna.

Tinhamos atingido a maioridade. Com 21 anos de vida, que vós nos déstes, deixámos a vossa paterna solicitude.

Já então, pelas verdes quebradas do pago, ensaiando nos selvagens pinotes dos pôtros reveis a nossa vida de gaúchos, a primeira geração de riograndenses, filhos de lagunistas, tomavam do minuano o laço e as bolas, a lança guerreira, para os torneios e as campeirices do futuro.

OS PRIMEIROS POVOADORES

Bons elementos constituíram o cerne da nossa gente. E para prova disto basta que vos diga que as primeiras estancias tiveram por fundadores pessoas da governança da Laguna. O'ra, naqueles tempos de verdadeira seleção de valores, ser da vereança de uma vila presumia gente de pról. E é interessante o fato que constatamos em velhos documentos do Arquivo Nacional. Quasi todos os vereadores da Laguna, no ano de 1723,

foram mais tarde os primitivos povoadores do Rio Grande. Vemos aí João Rodrigues Prates, mais tarde capitão-mór da Laguna, Domingos Gomes Ribeiro, sargento-mór, João Braz, José Pinto Bandeira, e outros.

Durante largo tempo foi o Continente um desdobramento da vila catarinense. E a propria penetração de outros elementos colonizadores teve por entrada essa povoação. Sorocaba, por via da Laguna, e por entrelaçamento de parentesco com João de Magalhães, nos deu tambem magnificos povoadores, como veremos no desdobrar destas notas ligeiras.

Os primeiros açoritas tambem nos vieram da Laguna. Vindos das ilhas, para evitar os perigos da barra do Rio Grande desembarcavam na Laguna, fazendo depois o percurso pelos caminhos já abertos até o Viamão.

Algumas vezes porem vinham por mar. E de uma destas o naufragio da „Náu Catarineta“, essa lenda suavissima e nostalgica que corre, em versos, nas velhas povoações do litoral riograndense.

Quantas tragedias ignoradas nesses tempos distantes! Bizonhos, timidos, na sua simplicidade rustica, afrontando o mar na fragilidade de pequeninas cascas de nóz, os desbravadores de um mundo novo, deixavam as suas ilhas nativas, rumo do desconhecido. A' feição dos ventos, no mar imenso, bailavam as sumacas. A' prôa, Nossa Senhora, guiava para sua terra predileta, os bons ilhéus religiosos, que nella punham toda esperanza. Mas, quando ás vezes avistavam já as costas da terra prometida, encapelado mar desconjuntava o batel fragilimo. E não na atingiam nunca!

Mas, quando chegavam, vencendo á aggressividade de uma natureza virgem, em pouco se transformavam. Raça admiravel na sua adaptação, sentindo ainda correr-lhe nas veias um pouco de sangue flamengo, os açoritas eram no pago os nucleos constitutivos de uma raça heroica.

E eram os milicianos, os dragões, os aventureiros, os soldados indomaveis que atalaiavam as fronteiras distantes.

Ainda, pela origem comum, entrelaça-nos o destino. São essas afinidades de sangue que nos aproximam e irmanam.

OS BRITO PEIXOTO

Não foi só João de Magalhães, pela sua decendencia, que nos legou o sangue dos Brito Peixoto. E' de presumir que o povoador arrastasse grande numero de parentes. E assim encontrámos entre os primitivos colonizadores do Rio Grande varios membros da familia do fundador da Laguna. Os Magalhães, filhos, já nascidos na Laguna e netos de Francisco de Brito Peixoto, foram soldados e pastores. Davam assim as diretivas da raça. Como soldados foram valentes servindo el-rei e á Patria. Como estancieiros constituíram largas fazendas de criação, localizando-se pelas imediações do Viamão. Sua decendencia hoje se estende por todos os recantos do Rio Grande. E um dos filhos, Luiz de Magalhães que foi para os dominios da Espanha, no Uruguai, é o tronco dessa familia abastada.

Foi João de Magalhães, o Velho, homem de grande carater e virtudes. Morta a primeira mulher, casou-se com a viuva de Manoel dos Santos Roballo, que foi capitão-mór de Sorocaba, e filha do bandeirante coronel João Antunes Maciel. Trouxe esta para o Viamão varias irmãs, troncos de uma dezena de familias illustres do Rio Grande do Sul.

Outro povoador casado com uma Brito Peixoto é Alexandre Guterres, tambem localizado nos campos de Viamão. Deu Guterres origem a familias illustres nas armas e nas virtudes. Descendem dele os Ortiz, que têm como representante o brigadeiro Oliverio José Ortiz, um farrapo de grande valor. Vem dos mesmos troncos os Pedroso de Albuquerque, um ministro da fazenda farroupilha, outro arquimilionario em Mato Grosso.

Sebastião Peixoto, Maria da Guerra, e outros, cuja nominata fôra longa, concorrem com o sangue lagunista dos Brito Peixoto para a formação racial do gaúcho.

Não é só nossa divida para com o fundador da Laguna pelo esforço consideravel de seu contingente para a colonização do Rio Grande. Temos ainda a acrescentar a isso os elementos de sua propria estirpe que vieram enobrecer as nossas origens etnicas.

OS PINTO BANDEIRA

José Pinto Bandeira era, em 1723, como vimos, vereador da Laguna. Fôra cazado com uma Brito, naturalmente da propria familia dos Peixotos. Segundo averiguámos, passou a segundas nupcias com outra lagunista.

Deve ter tambem sido um dos companheiros de João de Magalhães, pois no Rio Grande, em varias estancias, localizam-se seis filhos varões. Entre estes releva notar Francisco Pinto Bandeira, já natural da Laguna. E' Pinto Bandeira, já por si, já por sua descendencia um dos maiores expoentes da audacia e do valor da gente laguneza. Ao ser fundado o Prezidio, Silva Paes, aproveita logo os seus serviços e o faz tenente de Dragões. Desde a mais tenra mocidade vivera entre os minuanos, dos quais aprendera uzos e costumes. Valente, decidido, com verdadeira vocação para as armas, Pinto Bandeira antecede a raça varonil dos gaúchos. Tem a sua estancia nas imediações dos Grayataí. Nela inverte os seus rebanhos que depois conduz para a feira de Sorocaba. Casando com uma filha de Antonio de Souza Fernando, que viêra da Colonia do Sacramento, vê lhe nascer, já no Rio Grande do Sul, o primeiro rebento dessa raça cheia de audacia e de varonilidade que será mais tarde o gaúcho: — Rafael Pinto Bandeira.

E' este o grande fronteiro. A melhor espada do seu tempo. Desde creança acompanha o pai nas suas campanhas. Quando da Demarcação, Gomes Freire que tem Francisco Pinto Bandeira em alta conta, confia-lhe o commando da tranqueira do Rio Pardo. E' aí, neste posto avançado que se processa a fuzão de varios elementos etnicos, de que resulta o tipo heroico do continentista. Sempre na estacada, ora combatendo indios, ora terçando armas com os espanhões, Francisco sóbe todos os postos, até coronel, honrando o sangue lagunense, que lhe corre nas veias. O filho segue-lhe os passos. Excede-o mesmo. A convivencia do gentio aprimora os seus meritos guerreiros. E' o simbolo de uma raça que surge, nas alvoradas da nacionalidade. E cumprindo os imperativos do destino, para a transfusão do sangue americano, enamora-se da filha de um cacique

minuano, deixando desse amor varios rebentes, dentro os quais um que chegou a ser general do Exercito Brasileiro: Rafael Rodrigues Lima.

Larga decendencia deixou no Rio Grande o trengo Pinto Bandeira.

As paginas mais belas da nossa historia guerreira, sempre teve a ilustra-las um digno rebento desse velho povoador do Continente. Vasco, irmão de Rafael, destaca-se de modo notavel. Na conquista das Missões em 1801, cabe-lhe tomar o forte de Santa Tecla, e estugar o passo aos castelhanos na fronteira sul do Rio Grande. Sua atuação aí é notavel. Seus atos heroicos ficam remarcando momentos historicos da terra de São Pedro.

OS PRATES

João Rodrigues Prates foi homem de consideração na governança da vila. Portuguez de nascimento para aqui se transportou, cazando mais tarde com uma lagunista, irmã de Domingos Gomes Ribeiro, sargento-mór, depois povoador do Rio Grande.

Teve varios filhos, todos naturais da Laguna. Em 1723 encontrámo-lo fazendo parte da vereança. E' possivelmente um dos primeiros povoadores do Rio Grande, onde fizera consecutivas entradas para o arrebanhamento de gados que transportava para a feira de Sorocaba. Trasladando-se com a familia para o Continente, aí estabelece uma grande fazenda de criação. Não aliena, porem, os bens que tem na Laguna, onde por seu falecimento se procede a inventario. Em 1750, apesar de já residir no Rio Grande, foi capitão-mór da vila, nomeado por Gomes Freire.

Sua descendencia é illustre. Conta entre os filhos o Padre Francisco. E' o iniciador da plantação e industrialização do linho canhamo, cuja primeira Feitoria, estabelecida em suas proprias terras, no Gravataí, administra por ordem real. E tal

era a promessa da primeira experiencia ali feita que el-rei determina se transfira a Feitoria para o rincão de Cangassú, hoje municipio de Pelotas, onde floreceu até sua mudança para o Faxinal do Coirita, depois São Leopoldo. Era o P. Prates homem de conhecimentos e valor intelectual. Como Padre Mestre deu sobejas provas de competencia. E' um lagunista illustre. Outro Prates, filho do tronco, entrelaçou-se com os Marques de Souza, deixando descendencia nobilissima. Mas, o rebento mais admiravel dessa arvore, pelas suas virtudes evangelicas, pela sua compleição moral, é inegavelmente o Padre Feliciano, primeiro Bispo do Rio Grande do Sul. Foi o Padre Feliciano um santo. Humilde e bom, era um verdadeiro pastor das ovelhas de Cristo. Seu nome é sinonimo de bondade e de amor ao proximo. Suas obras ficaram, no Rio Grande, atestando a beleza da sua grande alma de eleito.

Vem do mesmo tronco Julio Prates de Castilhos. E' o organizador, o Patriarca do Rio Grande republicano. A familia se irradia por varios Estados. Em São Paulo existem varios Prates, destacando-se entre eles o Conde de Prates.

E outros, muitos outros, dessa estirpe illustre, espalham-se pelo Estado, constituindo por entrelaçamento numerosas familias respeitaveis pela posição social que ocupam.

OS BRAZ LOPES

João Braz nasceu em Campos dos Goitacazes vindo para a Laguna onde se cazou com Maria Lopes, daí oriunda. Foi tambem da governança da vila. Fez varias entradas no Continente, sendo o primeiro povoador do Viamão. Deixou tres filhos varões, lagunistas todos, José, Manoel e Miguel Braz Lopes, que foram soldados valentes e fazendeiros de altas posses.

E' um tronco de grande valor. Em todas as campanhas platinas em que contendemos esses valorosos soldados deram provas de grande espirito combativo. Não desmintiram as tra-

dições de seus maiores os descendentes que lhes ficaram. De Braz Lopes procedem os Flores da Cunha. Conheceis paginas admiraveis escritas em nossas contendidas cavalheirescas por esses vultos genuinamente representativos da raça gaúcha.

Vêde: E' o Ibirapuitan. Honorio Lemes, o Leão de Caverá, o tropeiro admiravel das hostes libertadoras, torna intranzitavel a ponte que dá acesso á cidade de Alegrete. Não é só a eficiencia do armamento, a posição quasi inatingivel, como tambem a bravura tradicional do comandante e dos comandados.

Mas, Flores da Cunha rezolveu transpôr a ponte. E' questão de vida ou morte. E dá ordem para a temeraria empreza. Saraiva, encanecido nos combates, valente e destemerozo, adverte: — Coronel! E' uma barbaridade!

— Barbaridade ou não, sigam-me os valentes, — grita Flores da Cunha. — Os que tem medo que fiquem. — E avança. Avança para a morte. Os primeiros esquadrões refluem. Uma cortina de aço, barra-lhes a passagem. Flores toma a frente dos seus homens, e segue, olhando para a frente como se uma força invizivel, atuando, sobrehumana, o impelisse para a gloria. E passam. Na ponte fica outro Flores da Cunha. Morre, para resurgir nas alvoradas heroicas da alma da mocidade gaúcha, de que é um simbolo. Dessa mocidade que ainda morre por ideais para que o Rio Grande seja mais belo e mais gloriozo em cada etapa da sua vida historica. Dessa mocidade que revive, e agora mesmo, desfraldando bandeiras, cantando hinos de esperanza, erguendo alto a sentimentalidade da raça, vós a vistes, coroada pelos vossos sóes, irmanada comvosco, na ideologia de uma nova patria, mais forte e maior, pela qual dava as energias mais puras, desprezando a propria vida.

Retemperados nas tarimbas do Pampa, trabalhados por dois seculos de lutas e de combates gigantescos, não desdourá-mos do sangue lagunista. Esse penacho que os vossos avós collocaram sobre as nossas cabeças, ainda tremúla, e tremulará sempre agitado pelos ventos da liberdade.

OS SOUZA BRASIL

Longe iria neste anotar de fatos á margem de documentos genealogicos, se não temesse abuzar da vossa paciencia. E se o fizesse passaria aos vossos sentidos toda a nossa epopea, a bizarrria da velha raça, o maravilhoso desdobrar das cavalgatas heroicas. E é natural. Não ha hoje, entre os nossos vultos mais representativos quem não tenha na Laguna um tronco primitivo. Fautores de 35, os nossos farroupilhas por um determinismo historico, levaram as suas bandeiras á velha terra primitiva. E se quereis fixar ainda mais essa contribuição que se estende pelos dois mundos, contemplai a figura de Anita, levando á Italia longinqua o sopro vitalizador da bravura catarieta.

Mas, não precisamos ir longe, está junto de vós, cercado pela vossa admiração e pelo vosso respeito, o mais puro rebento da raça lagunista. Recebeste-lo como a um irmão. E nesse contato diario já deveis ter distinguido seus altos meritos, suas virtudes civicas, de genuino gaúcho, rebento desse mesmo tronco comum, de que procedeis. E' o vosso Interventor, o illustre General Ptolomeu Assis Brasil.

Os Souza Brasil são oriundos da Laguna. Um João de Souza Brasil tinha largo comercio na vila. Seduzido pela terra nova se transportou para o Rio Grande do Sul. Aí cazou. Entre outros filhos teve um Francisco de Assis que cazou com uma filha do cirurgião-mór Joaquim de Bemsalinas, sendo o pai do eminente sr. dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil e do genitor do sr. General Ptolomeu de Assis Brasil. Como vêdes, o vosso Interventor não vos é extranho. E' rebento forte da velha arvore que volta para o tronco os braços, envolvendo-o num amplexo afetuoso, por um imperativo do proprio destino.

Felizes dos que semeiam as sementes opimas. Felizes dos que encontram nas velhas seáras esquecidas os frutos que andaram semeando. Honra vos seja a gloria de nos sentirmos irmanados a vós pelos troncos comuns. E podermos, nos grandes momentos, estender os nossos braços para esse entrelaçamento fraternal.

Basta. Compreendestes perfeitamente porque assim vos falo. E' mister que um intercambio mais forte reavive as nossas afinidades raciais. Não devem subsistir fronteiras entre Santa Catarina e Rio Grande. Fronteira supõe separação, e nós somos a mesma gente, temos as mesmas aspirações, vizamos finalidades comuns.

Como irmãos, devemos nos conhecer melhor. E melhor nos entendermos. Esse coeficiente côm que entrastes para a formação racial do gaúcho é o penhor mais alto para a nossa solidariedade. Sejam os solidarios em tudo. Assim como juntos nascemos, no dealbar da nossa vida historica, dessa lendaria Laguna povoadora, sigamos juntos para as gloriosas conquistas de destinos comuns. E se for preciso, para a grandeza da nossa raça morramos juntos nos campos cruentos das batalhas, por que das nossas cinzas, mais belas e mais heroicas, outras gerações surgirão abençoando o sangue que ensopar a terra.

Um dia póde o Brasil se fragmentar. E' a lição eterna que o passado das nações nos aponta. Até o ultimo momento por este espirito cavalheiresco de fronteiros biseculares, o Rio Grande, procurará salvar a unidade nacional. Mas, se isto for impossivel, se compreendermos a nulidade dos nossos sacrificios, então, nós e vós, como nos tempos dos primitivos lagunenses, partiremos para o futuro, unidos e fortes, certos de que somos uma raça, uma consciencia, uma força.

Eu vos concito a essa fraternização racial. O Rio Grande vos estima, vos admira e vos estende os braços. Encontramos de novo numa das encruzilhadas da Historia. Paremos. Entrelacemos os nossos destinos. E se não pudermos salvar a grande Patria, ergamos sobre as nossas cabeças o pavilhão que tremulou sobre as dos nossos avós na heroica decada farroupilha.

Irmãos catarinenses: Eu vos saúdo!

Poetas da Grande Revolução

Conferencia feita pelo dr. Eduardo Duarte
na sessão cívica promovida pelo Centro dos Estu-
dantes Preparatorianos comemorativa do aniver-
sário da revolução farroupilha.

Quiz a diretoria deste brilhante sodalicio de moços que eu aqui viesse, neste dia que evóca a irrupção do épico decenio farroupilha, para com a minha descolorida palavra associar-me á significativa comemoração. Não era possível excusar-me a tão gentil convite.

Habituação já ao silencio dos arquivos, tendo passado a melhor parte da minha existencia na consulta de velhos papeis, revolvendo maços, seleccionando, catalogando, reduzindo, emfim, á letra de fôrma esses preciosos codices que hoje, lembrando um passado glorioso, constituem legitimo orgulho da raça, a mim se me afigura que aos meus jovens patricios, á mocidade que estuda, nada mais agradavel seria do que, na comemoração desta grande data, lembrar os poetas que teve a gloriosa revolução.

Rememoremos, portanto; volvamos os olhos para o passado, concentremos o nosso espirito, tenhamos um pensamento admirativo e cheio de respeito para os cantores que teve o épico decenio que de tão gloriosas tradições enche vasto capitulo da historia regional.

Poetas, a revolução os teve e por vezes tão destemidos no enristar a lança em loucas correrias pelo dorso das verdes coxilhas como em manejar aparada pena, na doçura dos seus cantos, rememorando façanhas que, vezes a fio, tanto celebraram os destemidos homens de então.

Dentre todos refulge, sem duvida, essa figura quasi lendaria de Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena.

Era dos Amarais, fogosa estirpe que tanto lustre deu á historia da grande revolução.

Poetas e guerreiros, esse nome constituia uma bandeira sempre desfraldada ao vento da liberdade, o supremo sonho desses homens que collocaram o seu amor ao torrão em que nasceram acida de tudo, até da propria vida, que jámais regatiam em defesa de um sacrosante ideal.

Quem estuda essa farta documentação existente no nosso arquivo historico, tem diante dos olhos, a todo momento, papéis que nos falam da ação desses famosos guerreiros-poetas que foram os Amarais.

De Sebastião Xavier, dentre os cantores o mais delicado e de maior poder intelectual, pouco tempo faz, tivemos em mão um documento que em breve será estampado em letra de fôrma. E' um papel que nos mostra Sebastião Xavier, na sua invulgar energia, salvando a sua terra ameaçada de uma chacina. Citemos o fato que o originou.

Bento Manoel, o grande cabo de guerra de atuação tão mal estudada ainda hoje, um centenario a bater-nos ás portas, sitiava a sempre heroica cidade de Rio Pardo, estando suas forças acampadas na coxilha proxima.

Rio Pardo, tradicionalmente farroupilha, recebe uma carta do punho de Bento Manoel, ameaçando-a de ali entrar, espada desembainhada, para castigar seus rebeldes moradores.

A camara municipal tinha, entretanto, á sua frente, a figura inconfundivel de Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena.

Quereis saber qual a resposta dada ao famoso guerreiro?

— Póde V. Exa. vir com a sua espada desembainhada; a cidade está desguarnecida, as portas abertas, a chacina será facil. Mas, porque V. Exa. não desembainha a sua espada contra as hostes de Bento Gonçalves que aí estão, bem perto da sua coluna, na coxilha em frente?

Bento Manoel deixou Rio Pardo em paz.

Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena, foi o maior dos poetas da grande revolução. Os seus versos, de puro clas-

sicismo, revelam o poder de uma bela intelligencia, não só adestrada nos segredos da difficil arte de versejar, como em possuir conhecimentos que só são adquiridos na intimidade dos autores que evocam remótas éras.

Cantou como mestre: doutrinou com alta sabedoria; exaltou os grandes lances da época com tal valor que os seus formosos versos valiam por feitos ganhos ás hostes inimigas.

Citemos alguns delles, para vosso deleite, na suave recordação do excelso poeta.

Eis um delicado soneto, dedicado a Bento Gonçalves, no qual plasma a sua admiração pelo grande chefe farroupilha:

Tu que, banhado em sangue, antes quizeste
Ao sepulchro descer, Tiberio Graccho,
Do que deixar que o desvalido fraco
Sujeito fosse ao rico, a quem venceste:

Tu, que renome excelso mereceste
Por leis mais sãs que as de Licurgo e Draco;
Por leis que intimidando a Pluto e Caco,
A bem da patria, justo proposeste:

Resurge desse Tibre, onde um romano
Mandou-te arremessar, féro, iracundo,
Mostrando que era um monstro deshumano...

E sêr-te-á grato conhecer a fundo,
Que hoje te iguala Bento americano,
Assombro dos heróes do novo mundo.

Ainda outro rememorativo da vitoria alcançada por Bento Gonçalves contra as hostes de Bento Manoel na ação junto á vila Setembrina (Viamão):

Voar co'a rapidez do ardente raio
A defender da patria a liberdade;
Desbaratar as hostes da maldade,
D'arte da guerra num ligeiro ensaio.
Infundir o terror, o vil desmaio
Nos antros da medonha iniquidade;
Sustentando o direito da igualdade
Com fé mais sã que a do facundo Caio;

Tingir com sangue do contrario bando
O campo de cadaveres coberto,
Nenhum dos seus ali morto ficando;
Eis o que o mundo houvera por incerto;
Mas, o que Bento, a Cezar assombrando,
De Viamão nos campos fez de certo.

Nesse encontro, em que tomou parte o poeta, a 6 de setembro de 1836, 39 legalistas ficaram mortos; dos farrapos apenas um ficou ferido, vindo a falecer horas depois. E' de notar que todos os mortos foram conduzidos em carretas para o cemiterio de Viamão, onde, com assistencia do vigario, foram sepultados pelos proprios revolucionarios. Admiravel a gente daqueles tempos!

Fervoroso admirador do chefe da grande revolução, de que foi partidario estremado, Bento Gonçalves lhe inspirou nos primeiros dias do levante os dois magnificos sonetos que vamos ler:

Varão egregio, brasileiro honrado,
Guerreiro illustre, cidadão prestante.
Bem como a fama ao povo mais distante
Leva teu claro nome assignalado;

Assim a terra, o céu, o mar irado
Respeitem cada dia e cada instante
Tua memoria excelsa, radiante,
Teu grão patriotismo decantado.

Propicio te olhe sempre o summo Jove,
E ao lado de Guilherme a historia pura
Lugar te dê, que a liberdade approve.

Em ti se encerra a publica ventura...
Não vacilles, heróe, o bem promove
Desta terra, onde o nome teu fulgura.

A revolução irrompeu, como se sabe, a 20 de setembro, e, nesse dia, as forças de Onofre, após um encontro na ponte da Azenha, do qual saíu vencedor contra as forças comandadas pelo major visconde de Camamú, entraram na capital obrigando á fuga o presidente Antonio Rodrigues Fernandes Braga.

Esse encontro, ou melhor a fuga precipitada de Fernandes Braga, motivou este soneto que é uma exaltação ao valor do chefe da grande revolução:

Altivos muros firmes impedião
De animoso inimigo a marcha ousada;
Este avança co'a musica ajustada
Das trombetas, que os peitos influirão.
Eis que de susto e de pavor infião
Os contrarios, ao ver Bellona irada!
Cahem por terra os muros de pancada,
E aquelles que inda á pouco os guarnecião!
Não de outra sorte, ó Bento valoroso,
A' pouco aconteceu nessa cidade,
Mal te avistou o déspota medroso.
Dissipou-se a facção da iniquidade;
Fugiu o despotismo pavoroso;
Triumphou com teu braço a liberdade.

O major de linha José Mariano de Matos teve saliente atuação no épico decenio; ministro da guerra na Republica, foi Mariano de Mattos, posteriormente, no Imperio, um dos mais illustres titulares da pasta da Guerra.

O fato, que pouco conhecido é, não deixa de ser interessante, sabendo-se que pelos condições de paz, firmadas em 1.º de março de 1844, os officiaes da Republica foram reconhecidos nos mesmos postos no exercito do Imperio.

José Mariano de Matos, a proposito do processo a que foi submetido por crime de sedição, foi pelo poeta cantado no seguinte soneto:

Tendo por norte o bem da humanidade,
Aqui doma o furor da tyrannia,
Ali atalha só males d'anarchia
Lafayette, o heróe da liberdade
Eis se assanha contra elle a iniquidade,
A cega multidão o calumnía,
E a côrte, em que reinava a hypocrisia,
Traidor o julga ao rei, contra a verdade.

Tal te acontece, ó Mattos virtuoso.
Na mente de teus baixos detractores,
Por teu amor á Patria, és criminoso.
Mas, se te pinta com terriveis cores
Juiz corrupto, um povo respeitoso
Orla o teu nome d'immortaes louvores.

Outra figura de irradiante simpatia entre os chefes de 35, tem notavel destaque o major João Manoel de Lima e Silva.

Descendente de gloriosa estirpe de generais de largo fulgor na historia rio-grandense, o major Lima e Silva, embora nascido fóra da provincia, apaixonou-se pelo grande ideal incorporando-se á revolução e nela morrendo em Caçapava, onde ainda ha pouco toquei, cheio de veneração, o marmore que véla os seus preciosos despojos.

Sebastião Xavier teve para o extraordinario vulto o patriotico soneto que ides ouvir:

Cidadão militar, preclaro Lima,
Perante quem não vinga a baixa intriga.
Teu nome a inveja a esbravejar obriga;
Teu nome aterra os máos, os bons anima.
Neste povo brioso, cuja estima
Te deparou a liberdade amiga,
Não temas não que a chusma vil consiga
Tua gloria offuscar, que a desanima.
Embora brame o feio corcundismo;
Ruja e remôrda os labios venenosos
O intolerante, cego despotismo;
Do Pardo Rio os filhos valerosos,
Nas aras do immortal patriotismo,
Te põe ao lado dos Catões famosos.

Elogio, poesia recitada no teatro de Piratini, na sessão comemorativa do segundo aniversario da proclamação da republica, é um grito de são patriotismo. São versos em que vibra a alma ardente de Sebastião Xavier, espirito profundamente republicano, ideal de que jamais se afastou em sua longa existencia, pois faleceu em avançada idade, na sua sempre amada Rio Pardo.

ELOGIO

Povos livres d'America abundante!
Cultas nações da memoranda Europa!
Exultai de prazer co'a marcha ufana
Que o progresso das luzes apresenta
Neste solo ditoso onde a virtude,
Fugindo de mil despotas horrendos
Que innumeras nações tem devastado,
Veiu firmar seu throno sacrosanto.
Bramindo em vão, no tartaro medonho,
As negras três irmãs formam conselho.
Em vão, a intriga, a inveja, a hypocrisia,
A vingança, a traição, a atroz calumnia
Dali partem concordes em seu plano
A' côrte do Brasil onde derramão
N'alma cruel do rábido regente,
E na mente de estultos escriptores
O veneno que as férvidas entranhas
Lhes rói com viva dôr e desconcerta
Os cerebros ardentes e mesquinhos.
Vociferaí, vociferaí a salvo
Caterva escura d'infimos pedantes;
Bramai contra a razão, contra a virtude.
Julgaes que vossa voz, vossa impostura
Da razão na balança, ostentão peso?
Correi-vos, charlatães enfatuados,
Correi-vos, vil escoria da ignorancia.
Não entra em lida a fúlgida Minerva
Co'a gorda estupidez de vesgos olhos,
Deosa que vos inspira e cujo throno
Em Coimbra os cegos lusos erigirão;
Nem volve a face á terra o irmão de Phebo,
Quando a canina voz contra ella sôa,
Mas, alegre e serena em sua marcha,
Continúa a correr o espaço certo
Que lhe traçou a mão do Omnipotente.
E vós, ó cidadãos de alheios povos,
Que amaes a patria, amaes a liberdade,

Mas tendes o desgosto insupportavel
De viver constrangidos sob o jugo
De um rei, perante o qual dobraes o joelho;
De um rei, que em vez de ter nossas virtudes,
E' de vicios e crimes o modelo,
E por elles jamais é responsavel;
Fazei, fazei justiça ao Sul brioso.
Seus filhos denodados e prudentes,
Depois de supportarem longo tempo
Os rigores de dous mandões soberbos,
Que, apoiados por um governo inepto
Truculentos projectos meditavão,
Levantarão-se alfim, e afugentando
Do solo seu esses mandões térriveis,
Buscarão logo, com prazer immenso,
Unir-se a seus irmãos, os brasileiros ...
Sendo, porem, quaes féras perseguidos
Por seu governo, e até por portuguezes,
Arvorarão magnanimos e fortes,
A' frente de Esquadrões disciplinados,
O tricolor pendão da liberdade,
Sol das nações, eclipse dos tyrannos,
Neste fecundo solo, enriquecido
Pelos dons de Pomona, Ceres, Flora,
Neste fecundo solo onde Amalthéa
Impera com prazer entre os viventes,
Fundarão cidadãos iguaes aos Gracchos,
Aos Brutos, aos Valerios e Catões,
Uma illustre republica firmada
Nas bases da equidade e da justiça.
Desta excelsa republica nascente
Partirão philosophicos principios,
Que as provincias irmãs, que oppressas gemem,
Levarão, sobre as asas da memoria,
Fraternidade, paz, independencia,
Tolerancia, concordia e liberdade,
Sem a qual a virtude sobre a terra
E' um fantasma vão, mesquinho parto

De autores charlatães e visionarios.
 Embora aqui vejaes, ó patriotas,
 Do bojo circular do bronze duro
 Partir veloz, envolta em denso fumo,
 A furibunda, repentina morte.
 Embora diviseis nossas campinas
 Convertidas em tristes cemitérios!
 A mão do despotismo unicamente
 A autora foi dessas funéreas scenas.
 Também Guilherme Tell, e o de Orange,
 Washington, Bolívar, San Martin,
 Grandes heróes, da humanidade amigos,
 A bem da patria, a bem de oppressos povos,
 Mil vidas lastimózos arrancarão
 Dos escravos de pessimos tyrannos.
 Fazei, ó cidadãos, fazei justiça
 Do Rio Grande aos filhos valerózos.
 Alegrai-vos, ó povos soberanos!
 Que é hoje a vez segunda que, formoso,
 Raia o seis de novembro memoravel,
 Dia d'almo prazer, dia de gloria,
 Em que os filhos do Sul brioso e livre
 Fazendo frente ao brasileiro imperio,
 Proclamarão a face do universo.
 A republica illustre rio-grandense.
 Tyrannos, respeitai tão fausto dia!
 E vós, concidadãos, gravai-o n'alma;
 Rendei-lhe os corações, rendei-lhe cultos,
 P'ra que entre os grandes, memoraveis dias,
 Este seja o maior do mundo aos olhos.

* * *

Os Fontouras! Teve também essa legendaria familia os seus poetas; de Francisco Pinto, o Chiquinho da Vovó, todos vós conheceis o hino rio-grandense, cuja letra é sua.

De Antonio Paulo, Antonio Paulino, como era conhecido, magnificos versos chegam até nós. Grande admirador do

bravo general João Antonio da Silveira, valente espada farroupilha, Antonio Paulino dedicou-lhe este lindo soneto:

Cálem-se gregos, cálem-se romanos,
 Não mais modêlos de heroismo e gloria,
 Que em João Antonio marca a nova historia
 Heróe, typo de heróes republicanos.

Do Sul estrella e raio dos tyrannos,
 Sem os crimes que nascem da victoria,
 Na pratica conserva e na memoria
 Os austeros costumes espartanos.

Na corrupção geral não se deprava,
 Antes com a virtude de mais se lia
 Su'alma, que não é do vicio escrava.

Falte-lhe embora um pouco de energia
 Fica o homem que o cynico buscava
 Com lanterna na mão ao meio dia.

E' ainda o mesmo general João Antonio da Silveira quem inspira ao poeta estes conhecidos versinhos, em 1841:

Quem virtuoso se mostra,
 Sem o vicio da ambição:
 João.

Quem persegue sem descanso
 O caramurú demonio?
 Antonio.

Qual é a valente espada,
 Que brilha em nossa fileira?
 Silveira.

— Erija-se um templo agora
 A essa espada primeira;
 E imite, quem quer ser grande
 João Antonio da Silveira.

Era Antonio Paulino um forte improvisador, o que prova a afirmativa de respeitavel testemunho, cujo depoimento possuímos.

A' 19 de setembro de 1836, com o levantamento do cêrco de Porto Alegre, Bento Gonçalves á frente da sua coluna efetuou a passagem da ponte da Cachoeira com grande habilidade, sem que o inimigo o perturbasse. O fato foi muito celebrado e, após o mesmo, o poeta recitou de improviso, diante de Bento Gonçalves e toda a officialidade da columna, este soneto:

Se Cézar, Alexandre e Bonaparte
Existissem aqui presentemente,
E se te vissem, desta força á frente,
Deixar o imigo á esquerda e dextra parte;
E por entre os trovões do horrendo Marte,
Qual em parada dirigir a gente;
Chegar a posição mais imminente,
E então da guerra obrar prodigios d'arte;
Retirar a bagagem numerosa,
E sem perder no fogo um só soldado,
Passar a ponte, em ordem primorosa;
Assim terião todos três bradado:
Oh! retirada eterna e gloriosa;
E's o mestre da guerra, Bento ousado!...

Antonio de Souza Neto, outro dos grandes chefes da revolução, tendo anulado com forças do seu comando, uma partida de Gabriel Gomes Lisboa, em Triunfo, foi também decantado pelo poeta, neste soneto:

General de valor e de honra armado,
Que, por salvar a patria carinhosa,
Deixa o mando da força respeitosa
E aos perigos maiores corre ousado:
General, cujo braço exp'rimentado
Torna hoje a liberdade vigorosa:
Que debellando a escravidão raivosa,
Tem a Silva prendido e destronado
General, que aos retrogrados sitia,
E um seu chefe cruel no negro averno,
Com cem corpos mandou n'um mesmo dia:

Da patria bem merece o amor interno;
 E deve o nome seu, com alegria,
 Na republica nossa ser eterno.

* * *

Francisco de Paula do Amaral Sarmiento Mena foi um dos mais ilustres officiais que deu a sua vida em holocausto á causa que ardentemente defendia. Prestemos-lhe a nossa homenagem, nesta assembléa de moços, recordando o seu ultimo ato de heroismo.

Porto Alegre, já em poder do legalismo, estava por todos os lados cercada pelos farrapos. Do 8.º Batalhão de Caçadores, força disciplinada pelo major Lima e Silva, saíram 23 soldados que, transpondo a trincheira da Azenha, entregaram-se á caça de soldados da revolução que por ali passassem. Os liberais, porém, estavam alértas e uma partida de 40 homens, sob o comando de outro Amaral, Antonio Manoel, impediu-lhes o passo. A guerrilha foi travada, sendo o sangue do brioso comandante o primeiro que banhou o solo, sem entretanto abater-lhe o animo.

Foi nesse interim que o coronel Francisco de Paula do Amaral Sarmiento Mena, ouvindo o troteio, partiu a toda brida para o local da luta; assumindo o comando da força, com ela carregou de espada em punho. A pugna foi terrivel, encarniçada, e dentro em pouco dos 23 legalistas 19 jaziam por terra, mortos, três rendidos e o ultimo, com um golpe de espada no rosto, morria alguns dias depois.

Mui caro custou porém esta vitoria, pois, passada a refréga, Francisco de Paula recebe um grave ferimento de uma bala vinda da trincheira inimiga. Isto foi a 16 de julho de 1836 e dois dias depois expirava o ultimo alento de vida o bravo comandante farroupilha.

Ouçamos este sentidissimo soneto, distribuido no dia seguinte á sua morte:

Tranquillo no teu fim como Juliano
 Espiraste, Amaral, mortos deixando
 Vinte malvados do contrario bando,
 Escravos de Feijó, cruel tyranno.

Em vão esse regente deshumano
Irado contra nós se vai mostrando;
Em vão vai nossa patria devastando,
Querendo executar terrivel plano.

As ideias da sã democracia,
Que inspiraste, Amaral, á tua gente,
Não baixarão contigo á campa fria.

Justiça ha de fazer-te o Sul prudente,
Quando em fim proclamar com alegria
A republica livre e independente.

Ainda sobre o doloroso fato escreveu Serafim Francisco
de Alencastro, outro poeta da grande revolução:

Aniquilaste, ó Mena uma partida
De traidores, que males mil causarão,
Porem, salvando della os que implorarão
Tua clemencia, nunca desmentida.

Ao falso Silva féra aborrecida,
Que os liberaes, „nas Pombas“, prisionarão,
Tuas ordens beneficas livrarão
De perder entre o vulgo a triste vida.

Prudente cidadão, guerreiro humano!
Distincto patriota, homem honrado!
Victima fôste de um governo insano!!

Não morreste em ficções embarçado.
Eu te venero, heróe republicano,
E choro a falta que nos tens causado!

De relancina já vos falei de Bento Manoel, cabo de guerra
de indiscutivel valentia e alto valor estrategico. A vida desse
guerreiro, ainda não bem estudada, pelo menos no que con-
cerne á epopéa farroupilha, é muito discutida, pois serviu a
ambos os partidos, ora com a revolução, ora com o imperia-
lismo. Era natural de São Paulo (Sorocaba), e o poeta decan-
ta-o em versos candentes como ferro em braza.

Ouvi este soneto ao „cangalheiro“, como os farrapos chamavam a Bento Manoel:

As armas empunhar contra o malvado
 Que escravisar a patria pretendia
 Desamparar a patria n'outro dia
 E escravo ser d'um despota execrado;
 Ter ao Sul viva guerra declarado
 Por que este a liberdade pretendia
 Vir ao sul defender com alegria
 Por ter este a republica fundado.
 Ter no Imperio o gráo de Brigadeiro,
 Ser da Republica um General,
 Voltar ao posto seu primeiro.
 Ser homem sem caracter e sem moral
 Eis aqui o que fez o cangalheiro
 De Coritiba estúpido animal.

* * *

José Pinheiro de Ulhôa Cintra, outro poeta da Grande Revolução. Guerreiro e diplomata, homem de vasto saber, foi também inspirado cantor; dos seus versos aí vai este soneto, em que o poeta, num grito de dôr e de patriotismo, celebra *A morte de um bravo*. É dedicado á memoria do major José Ignacio Pereira, morto heroicamente no ataque levado á vila de São José do Norte, pelos revolucionarios, em 16 de julho de 1840.

É de notar que este soneto foi recitado ainda em 1898, de memória, pelo capitão Joaquim Gonçalves da Silva, filho de Bento Gonçalves, e contemporaneo daquêlê ataque.

Vulcões de fogo o bronze vomitava
 em terra e mar, ensanguentada morte,
 alçando a dura mão no afflicto Norte,
 cadaveres sem conta amontava.

Heróe Pereira intrepido marchava
 dos seus na frente, denodado e forte,
 zombando dos perigos e da sorte,
 com nobre exemplo aos outros animava.

Imigas hostes abatidas via
e, quando ia ganhar alta victoria,
ferido de uma bala arqueja e expira.

Morreu um bravo, mas ficou-lhe a gloria;
saudosa a patria por elle inda suspira.
Quanto é digna de inveja esta memoria!

* * *

Antonio Vicente da Fontoura... Quem, por aí a fóra, terá lido algumas paginas desse grande capítulo que é o decennio farroupilha na história regional que não se sinta de pronto empolgado pela figura de Antonio Vicente da Fontoura?

Foi um homem de puras intenções, republicano convicto, um caracter na acepção do vocábulo.

Aliando a essas qualidades, Antonio Vicente se nos mostra ainda, através de um diario que constitúe preciosa matéria ao estudo dos ultimos dias da revolução, um chefe de familia digno de imitação.

Em campanha, durante largo periodo de tempo, os momentos que lhe sobravam da árdua tarefa, dedicava-os á familia, á sua Clarinda, ás suas duas filhas que eram o enlevo dos seus olhos, e daí a elevada quantidade de versos que temos encontrado, de sua lavra, nos arquivos que vamos desdobrando.

Cantava com amor e sentimento, com elevação de espirito, pelo cerebro e pelo coração, sem se preocupar muitas vezes com as exigencias da metrificação, das regras que constituem a tortura do verso... e do versejador.

Canta o poeta a saudade dos entes seus queridos, isto em 22 de abril de 1844, precedendo as redondilhas que se seguem com as seguintes palavras á esposa amante:

„Hoje mais que nunca tenho sentido todo o poder da saudade... Em nada achava distracção. Já de aborrecido, pego na pena e entro a fazer umas letrinhas. A *saudade*. Nem consoantes eu achava, quando de improviso, me lembro que, em algum serão das noites de inverno, hei de ouvir tu cantares estas mesmas letrinhas e naquelle tom com que costumavas cantar a *Veloz borboleta*; e por tal lembrança, ou porque qui-

zesse a saudade tambem uma homenagem, affluiram tanto as consoantes que, sem saber como, em um instante, fiz o hymno seguinte“:

Aos golpes da sorte
resiste o meu peito,
e só á Saudade
se rende sujeito.

Austéra Saudade,
não tens razão;
dominar queres
no meu coração.

Julgas acaso
que, por distante,
possa esquecer-me
da esposa amante?

Austera saudade,
não tens rasão;
ella está sempre
no meu coração.

Não tenho na idéa
os gestos meiguinhos,
bem retratados,
dos caros filhinhos?

Austéra saudade,
não tens rasão;
elles tem parte
no meu coração.

Mas ah! que delirio
tenho na mente!
Não! não me deixes,
amiga innocente!

Meiga saudade,
por compaixão,
domina e impera
no meu coração!

Comtigo sou forte,
redobro o vigor;
affronto o destino
e o fado traidor.

Meiga saudade,
divisa e brazão
da alma sensível,
do bom coração!

Muito vulgar era, na época, versejar glozando o mote. Uma sentença era exposta ao poeta, em um ou mais versos, e este compunha uma estrofe, em cujos versos finais eram aproveitados os da sentença. Antonio Vicente era exímio nesse género de poesia, e do Diário citado transcrevo o trecho de uma carta dirigida á esposa, acompanhada de uma gloza.

„Hontem não te escrevi, porque mudamos de campo, e marchamos como uma legoa ao longe da costa do arroio; não era já cedo quando principiei a fazer uns versos para uma quadra que me deu, e pediu o tenente-coronel Rocha a glozasse; e como não tenho achado um campo formoso para riscar, estive com isto entretido, e para que os vejas, aqui vou transcrever.“

Quem deixa o patrio logar.
Arremeda o passarinho,
Que buscando o clima alheio.
Perde a Patria, e perde o ninho.

GLOZA

Quem da patria a aura respira
minora angustia do fado;
e não é tão desgraçado
quem de amor nella suspira,
como aquelle que delira
da auzencia no duro penar;
pois por contraste singular
como o Amante e Patria querida,
quasi deixa a doce vida,
quem deixa o patrio lugar.

Seja embora a Natureza
mais prodiga n'outro clima;
junte-se a ella o que se estima,
das artes por mais belleza,
que da patria a singelleza
tem p'ra mim mais grato alinho,
pois o estrangeiro caminho
quem não vê quão vacillante,
o lasso, e triste viajante
arremeda ao passarinho?

Mil vezes na patria quero,
dubio Fado, tudo soffrer;
quero mesmo pobre viver,
entre o povo meu sincero,
porque nisso não altero
delicias do nativo seio;
delicias cujo recreio
tem um sabor tão singular
que antes morto no patrio lar
que buscando o clima alheio!

Da Thracia gente o Cantor,
o inferno doma, e rende
e da França se desprende,
de Lafayete o nobre ardor:
um pela esposa o move amor;
outro aos despotas é azinho,
e só assim não é mesquinho
quem com tal heroicidade
pelo Amor e Liberdade
perde a patria, e perde o ninho.

Diversos episodios da revolução cantou Antonio Vicente, e nos sonetos que vou lêr, transparece a alma ardente do poeta-guerreiro, identificada na causa que amou e defendeu e da qual, durante sua existencia, colheu amargos dissabores.

SONETO n.º 1

Das innocentes filhinhos rodeada,
com afflicção envolta e em tristeza,
grave e fido, emblema da pureza,
em sonho te vi, esposa amada.

E a fraca voz levantando maguada
ao supremo autor da natureza,
com amargo pranto e singelleza
pedias minha soltura desejada.

Assustado, acordo vacilante
e no leito todo, em vão procuro
por ti, pelas filhinhos, delirante.

O engano conheço, acerbo, duro;
conheço que estou de ti distante,
maldito a sorte e a Morpheu perjurado.

(S. Gabriel, 21 de agosto de 1836,
Quando estive preso).

SONETO n.º 2

Não se curva ao mandão, ao vil traidor,
uma alma liberal, um peito forte,
e dos revêzes da cruenta sorte,
impavido zomba com alto valor.

Embora os escravos, cheios de furor,
aterrorisando a tímida consorte,
protestem minha perseguição e morte,
em sua raiva ardendo, em seu horror.

Em vão falso patricio, iniquamente
com a impia lingua detratora
censure o meu proceder innocente;

Pois se da Liberdade abrazadora
a sacra chama não nutrisse ardente,
o apellido deixaria de Fontoura.

(Em resposta á ultima carta de con-
vite de B. M.)

SONETO n.º 3

No sul o Rio Grande e o Pará ao norte,
cansados de soffrer, sempre opprimidos,
por despotas infernaes, e retraídos,
a Nitheroy supplicam melhor sorte.

Com guerra responde, destruição e morte,
esse covil de lusos embrutecidos,
desprezando os provincianos gemidos,
á sanha entregando-nos de Mavorte.

Ao throno traindo, á liberdade,
e á justiça de um povo inteiro
os tramas apoiando da iniquidade;

dest'arte o impio governo brasileiro,
sem moral, sem rasão, sem lealdade,
no iniquo quer ser só, ou ser primeiro.

SONETO n.º 4

A ti traidor Bento Manoel Ribeiro,
vil escravo do pudor e da ambição,
se deve da patria a escravidão,
o lusitano jugo e captiveiro;

o sangue derramado brasileiro,
a insolita e canibal perseguição,
de nossos caros penates violação,
a ruina emfim de um povo inteiro.

Mas dias virá que tu, Protheu indino,
em ira acceso e em vingança armado,
terceira vez sejas traidor malino.

Esse partido por ti idolatrado
receba o castigo de que é dino
por quem já duas vezes tem mudado.

SONETO n.º 5

Oh patria, terreno idolatrado,
 amavel continente, solo ditoso,
 delicias do universo, paiz mimoso,
 de mil nações sempre invejado;
 tua gloria emfim, transpondo ao fado,
 desterrando o jugo vil e affrontoso,
 ha de o dia tocar mais venturoso,
 do coração rio-grandense desejado.

Embora infenso bando lusitano,
 infima condição, barbara gente,
 hoje se ostente fero e insano,
 do teu jugo servil sempre impaciente,
 elles deixarão o paiz americano,
 a Jove cedendo omnipotente.

SONETO n.º 6

Morreste Potenciano! Mas teu fado
 por timbre teu não triumphou sem custo;
 e ardendo em gloria, o coração robusto
 a inimigos tres acommete ousado.

Já um opprime a terra, outro é cortado,
 quando a invicta dextra, alheia ao susto,
 cede vencedora ao destino injusto,
 depois que a forte espada tem quebrado.

Indefeso luctando mais se anima,
 á vista da inimiga força ingente,
 peito que o valor e a virtude reanima.

Assim desce á tumba o varão potente,
 porque vida sem gloria em nada estima
 o bellico filho do continente.

Tornemos ainda aos Amarais. E como não ver assim, si, estirpe de poetas e guerreiros, toda a familia aderio á revolução, talvez mesmo ateando-lhe o facho, e dela foi sustentaculo em luta ferrenha contra os poderes centrais?

Francisco de Paula do Amaral Sarmento Mena, foi, como se disse ao principio, morto nos arredores de Porto Alegre, quando a revolução em seus primórdios. Era um poeta de larga inspiração, a par de superior aptidão para a carreira das armas, pois foi soldado dragão, desse regimento de tão bôla ascendencia na formação racial do então continente de São Pedro do Rio Grande.

Os sonetos que nos legou, são admiraveis no estilo e na concepção; ódes compoz, e muitas, sendo original nesse genero de poesia, destacando-se, entre todas, a que ides ouvir, pela grandeza do assunto que revêla. Ouvi.

EPISTOLA PROTESTATIVA E LAUDATICA.

Aos Illmos. Srs. Boaventura Alves Ferreira, Marcos Alves de Azambuja, José Victorino Pereira, Joaquim Victoriano Ourique, José Maria do Amaral Sarmento Menna, Francisco de Paula Menna Barreto, Agostinho José Pires da Silveira, Antonio Prudente da Fonseca, Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Menna, Vicente Ferreira Soares Leiria e Joaquim Antonio de Borba, amigos por gratidão e sympathia.

Não é astuta adulação bifronte,
os deleites não são de amor jocundo,
nem são de heróes athleticas façanhas,
que me outorgam buscar, no Pindo ameno,
das nove irmãs a doce melodia,
o nobre estylo, a cithara cadente,
para em quadro pintar, tumido e ledô,
bellicosos Quichotes, ou momentos
de glorias marciaes e deleitosas:
és tu sómente, celica amizade,
e tu tambem, ó gratidão divina,
que obrigam tarefa tão sublime
sobre os vossos delubros sacrosantos.

Ferreira probó, amavel, delicado,
 tu tens tanto poder nest'alma tua,
 que, para te ageitar caudaes de encomios,
 nem de Apollo os caudaes me contentaram.
 Azambuja inconcusso, rico, intenso,
 só a tua presença, ah! quantas vezes
 meus damnos aterrou, calcou meus astres!
 Fataes suspiros, a saudade brusca,
 intrinsecos martyrios, como sempre
 numa lerna me deitam, bruna, horrivel,
 no existuro feroz que me condemna!
 Querido, jovial, bello Pereira,

a tua lealdade inabalavel
 me tem feito captivo e de tal sorte
 que, por Jupiter grande, te asseguro
 tornar-me inda mais digno dos effluvios
 com que tua amizade aos céos de Flora
 me guia, me transpõe, me eleva e c'rôa.

Indulgente, constante, Ourique amavel,
 epithetos não acho, que me agradem
 para exarar adeptos a teu nome;
 e nem cores encontro com que possa
 traçar quanto te almejo, quanto te amo.

Idolatrado, caroavel Menna,
 pelos genios, que a nós diversificam,
 quanto te adoro, irmão, tu não ponderas.
 Ah! Se eu podera abrir, mostrar-te o peito,
 tu verias então, tu conheceras
 quanto reinas emfim, quanto possues
 neste meu coração, que, repartido,
 maior parte talvez a ti coubera.

Grande Barreto, amigo, bom parente,
 o tempo ha de ir mostrando, em si confio,
 quanto incenso os adubos que te elevam,
 no emtanto acceita os votos que te brindo,
 votos de dilecção, votos de affecto.

Agradecido, lepido Silveira,
Silveira jovial, julgo mister
gratulos sentimentos aclarar-t'os;
e offendera talvez o teu melindre,
se te não confessasse o quanto e quanto
dá-te o meu coração ingresso franco.

Ingente e benemerito Fonseca,
a fortuna de ver-te e frequentar-te,
deu-me a gloria, o logar de conhecer-te
e a ventura tambem de pôr, qual ponho,
a par do nome teu, que honra meu nome,
os epithetos — firme e caroavel,
offertando-te o jús incontrastavel
á minha gratidão, aos meus respeitos.

Agradavel Sarmento! Ah! Se não fora
a que devo guardar, modestia parca,
distinctos predicaos t'os pintara
que exabundam em ti; mas entrementes
puros, duplices votos de amizade,
protestos de firmeza, irmão recebe.

Excellent moral te honra o caracter,
visiveis sentimentos te abrilhantam
honras a gratidão honras o amigo,
immutavel fiel, caro Leiria,
a quem sou já por gloria e por costume
tributario de affecto, lhano e fido.

E tu, Borba conspicuo, vate arguto,
são tantas as deidades que te ad'reçam,
que nem de Elpino o sublimado engenho,
os igneos filhos de seu éstro douto
com amplitude a descrever bastara.
Demissa adulação, que desconheces,
erudita moral, que te ergue o nome,
e tudo mais, que a fama te realça,

em mim tem assentado de tal forma
o alcaçar onde taes virtudes moram,
que nem do tempo estragador a foice
poderá derribar tão grande forte.

Sim amigos, no quadro que apresento,
doce painel, que na memoria trago,
consiste immensa causa, immenso germen,
por que a vida conservo e a vida prezo.

As vossas amizades, quantas vezes
na gemnia carrancuda de meus males,
de antidoto efficaz, promptas, me valem!

Quando, por fado, ás vezes, na tristeza,
na escura solidão no desespero,

me entranho pelo amor, pelo ciume,
ciume tão cruel, que ganha a morte,
vossos conselhos tornam-se brilhantes
os raios da razão sobre minha alma:

e os monstros que até ali me devoravam,
mansos se tornam, tornam-se pacificos.

As furias, quantas vezes dando pasto
pelo vil despotismo e seus collegas,
vossos bellos, jocosos apophthegmas,
vossos dictos galantes devolvendo,
com mil finezas, em meu rosto Fugia
de tão medonho inferno vem salvar-me!

E quando sobre as garras da pobreza
envolvido me vejo, sois vós mesmos
que esta féra também m'a dilaceram,
fera tres vezes mais que as mesmas féras,

embora os zoilos denegrir intentem
a minha confissão que, voluntaria,
ante o altar da gloria e da amizade
e de alta gratidão, vaidoso presto.

Quem deve tributar, deve o tributo;
dado que seja, a obrigação se cumpre,
vence a equidade e folga a consciencia.

* * *

Outro poeta farroupilha aqui apresento; nome pouco conhecido, pelo menos como cantor das musas. E' o cidadão João Machado da Silveira que consagra uma poesia ao coronel Francisco de Paula do Amaral Sarmento Mena, seu parente e amigo.

E' curioso notar como o decenio farroupilha foi fertil em poetas. O acervo que possuímos é grande, pois o que aqui vamos expondo apenas vos dá ligeira amostra do que temos arquivado.

Homens houve que, apenas sabendo ler e escrever, o indispensavel para a pratica da vida, de tal fórma se identificavam com as musas que produziam versos com uma facilidade verdadeiramente pasmosa, com os quais vêm deleitando successivas gerações e chegam até nós, constituindo hoje o assunto desta significativa comemoração.

EPISTOLA.

Foram lidos por mim os versos teus,
carissimo Sarmento, amigo puro,
Oxalá que eu pudesse, combinando
a tua produção, a mente tua,
teus influxos seguir, seguir teus votos.
Que feliz, que ditoso não seria,
se, apartado dos homens, numa gruta,
pudesse ali passar meus curtos dias:
Os publicos grilhões, com que o destino
meus pulsos algemou, tiram-me a gloria
de affeito emprehender altas proezas.
Mediocre fortuna, estado humilde,
são coizas que captivam, que me enlevam,
são cousas de alto preço ao homem puro.
Assim os entes todos combinassem
trazendo por pharol estes principios.
Se no meu pensamento, idéas minhas,
altos projectos de façanhas grandes,
apparecem com pompa e luzimento,
tudo se deve ao tempo; e tanto podem

as almas, que, encarando a vida em nada,
não temem acabar, deixando ao mundo
exemplos de valor e de virtude.

Se o homem por natura ao nada torna,
e se elle com a morte tudo perde,
deve ao menos buscar um meio grande,
em que possa fazer-se assignalado,
para, enquanto existir posteridade,
seu nome admirado nas historias,
for lido, qual se lê de muitos outros,
que por inclytos feitos, por character.
hão de sempre existir e brilhar sempre.

Se, neste baixo estado em que me vejo,
por acaso a fortuna me offertasse
ricos palacios, o diamante, o ouro,
e um milhão de soldados a meu lado,
dispostos, resolutos na obediencia
das ordens e decretos que eu dictasse:

que devia fazer? Devia acaso
desprezar isto tudo, e ir metter-me
em feia solidão, em triste aldeia?

Aprazivel, porem, a todos quantos
não puderem, como eu, alcançar tanto,
minhas forças medindo e meu talento,
seria uma demencia, uma estulticia
aspirar cousas grandes, que não podem
ter nenhuma firmeza e segurança.

De sobejo conheço quão distante
eu estou de alcançar essa fortuna,
que a muitos elevou por faceis meios.
E, portanto, que mais devo esperar?

Qual hoje me será mais aprazivel?

O descanso, o retiro dos empregos,
fugir do tempo mau, viver seguro
entre os braços da esposa, entre os filhinhos,
os meios procurando com que possa
educal-os, fazel-os venturosos,
e seguir estas regras eu pretendo,

emquanto tiver vida, enquanto a patria
 asylo para tanto me for dando.
 Se os poeticos dons, que em ti diviso,
 os tivera igualmente, tu verias
 que, imitando a Camões, Felinto, Elmano,
 em lyra sonora, em doce estylo,
 o teu nome elevara além dos templos,
 affectuoso rendendo aos versos teus
 os devidos encomios, que merecem.

* * *

Agora, para terminar, um pouco de folclore; ainda versos que o nosso arquivo possui daqueles tempos heroicos. A poesia popular era fertil; os versos que chegam até nós são de incomparavel beleza — e quão diferentes desses que por aí a fóra aparecem com o titulo de futurismo, escola que, a nosso ver, devia ser localisada lá no fim da linha do Partenon...

Ouvi:

N'estes pagos sou moço conhecido
 Por monarcha de grande opinião,
 Tenho fama por todo este rincão
 E por Deus que sou quebra destemido.

Se houver algum presumido
 Que appareça esse grande quebralhão,
 Que hei de pisotear-lhe no garrão
 E a rebenque levar esse atrevido.

Sou quebra meio abarbarado
 Se me pisão no ponche já me esquento
 E puxo do facão enferrujado.

Por vida que d'aqui me não auzento
 Sem deixar um diabo cudilhado,
 E tambem já me corto que nem tento.

Uma quadrinha prosaica e expressiva:

Tenho visto bagualada
Castelhanos e charruas,
Nunca vi animal nenhum
De ancas lindas como as tuas.

Uma declaração de amor farroupilha:

„Se um amante lerdo e cansado de soffrer mil pialos e tiros de bolas, dados pelas tuas mãos, a sogá de teus lindos encantos, preso pelo buçal mimoso d'esses teus braços, ensilhado com os teus ardís, rebenqueado de teus beijos, se elle se visse solto como não despararia até o genetasso cupido cravando as chilenas no teu emperrado coração te reduzisse a ser tambeiro e agradar a este teu apaixonado amante.

Desta espero resposta.

Mande me dizer que me ama que é o que meu peito gosta.“

Outra:

„Minha amada senhora a quem por Deus que amo mais que a propria vida e até do que meu cavallo tordilho.

Como não posso sofrer mais por um momento o emperado do meu coração, vou a pôr nos mais miudos troços os resultados de minha paixão. O dia que lhe não vejo, ando desesperado como o caxorro viadeiro de meu pai que quando está atado só deseja se ver solto para rastejar e pegar o viado, assim sou eu para com Você.“

Ainda outra, com resposta:

„Se na estancia de teu peito quizeres conchavar o gaucho do meu amor, que sem salario deseja ser constante e adorador das tuas rebeldias, desde já suspendo as redeas ao desbocado bagoal do meu apaixonado coração e bem depressa me tornarei em mancarrão cançado de adorar-te e se compadecida das mataduras que me tem feito os teus rigores, me quizeres recoller no seguro potreiro das tuas caricias, em breve me verás tornado, em qual manso jumentinho, para que ensilhado com

cangalhas e ardis, carregue a doce carga de nossos amores, mas se por lerdo matungo me escluïres da tropilha dos teus adoradores, logo me tornarei fuá, arisco, matreiro e quebra.“

— E pensam que a gauchita ficou calada? Se era mulher...

Ai vai a resposta:

„Agradeço muito a offerta que me fazes, em querer sujeitar o gaúcho do teu amor, a servir sem salario no costeiro da estancia de meu peito; eu o acceito para ser premiada do laborioso trabalho, que has de ter em sujeitar o desbocado bagual de teu apaixonado coração e seguro cural-o das mataduras que diz que lhe tem feito os meus rigores, com o mercurio suave dos meus affectos, certificando não excluï-lo da tropilha dos meus adoradores e ainda que seu amor seja muito lerdo e matungo, as esporas de meus attrativos, nem só o fará ligeiro como parrelheiro para ganhar a raia das minhas finezas.

Não receies ficar fuá, arisco, e matreiro e quebra porque as bolas com que costume bolear, sujeitão e trazem tudo ao rodeio.

Espero que sejas sempre qual manso burrinho, para que, ensilhado com cangalhas e ardis carregue a doce carga de nossos amores.“

O Municipio de Triumpho

Por Marino Josetti de Almeida

I

Aspectos physicos

Posição geographica — A séde do municipio de Triumpho está assentada no baixo valle do Jacuhy, aos $29^{\circ} 58'$ de longitude Oeste do Rio de Janeiro e $51^{\circ} 43'$ também Oeste de Greenwich. Sua altitude sobre o nivel do mar é de 45 metros.

Configuração topographica — O territorio do municipio, que méde 720 kilometros quadrados, situado nas regiões centraes do Rio Grande do Sul, constitue-se de extensas collinas, planicies e morros.

Limites — Confronta-se ao Norte, com Taquary, pelo arroio Santa Cruz, desde o passo do Souza até sua foz no rio Taquary; Sul, São Jeronymo e Guahyba, pelo rio Jacuhy; Oeste, Santo Amaro, pelo rio Taquary; Leste, Porto Alegre, pelo rio Guahyba, São Sebastião do Cahy, pelo rio deste ultimo nome, desde sua confluencia com o rio Guahyba até encontrar o passo geral do Cahy, e Montenegro, por uma estrada, que, partindo deste ultimo ponto, isto é, passo do Cahy, beirando o cerro da Fortaleza, vae ter ao passo do Gil, a qual, continuando, alcança o predito passo do Souza, no referido arroio Santa Cruz.

Clima — Não ha estação meteorologica installada. A de Taquary, que mais se approxima e cujos indices de temperatura, por semelhança, com pequenas variações, se podem applicar a este municipio, accusou, em 1927, a maxima de 31.3 grãos no verão e 8.7 no inverno.

Assim, difficil se torna definir um clima, porque, além da variedade de factores climatologicos, faltam informações scientificas regularmente colhidas. O de Triumpho, entretanto, é temperado, secco e agradável, gozando a localidade fóros de excepcional salubridade. Raros são os dias de calor ou frio excessivos. Na primavera sopram ventos do quadrante Leste e pelo inverno rajadas de „minuano“ açoi-lam a casaria e ecoam pelas quebradas. Abundam as chuvas. As nevadas são desconhecidas e as geadas diminutas.

Estructura geologica e productos mineraes — E' ao „systema permiano“ que se deve filiar a estructura geologica do municipio.

Domicio da Gama, em sua Carta Physica e Geologica do Brasil, figura-o atravessado no sub-solo pela bacia carbonifera do Rio Grande do Sul.

D'ahi, talvez, a denominação „terrenos de formação permocarbonifera“ que, nas suas obras, lhe dá Octavio de Faria.

Predominam na formação da crosta sedimentos arenosos, calcareos e argillosos.

São ainda inexploradas as jazidas de carvão de pedra, o valioso combustivel, existente, presumidamente, nas camadas interiores da terra.

No terceiro districto encontra-se kaolim ou feldspatho decomposto, de que já se tem feito experiencia industrial. Existe, tambem, a argilla, substancia largamente empregada na fabricação de tijolos e telhas.

Hydrographia — Os importantes rios do Estado — Jacuhy, Taquary e Cahy, nas partes mais volumosas de seus magestosos cursos, limitam por tres lados as fronteiras do municipio, regando-lhe as terras marginaes e as ilhas Cravo, Domingos José Lopes, Formiga, Arco-verde ou Adriano, Alexandre, Leopoldina, Cabeçuda, Ponta Rasa, Siqueira ou Afonso Gomes, Ilhota, Maneca Cruz, ou Francelino, Amarello

ou Therezas, Cyriaco, Araujo, Fanfa ou Ataque, Cabras, Dornelles, Paciencia, Cunha, ilhotas João Marinho, Pequena, Grande, Caiambola, situadas nos dois primeiros.

Além dessas correntes d'agua, por si sós capazes de caracterisar a riqueza dum systema hydrographico, ainda outras, de menor curso e volume, cortam o territorio em todas as direcções, taes como os arroios Gil, Passo Fundo, Passo Raso, Passinho, Santa Cruz, Lageado, Cadeia, Dóte, Estiva, Jacaré, Cachorros, Maraquá, Moinho, Pantalona, Biscouto, Posto, Tigre, Tabúas, Monjollo, e os regatos Aguas-Bôas, Arroio, Cascata, Galvão, Lavagem, Massenás, Pantano-Grande, Passo-da-Areia, Pedras, Quebra-Telha, Jesuino, Sanga-Funda, Destino e outros.

Orographia — A' excepção de tres outeiros denominados Morretinhos, Cardoso e Pedreira, situados nos 3.º e 4.º districtos, os demais montes collocam-se no 2.º, na orla da serra.

Não têm os morros do municipio maior significação quanto á altura, que oscilla entre 50 metros no minimo e 150 no maximo, nem quanto ás dimensões da superficie. Destaca-se, porém, por sua belleza e fórma, o de Marinheiros, grandioso bloco de terra fertil, provido de mattos, em cujo cimo uma lagôa, de existencia tranquilla, reflecte o azulino céu dos pampas. Os outros, chamam-se: Catupy, Cavallo, Elesbão, Lopes, Maneca Paula, Sant'-Anna e Vargas.

Flora

E' deveras notavel a opulencia da flóra em specimens e preciosidades vegetaes. Registral-os e estabelecer os seus caractéres em geral é obra scientifica de botanica systematica. Aqui, trataremos, tão sómente, de classificar, catalogar e recensar as especies de maior utilidade pratica, no intuito de orientar os interessados e fornecer aos extranhos á gleba uma idéa dos seus recursos naturaes.

Contrafortes da Serra Geral assentam suas solidas bases extremas nos confins *Norte* do municipio. Ha nessa região,

consequentemente, montes e valles, revestidos de exuberante mattaria.

Pelo territorio do municipio, em coxilhas e varzeas, disseminam-se, profusamente, capões e caponetes.

Selvas verdejantes bordam as margens dos rios, arroios e sangas. Por isso, dentre o emmaranhado das plantas rasteiras com os arbustos, destacam-se arvores frondosas, que abraçam para o espaço e, abatidas, fornecem madeira para construção, exploração industrial e outros mistères.

Um manto de verdura cobre as planuras e ondulações do solo; e, da terra ubertosa, brotam as *leguminosas*, *gramineas*, *tuberiferas*, *condimentares*, *fructiferas*, *forrageiras*, *medicinaes*, *decorativas*, etc.:

PRODUCCÃO FLORESTAL

NOME VULGAR — DENOMINAÇÃO BOTANICA — FAMILIAS

Angico. — *Piptadenia rigida* e *colubrina*, Benth. — Leguminosas.

Araçá. — *Aulomyrcia glabra* e *Psidium variable*, Berg. — Myrtaceas.

Açouta-cavallo. — *Luhea divaricata*, Martius. — Tiliaceas.

Amarilho. — *Terminalia australis*, Camb. — Combutaceas.

Alecrim. — *Hypericum laxisesculum*, Saint Hilaire. — Guthi-feraceas.

Arocira. — *Lithraca brasiliensis*, *Schinus antharthrica*, Martius.

Batinga. — *Eugenia uruguayensis*, Camb. — Myrtaceas.

Branquilho. — *Sebastiana Klotzchiana*, Müll. — Euphorbiaceas.

Cabriuva. — *Myrocarpus fastigeatus*, Fr. Ad. — Leguminosas.

Camboatá. — *Cupaina vernalis*, Camb. — Sapindaceas.

Caixeta. — *Tabebuia cassinoides*, P. D. e T. *obtusifolia*, Bur. — Bignoniaceas.

Cambará. — *Moquimia polymorpha*, D. C. — Compostas.

Canella da folha meuda. — *Oroedaphne vacciniodes*, Meissn. — Laureaceas.

- Canella do brejo.** — *Nictandra leucithyrus*, Nees. — Laureaceas.
- Canella sassafras.** — *Mespilodaphne indecora*, Meissn. *Nectandra cymbarum*, Nees. — Laureaceas.
- Canella amarella.** — *Nectandra oppositifolia*, Nees. — Laureaceas.
- Canella lageana.** — *Cryptocarya mandiocana*, Meissn. — Laureaceas.
- Canella veado.** — *Actinostemon lanceplatus*, Sald. — Euphorbiaceas.
- Canella preta.** — *Oreodaphne pulchella*, Nees. — Laureaceas.
- Canella podre.** — *Piptocarpha axillares*, Back. — Compostas.
- Canella seibo.** — *Nectandra rigida*, Nees. — Laureaceas.
- Canella Guaycá.** — *Ocotea arechavaletae*, Mez. — Laureaceas.
- Cangerana.** — *Cabralia glaberrima*, A. Juss. — Meliaceas.
- Capororóca.** — *Myrsine umbellata e rapanca*, Martius. — Mysineas.
- Carvalho.** — *Rhopala hectorophyla*, Pohl. — Amentilhosas.
- Cedro.** — *Cedrela fissilis*, Benth. *Cedrela brasiliensis*, Martius. — Miliaceas.
- Criuva.** — *Leucothoe multiflora*, D. C. — Ericoceas.
- Caroba.** — *Jacarandá micrantha*, Cham. — Meliaceas.
- Cereja.** — *Phylcalye laerigatus*, Berg. — Myrtaceas.
- Cotia.** — *Esenbechia grandiflora*, Martius. — Rutaceas.
- Coentrilho.** — *Xanthoxilum hyemale*, Saint Hilaire. — Rutaceas.
- Cocão.** — *Erythroxilum avatum*, Car. e E' Pelleterianum, Saint Hilaire. — Erythroxilaceas.
- Coronilha.** — *Scutia buxifolia*, Reiss. — Rhamnaceas.
- Espinho de S. João.** — *Berberis glancescens*, Saint Hilaire. — Berberideas.
- Grapiapunha.** — *Apuleia praccox*, Martius. — Leguminosas.
- Guajuvira.** — *Patagonula americana*, L. — Borragineas.
- Guabiroba.** — *Campomanesia xanthocarpia*, Berg. — Myrtaceas.
- Guassatunga.** — *Casearia inaequilatera*, Camb. — Bixaceas.
- Guabijú.** — *Engenia pungens*, Berg. — Myrtaceas.
- Ipé.** — *Tegona*, J. D. T. e ipé, Martius. — Bignonaceas.

- Ingá.** — *Inga affinis*, D. C. J., *marginata*, I. *Sessilis*, Martius
I *virescens*, Benth. — Leguminosas.
- Louro.** — *Cordia hypoleuca*, D. C. — Cordiaceas.
- Laranjeira do mato.** — *Actinostemon concolor*, Mul. Arg. —
Euphorbiaceas.
- Murta.** — *Eugenia cisplatensis*, Camb. — Myrtaceas.
- Maricá.** — *Mimosa sapiaria*, Benth. — Leguminosas.
- Mamica de cadella.** — *Xanthoxylum rhoifolium*, Lam. — Ru-
taceas.
- Marmeleiro bravo.** — *Ruprechtia virarú*, Griseb. — Poligo-
naceas.
- Pinheiro.** — *Araucaria brasiliana*, Bich. — Coniferas.
- Pau-ferro.** — *Myrrhinum rubriflorum*, Berg, *Caesalpina fer-
rea*, Martius. — Myrtaceas.
- Pitangueira.** — *Stenocalix, Michellii*, Berg. — Myrtaceas.
- Pecegueiro bravo.** — *Prunus sphaerocarpia*, Svd. — Rosaceas.
- Pata de vacca.** — *Banhinia forfuata*, Linck. — Leguminosas.
- Quebra machado.** — *Astronium graveolens*, Jacq., *calliandra
bicolor*, Griseb. — Leguminosas.
- Sobragy.** — *Colubrina rupa*, Reiss. — Rhamnaceas.
- Salso.** — *Salix Humboldtiana*, Kunt. — Salicineas.
- Tarumã.** — *Vitex montevidensis*, Cham. — Verbenaceas.
- Tarumã de espinho.** — *Citharrexilum barbinerve*, Cham. —
Verbenaceas.
- Tajuva.** — *Machura Xanthoxilium*, Endl, *affinis* Miq. e M.,
tinctoria, L. — Arthocarpaceas.
- Timbaúva.** — *Enterolobum timbaúva*, Martius. — Legumi-
nosas.
- Uvã.** — *Aulomyrcia acrantha*, Berg. — Myrtaceas.
-

Plantas alimenticias

Leguminosas — Das 70 variedades de feijões existentes, cultivam-se o „preto“, *Phaseolus derasus*, Schrank, „mulatinho“, *Phaseolus vulgaris*, „vermelho“, *Phaseolus*, L., var. „coccien“, fornecedor de vagens, e poucas mais. „Ervilha“ „commum“ ou „gallega“, *Pisum sativum*, L., de que são cultivadas diversas variedades e fórmãs, como ervilhas „tortas“, „doces“, „chatas“, etc. „Favas“, *Viceas*, „lentilha“, *Lens esculentra*, Moch, e „amendoim“, *Arachis hypogaea*, L.

Gramíneas — „Milho“, *Zea maïs*, L., „arroz“, *Oryza sativa*, L., cultivadas em grande escala. „Trigo“, *Triticum sativum*, L., cultura em inicio, „canna de assucar“, *Saccharum officinale*, L., „aveia“, *Avena sativa*, L., „cevada“, *Hordeum sativum*, L., „centeio“, *Secale cereale*, L., e „sorgo“, *Andropogon sorghum*, Brot. Destas, é ainda relativamente pequena a produção.

Tuberíferas, bulbíferas e affins — „Salonaceas“: Intenso é o cultivo da batata ou seja da „ingleza“, *Solanum tuberosum*, L., ou da „doce“, *Impomoea batata*, Lam., das „convulvaceas“, originaria da India e da qual existem as variedades „branca“, *Leucorrhiza*, „roxa“, *Porphyrorhiza*, proveniente da Africa, „doce de folha redonda“, *Indivisa* e outras.

Muito difundido é o plantio da *Manihoh utilissima*, Pohl., que os habitantes do municipio denominam mandioca „vermelha“, „brava“, „branca“ e „amargosa“, assim como „aipim“ á *Manihoh dulcis*, (G. M. L.) Pax. Os parecis conhecem-na pelo nome de *Mani* e os macuxis e outros povos aborigenes chamavam-na *Mandiva*, que na lingua tupy se traduz *arvore-beiju*, (mandiiba).

A „mandioca“, que comprehende mais de 10 variedades bem caracterizadas é originaria da America. Ella e a „batata-doce“, no interior do Estado, rivalisam em utilidade na vida campesina.

Nas hortas medram facilmente as **umbelíferas**: „cenouras“, *Daucus carota*; **bulbíferas** — especies **crucíferas**: „couve“, „repolho“, „couve-flor“, „couve-nabo“, „repolho-crespo“,

Br. *obracia*, variedades *acephala*, *capita*, *botrytis*, *gongyloides*, *sabanda*, respectivamente „rabanete“, *Raphanus sativus*, L., „agrião“, *Lepidium sativum*, L., e „mostarda“, *Brassica nigra*, L., as **liliaceas**: „cebolas“, *Alium sepa*, L., e o „alho“, *alium sativum*, L., as **compositas**: „alface“ *Lactua sativa*, L., e a „chicorea“, *Chicoreum indivia*, L.

Colhem-se nas roças, abundantemente, os melhores productos das **malvaceas**: „quiabos“ ou „quingombô“, *Abelmoschus esculentus*, L. Mey., das **curcubitaceas**: „pepino“, *Cuc. sativa*, L., de origem asiatica, „moranga“, *Curcubita maxima*, Duch., „abobora“, *Cuc. pepo*, L., „chúchú“, *Sechium edule*, Sw., „melancia“, *Citrullus vulgaris*, Schrad., e o „melão“, *Cucumis melo*, L., plantas estas — as duas ultimas — oriundas da Africa.

Frutíferas — As fruteiras, quer exóticas, quer indígenas, não lograram ainda plantação intensiva que enriqueça os pomares; vivem em estado natural, sem maiores e adequados cuidados.

A **citricultura** apenas ensaia os primeiros passos no caminho do aperfeiçoamento, sendo os laranjeiros de „baiana“, variedade creada pelo enxerto na Bahia, preferentemente desenvolvidos. Todavia, apesar dos estrangeiros acharem essa variedade a „mais util e a melhor do mundo“, ha „mexeriqueira“ e „larangeira“, sub-especies da *Citrus aurantium*, L., „lima“, *Citrus hystrix*, D. C., „limão“, „cidra“ e „turanja“, *Citrus medica*, L.

Das diversas „bananas“ do Brasil, encontram-se mais frequentemente as subespecies „ouro“, var. *regia*, Bach., e „prata“, var. *champa*, Back., muito embora possa o municipio produzir até mesmo a asiatica „banana-anã“, *Musa cavendishii*, Lam.

Além de outras, ha que assignalar ainda a existencia da „uva“, *Vitis vinifera*, L., e *Vitis labrusca*, L., assim como os varios productos resultantes de cruzamento dessas duas **Vitaceas**: dos „abacaxis“, *Ananás sativum*, Ldl.; dos „pecegos“, *Prunus persica*, (L.), Sieb e Zucc; dos „marmelos“, *Cydonia vulgaris*, Per.; das „ameixas“, *Eryobotria japonica*, Ldl.; dos

„figos“, *Figus carica*, L.; dos „kakis japonezes“, *Diospyrus kaki*, etc.

Plantas de goso — Entre as varias plantas de goso, possui o municipio o „fumo“ ou „tabaco“, *Nicotiana tabacum*, L., e a „herva-matte“, *Ilex paraguayensis*, St. Hilaire, aquella produzindo muito mais que esta.

Vegetaes uteis — No grupo dos „vegetaes uteis“ para as „industrias, forrageiras, medicinaes e decorativas“ destacam-se.

1.^a especie — Além das madeiras em parte enumeradas, o „algodoeiro“, *Gossypium barbadensis*, L., „mamona“, *Ricinus communis*, L., „piteira“, *Fourcroia gigantea*, Vent, „embira“, *Thymelaceas* (oleiferas e texteis).

2.^a — „Capim papuan“, *Ichnanthus caudicans*, Mus. e Esb., „milhan“, *Paspalum densum*, Pers., „capim da praia“, *Pan. fistolosum*, Hochstd, „trevo“, *M. triflora*, (M. D.), excellentes forragens para ministrar sós, alternadas ou misturadas com tuberas de mandioca e batata, farellos, grãos de cereaes, alfafa e feno.

3.^a — „Jaborandy“, *Pilocarpus*, St. Hilaire, „herva Santa Maria“, *Chenopodium*, „guaco cabelludo“, Mik., *hirsutissima*, D. C., „espinho de carneiro“, *X. spinosum*, L., „manacá“, *Brumfelsia hopeana*, Btd., „hortelã pimenta“, *Mentha piperita*, L., e muitas outras da afamada therapeutica indigena.

4.^a — Orchideas e palmeiras das mais vulgares, „extremosa“, *Lagerstroemia indica*, L., *Passifloras*, vulgo „maracujás“, „acacias“, *Acacia saueolens*, Wild, *Magnolia grandiflora*, L., *Rosaceas*, os „cravos“, as „dhalias“, as „camelias“, os „jasmims“, os „chrisantemos“, os „lyrios“, os „amores-perfeitos“, etc., flores indigenas e exoticas, com as quaes a „deusa Nana dá, ás vezes, as mais alegres notas e, outras, as mais tristes e emocionantes“.

Fauna

A fauna do municipio tem sido passivel de arbitraria e deshumana devastação, especialmente quanto aos seres pertencentes a „mamíferos“ e „aves“. Aquelles estão reduzidos a raros representantes, estas sensivelmente desfalcadas.

Da primeira especie restam o „bugio“, *simius primatus*, „capivara“, *Hydrochoerus*, „coati“, *Nasua narica*, „gamba“, *Didelphus azarac*, „guarachaim“, *Canis brasiliensis*, „gato do matto“, *Felis*, var., „ourico“, *Coendu*, „preá“, *Cava operea*, „paca“, *Aguti paca*, „ratão“, *Myocastor coypus*, „tatus“, *Xenarthros*, var., e „zorrilhos“, *Conepatus soffocans*.

Da segunda subsistem o „abestruz“, *Rhea*, da ordem dos *pernaltas*, „aracuan“, *Ortatis squamata*, „araponga“, *Chasmarrhynchus*, „biguá“, *Phalarocrocorax brasiliensis*, „beija-flor“, *Colibri*, „carancho“, *Pholyborus tharus*, „cadorna“, *Nothura maculosa*, „colhereira“, *Ajaja-ajaja*, „collerinha“, *Sporophyla*, „curruira“, *Progodytes furvus*, „coruja“, *Scopus brasiliensis*, „gralha“, *Cyanocorax cerulens*, „gaturamo“, *Euphonia violacea*, „garça“, *Herodias egretta*, „João-de-barro“, *Ardea cocoi*, „massarico“, *Pregadis guarama*, „martim-pescador“, *Ceryle americana*, „marreca“, *Nettion brasiliensis*, „perdiz“, *Rhynchotus rufescens*, „pintasilgo“, *Chrysomitris icterica*, „pato“, *Cairina maschata*, „pomba“, *Columba ruf.* e var. div., „pica-pau“, *Coloptes* var., „quero-quero“, *Belonpterus cayensis*, „rabo-de-palha“, *Piaya cayana*, „socó“, *Limnopardalus*, „sahira“, *Proculas tersa*, „sabiá“, *Tardus rufiventris* e var., „sanhaço“, *Tanagra cyanoptera*, „tucano“, *Rhamphastus dicolorus* e var., „tesoura“, *Milvuvus tyrannus*, „urubú“, *Odontopharus capueira* e alguns mais.

Peixes — Os „peixes de agua doce“ povoam os rios do municipio, notando-se, entre elles, o „dourado“, *Salminus*, bello, cor de ouro, com linhas longitudinaes de maculas negras, veloz e corajoso, a „piava“, *Leporinus obtusidens*, a preferida para os manjares, o „pintado“, *Pimolotus clarias*, o „bagre“, *Tachynrus barbatus*, o „jundiá“, *Rhanda hilarii*, „grumatã“, *Prechilodus lineatus*, „trahiras“, *Macrilius malabaricus*,

acompanhados de myriades do agilissimo „lambari“, *Tetragonopteros* div.

Reptis — Neste grupo, as serpentes, vastas especies distribuidas pelo Brasil, occupam logar insignificante. Tem-nas o municipio, mas poucas e limitadas, as perigosas, ás „cascaveis“, *Crotalus terrificus*, „jararácas“, *Lachesis atroz* e „coraes“, *Elaps*, e estas indolentes, só atacando os incautos, os que dellas muito se approximem ou nellas pisem. As outras intitulam-se: „cobra-dagua“, *Rhadiu* e *Helicops*, „verde“, *Philodrias* e *Herpictodrya*, „papa-pinto“, *Herpedodyra carinatus* e „caninana“, *Spilates*.

O „jacaré“, *Crocodylus*, o „kakado“, *Hidraspio*, o „lagarto“, *Lacertilius*, a „lagartixa“, *Hemidactilus* m., e pouquissimos mais completam o grupo dos reptis locais.

Insectos — Constituem os insectos vistosa e apreciavel parte da fauna. Se, em verdade, apezar da belleza, não interessam pelo lado economico, prestam-se, entretanto, ás observações do scientista.

As „borboletas“, *Macrolepidopteros*, „mariposas“, *Microlepidopteros* e as „traças“, *Curuquerêes*, despertam admiração nas tres phases por que passam: larvas, devastando tecidos e plantas, carregando a propria casa ou perfurando os pomos e hastes; chrysalidas, envolvidas em „estojo de especial tecido“, aproveitado industrialmente, como na „seda“ duma mariposa da China; e, finalmente, brilhante insecto, „que vae animar os jardins, vivendo do nectar das flôres, exclusivamente para o amor“ — borboletas — denominação generica mais propria das *Rhaploceras*. Azas azues, *Laertes*, amarellas, *Catopsyllias*, polycromas, *Catagrammas* 88, diaphanos, *Papilios protisilaus* e sombrias, *Caligo*, engalanam bosques e prados.

Na época estival, quando o crepusculo desce sobre a villa e dos fôcos da illuminação publica jorra a luz, „que espanca a treva“, como se fossem „petalas moveis do espaço“, caem cerradas nuvens de brancas mariposas. Após este singular espectaculo, que uns assistem agastados e outros com poetico apreço, a face da terra brilha alvinitente á luz electrica ou do luar, como se espessa camada de neve a cobrisse em grande parte. E tal força suggestiva exerce esse phenomeno da natu-

reza, que a mocidade do ultimo veraneio, em honra sua, denominou *Mariposas* o luzido „bloco“ com que abrilhantou as festas carnavalescas!

Ao lado das „mutucas“, *Tabanus importunus*, das „moscas“, *Dermatobia cyaniventris*, de larvas appellidadas „bernes“, „varejeira“, *Macellaria* e *Sarcophagas* (bicheiras) tormentos dos animaes irracionaes, dos „mosquitos“, *Culicidius*, detestados pelo homem, cantam, estridentemente, pelas tardes de verão, as lindas cigarras, genero *Zamara* e *Fidicina*, tão justamente „celebradas“ por Esopo, La Fontaine, Bilac e Olegario Mariano.“

Registram-se, tambem, numerosas e terriveis „vespas“, armadas de agulhão venenoso, salientando-se o „marimbondo caçador“, *Spex*, pelo auxilio que presta á humanidade como destruidor das aranhas, que immobilisam com cargas de acido formico e recolhem aos ninhos para a alimentação das proprias larvas, e as operosas „abelhas“, *Apis mellifica*, pelo saboroso mel que produzem.

Pullulam ainda a cada passo, dentre os encommodos *Hymenopteros*, as devastadoras „formigas“, especialmente „saúvas“, *Atta cephalotes*, *Sexdens*, etc., verdadeiros pesadelos dos agricultores.

Não faltam sequer os grotescos *Batrachios*, excellentes auxiliares das plantações pelo exterminio que fazem dos insectos. São elles: „cobra-de-duas-cabeças“, *Synophonops*, moradores em buracos, „sapo“, *Bufo*, e „rãs“, *Lepto dattylus*, aquaticos, em cujo coaxar emitem enfadonhos sons capazes de serem ouvidos a grande distancia.

Possue, finalmente, o reino animal seres nocivos ainda não citados: sem referir outros, dos vermes, o *Ancylostoma duodenale*, terrivel pro ductor da opilação, grandemente difundida em determinada região do municipio, que ainda não mereceu intervenção prophylactica, como se tem feito noutros; dos „acaros“ e „arachidineos“, horripilantes e repulsivos, o „carrapato“, *Margaropus*, arruinador dos gados, e „aranha caranguejeira“, *Avicularia*, a mais perigosa e venenosa das 867 especies das 27 familias que habitam o Brasil.

Viação

Os rios Taquary, Jacuhy e Cahy, navegaveis em qualquer estação do anno por todas as especies de embarcações, accessiveis até mesmo pelas de alto calado, constituem excellentes vias fluviaes por onde a producção do municipio se escoa, baratamente transportada, para o mais proximo emporio commercial, Porto Alegre, a bella capital do Estado, distante poucos kilometros, que, por sua vez, supre a praça local com as mercadorias que lhe faltam. Por ellas, fazem-se ainda permutas mercantis de generos alimenticios com os municipios circumvizinhos: Santo Amaro, Taquary, Montenegro, S. Sebastião do Cahy, Guahyba e São Jeronymo.

A Viação Ferrea do Rio Grande do Sul, cortando o municipio, onde tem duas estações — Gil e Barreto — e trafegando seus trens, diariamente, em direcção Leste-Oeste e vice-versa, põe-n'o em communicacão directa não só com villas e cidades do Estado, como com outros Estados do Brasil, a capital da Republica e varios paizes da America.

Difficilmente outros municipios da communhão riograndense superarão o de Triumpho em facilidade de meios de locomoção para o serviço de sua economia.

Contrastando, porém, essas vantagens, a viação interior é defficiente e imperfeita. A rigor technico, não existem estradas; ha, apenas, conservados e melhorados, trilhos primitivos, inçados de servidões connexas, traçados pelo „faro“ dos primeiros povoadores.

Entretanto, nesse incipiente systema rodoviario, as estradas assim se denominam: *Volta*, a que liga a séde com Villa Kappel, Barreto e S. Cruz, demandando Taquary; *Serra*, a que vae da villa a Catupy, passando por Piedade, Barro Vermelho e Costa da Cadeia; *Invernada*, ramal desta ultima, que conduz a Montenegro; *Cahy*, a que, partindo da séde, passa por Passinho, Passo da Ponte, Passo Fundo e Bemfica e attinge o Passo do Cahy, bifurcando-se, no percurso, com o ramal de Pontal, que serve Passo Raso, Ponta Rasa e Santa Clara.

As exiguas rendas da communa não têm permittido preestabelecer e depois executar um plano: chegam sómente para

tornar as estradas supportavelmente transitaveis e construir as imprescindiveis e principaes pontes.

Estão, porém, por breves tempos novos rumos nesse importante departamento da publica administração. O admiravelmente dynamico Governo do Estado, por bastos titulos já benemerito, incluiu no grandioso plano de viação geral do Estado a construcção de duas estradas neste municipio: uma, já iniciada, com 20 kilometros, secção da de Porto Alegre—Venancio Ayres, e outra, partindo desta para a séde.

Portos e passos

Os portos do municipio assim se distribuem: no rio Taquary — Santa Cruz, Volta do Barreto e Olaria Kappel; no Jacuhy — Villa, Cantagallo, Cava, Pedreira, Baptista, Ilha Araujo, Manga do Pontal, Granja Maria, Viuva Petit Porto, Ponta Rasa e Santa Clara; no Cahy — Morretinhos, Volta Grande ou Affonso Henrique, Bituca ou Bopp Irmãos, Maneca Silva e Passo do Cahy.

Os passos são os seguintes: do Souza, de Cima e de Baixo, no arroio Santa Cruz; do Fio, Ponte, Invernada, Azeredo e Gil, no arroio deste nome; Váo, no rio Jacuhy; de Baixo e Passo Fundo, no arroio deste nome; Graveto, Rosaura e Passo Raso, no arroio deste nome; Passo das Pedras, na Sanga das Pedras; Moinho, no arroio deste nome; e Passo do Cahy, no rio Cahy.

II

Formação historica

Os primitivos habitantes da zona que constitue o municipio foram os indios Patos, que deram nome á importante lagoa sobre cujas margens viviam.

Apezar de indole um tanto docil e industriosos esses aborigenes, que resistiram á catechese de missões religiosas, por

incredulidade persistente, jamais se conformaram com a invasão de seus domínios por povos extranhos. Por isso, quando os portuguezes chegaram á Torutama, com animo de ali se fixarem, abandonaram aquellas paragens, deixando tabas e roças, e, acompanhados de suas familias, marinharam os rios interiores, estabelecendo-se em suas margens.

Não lhes foi difficil a tarefa do transporte, porque, pescadores inveterados, por passatempo e garantia da maior parte da alimentação propria, possuiam pirógas, nas quaes já haviam excursionado, anteriormente, pelos rios tributarios da lagoa.

As margens do Jacuhy e Taquary receberam, assim, elementos dessa tribu, que, entretanto, não permaneceram ahi por muito tempo, porque á medida que o invasor occidental avançava recuavam elles em demanda ás nascentes, de preferencia a se deixarem dominar.

Em suas obras historicas, o inesquecivel mestre Octavio de Faria ensina que era essa a unica nação do Rio Grande do Sul que possuia igaras, e essas aperfeiçoadas depois da posse do machado e de outras ferramentas, além de rêdes de pescaria.

Nos arredores da villa, abaixo e acima, em relação ás correntes dos rios que a banham, nas barrancas, existiram, segundo vestigios e petrechos antigamente encontrados, alojamentos ou toldos dos referidos indios.

Asseveram ainda publicistas, confirmados pela tradição local, haverem os Minuanos e Charruas, depois da introdução do cavallo, galopado pelas coxilhas e varzeas do municipio, comquanto as frequentassem mais assiduamente os Tapes; e, ás fraldas da Serra terem descido, em busca de caça e inimigos a combater, os Butucarys e Guanaãs, estes vindos da Vaccaria, cuja região dominavam.

Em 1752, o Governador Geral das Capitanias, general Gomes Freire de Andrade, doou a Manoel Gonçalves Meirelles e á sua mulher Antonia da Costa Barbosa, elle natural de Mondin de Bastos, Portugal, e ella de Guaratinguetá, São Paulo, avós maternos do general Bento Gonçalves da Silva, a sesmaria da Piedade, em cujos terrenos estão localizados,

actualmente, a séde e seus suburbios, Olaria Kappel, granjas Koehler, Renner e Ely, fazendas Ismael Soares e João Ratto, estação Barreto, Piedade, Passinho e Costa dos Carvalhos, porque a delimitavam pelo Norte o arroio Jacaré e uma linha que ia ter a uma sanga affluente do Gil (Ponte nessa época), pelo Léste este arroio, pelo Sul o rio Jacuhy e pelo Oéste o rio Taquary.

O casal, em virtude da Ordem de Março, das Côrtes Portuguezas, recebeu, com a doação, o onus de reservar, das terras da alludida sesmaria, meia legua quadrada, a medir da barranca do rio Guahyva, então assim chamado o Jacuhy nessa altura de seu curso, para localisar o „rocio da povoação de N. S. Bom Jesus do Triumpho“.

Tomada posse da sesmaria, pelos donatarios, estabeleceram estes a séde de sua fazenda na viridente collina da Piedade, onde os campos fortemente se ondulam, caracterizando, topographicamente, o morrer dos contrafortes da Serra Geral nas planicies do municipio. Ali, uma herdade foi construida e, em Pantano Grande, em situação central do campo, fixou-se a moradia do posteiro ou capataz.

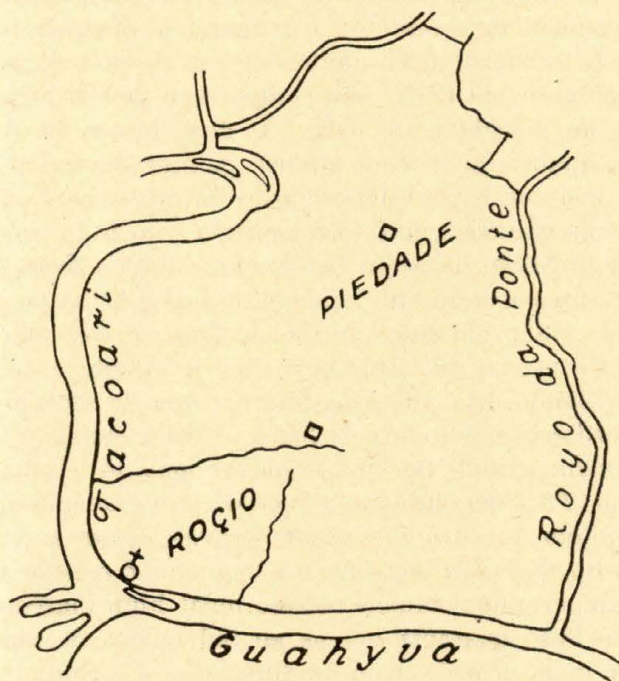
Não mais existem esses predios historicos. Apenas em Piedade, um vetusto „butiazeiro“, quasi duas vezes secular, espalmado e erecto, como derradeiro marco vivo, assignala a existencia, passada, do solar avoengo do general Bento Gonçalves da Silva.

Aquella triste e desamparada palmeira, bem mais digna do carinho e apreço dos coevos, isolada, hoje, na aridez da tapéra, abandonada pelos seus companheiros de pomar, já fenecidos, no seu estado de solidão, como que evóca, saudosa, grandezas de um lar desfeito e a infancia e adolescencia do predestinado heroe farroupilha, transcorridas, talvez, em parte, á sua sombra bemfaseja.

Manoel Gonçalves Meirelles e sua mulher falleceram sem ter dado execução ao compromisso decorrente do titulo de doação, no tocante á selecção da meia legua para o „Rocio“. Coube a um dos seus successores, Antonio da Cunha Pacheco, realisal-o em medição procedida em 1819 pelo piloto José Lemos Dourado Vizeu.

Eis, por copia, planta e roteiro:

Mapa Topographico dos Campos denominados Piedade
Em o districto da Freguezia do Triunfo, Sitas Em o lado Se-
ptentrional do Rio Guahyva Entre o Rio Tacoary, co a Royo
da Ponte que Comprehende dentro de Seos limites Em a aria
Superficial 25:447:550 Braças Coadradas, Pertencentes a An-
tonio da Cunha Pacheco e mais Erdeiros.



Auto de Medição — No anno de 1819, no dia 10 de maio, na Povoação da Freguezia do Senhor Bom Jesus do Triunpho, termo da villa de Porto Alegre, em casas de pousadas do Juiz das Sesmarias, Tenente Manoel da Silva Lima aonde eu escripto adiante nomeado fui vindo, o Autor, Antonio da Cunha Pacheco, entre outras cousas, requereu que se procedesse, em primeiro lugar, medição e demarcação da meia legua reservada para edificação e povoamento desta Freguezia. O que

ouvido e deferido pelo referido Juiz mandou este que o piloto José de Lemos Dourado Vizeu e ajudante de corda Manoel Antonio de Albuquerque dessem inicio aos trabalhos geodesicos.

Roteiro — Passaram dito piloto, o Juiz e mais officiaes ao „Estaleiro“ (Olaria Kappel) „aonde se levantou hum Marco do Peão distante da beira do Rio Taquari ao Nordéste quarta e meia a Léste cento e vinte cinco braças ao pé do canto de hum vallo que pertence a Bernardo Joaquim cujo vallo fica servindo de feixo do terreno do Rocio da Freguezia até beira do Rio Taquari, cujo marco o Juiz mandou apregoar pelo porteiro Eleito Bernardino Fernandes que sendo por elle satisfeito com os pregoins do Estilo não compareceu pessoa alguma que opuzesse ao levantamento delle. O qual marco hé de pedra bruta de quatro faces com quatro palmos de comprimento, palmo e meio de largo e tres quartos de grossura, ficando enterrado dois palmos e dois fóra da terra com uma testemunha da parte do Norte, de pedra bruta com palmo e meio de comprimento e outra parte do Sul, tambem de pedra bruta com palmo e meio de comprimento hum palmo de largo e tres quartos de groço, cujo marco dito Juiz ouve por levantado e do mesmo marco sentando dito piloto agulha a rumo de secenta e hum graus Nordéste seguindo pela beira de hum banhado denominado Pantano grande por elle se medio duas mil e oitenta braças athé ao *Paso* denominado o Paço do Pantano em cujo lugar disse o piloto ao Juiz não pasar daquelle lugar a divisa do Norte do Rocio e para memoria e a todo tempo constar mandou o dito Juiz levantar naquelle mesmo lugar hum marco distante deste dito Paso quarenta braças ao Sul quarta de Suéste por ser lugar mais proprio, com as dimenções e formalidades dos anteriores, e sentando o piloto agulha no lugar do sobredito marco a rumo de Suéste por elle se medirão trezentas braças athé onde dá principio uma canhada que fica servindo de divisa pelo lado Léste, em cujo lugar mandou dito Juiz levantar um marco das dimensões dos anteriores e com as mesmas solemnidades, e logo dito piloto sentou agulha sobre o dito marco rumo de Sul quarta de Suéste seguindo meio da sobredita canhada por elle se medirão oitocentas e cincoenta braças, em cujo lugar disse o piloto não poder continuar por ella abaixo

só sim que se devia seguir o mesmo rumo de Sul quarto de Suéste direito a uma grapiapunha que estava na beira do Rio o que o Juiz assim o determinou que se fizesse e continuasse pelo sobredito rumo se medirão mais trezentas e secenta braças athé a sobredita grapiapunha que dista da beira do Rio trinta e quatro braças em cujo lugar mandou o Juiz levantar hum marco para a todo o tempo constar ficando, assim, medida e demarcada a meia legua do „Rocio da Povoação Freguezia do Senhor Bom Jesus do Triumpho“, em cujo lugar foi levantado um marco com os pregões do Estilo sem haver opposição, marco igual aos anteriores“.

Encerrado o auto, assignaram: Lima, José de Lemos Dou-rado Vizeu, Manoel Antonio de Albuquerque, Bernardino Fernandes, Antonio da Cunha Pacheco, José Roiz Paulino, Eugenio Joaquim Pires, José Alves de Medeiros, Francisco Gonçalves Meirelles, Anna Joaquina Meirelles e o escrivão Luiz Manoel Gonçalves Lages.

Comquanto sómente em 1819 fosse medido e demarcado o „Rocio“, não constituiu esse facto obstaculo á formação da Freguezia. Concomitantemente com a posse dos Meirelles na sesmaria, o capitão Francisco Xavier de Azambuja, filho de Manoel Azambuja, natural do Rio de Janeiro, e Francisca de Oliveira Leite, de São Paulo, „tronco da familia Azambuja no Rio Grande do Sul“, e que era casado com Rita de Menezes, irmã da mulher de Manoel Gonçalves Meirelles e, portanto, tia avó do general Bento Gonçalves da Silva, deu começo, no porto da Forquilha, á fundação da villa, sendo della seu primeiro morador, em casa que a tradição aponta como ainda existente.

Depois, vieram chegando portuguezes, paulistas e cariocas, contando-se, entre estes, Manoel Caetano Pacheco da Cunha, José Pacheco da Cunha e Antonio da Cunha Pacheco, irmãos, cognominados, respectivamente, Cunha da Olaria, por explorar, nos suburbios, a industria de telhas e tijollos, com que se edificaram todos os predios da villa. Cunha do Estaleiro, por possuir um estabelecimento naval no actual porto da Villa Kappel, e Cunha da Volta ou do Moinho, não só porque morava na, hoje, Volta do Barreto, como por ser proprietario d'um engenho de moagem.

Os Cunhas alludidos foram, por aquisição, successores dos Meirelles nas terras da sesmaria da Piedade, sendo, por sua vez, succedidos, em 1855, por Luiz José Ribeiro Barreto.

Contemporaneamente á concessão da sesmaria da Piedade outras foram feitas a diversos: fazendas de Santa Cruz, Pontal e Cahy, que, com campos do Mateus, Paiva, Destino e outros, integralisam o actual territorio do municipio.

A provisão districtal é datada de 20 de outubro de 1795.

Em 1839, Nicolau Dreys, escriptor inglez que percorreu nosso Estado, em sua obra „Noticia Descritiva do Rio Grande de S. Pedro do Sul“, assim se expressava a respeito de Triumpho: „a perspectiva dessa freguezia, assentada no declivio de huma eminencia, não pode deixar de ser agradavel, quanto mais que, entre suas casas, dispostas em quadrilatero, predominam alguns sobrados edificados com gosto, e que todas ou quasi todas estão rebocadas em cal d'onde procede para a povoação inteira o exterior de limpeza pelo qual o viajante he favoravelmente prevenido. Huma parte dos habitantes occupa-se na pescaria; os outros cultivão hum pouco de mandioca e de feijões para o consumo de Porto Alegre. que lhe fica a 12 leguas, mais ou menos, á E.“

Municipalisação — Periodo monarchico

Data de 25 de outubro de 1831 o decreto do Governo Imperial, elevando Triumpho, á categoria de municipio. Assignaram-n'o os membros da regencia trina Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho e José Bráulio Muniz, referendando-o José Lino Coutinho, ministro do Imperio.

Pelo mesmo decreto villaram-se São José do Norte, Caçapava e Alegrete, rezando o art. 3.º, referente a esta municipio, o seguinte: Ficam pertencendo a Triumpho os districtos de Santo Amaro, Taquari, Dôres e São João.

Constituido por essa fórma, occupava o municipio uma extensão superficial de 17.500 kms.², quasi um Estado, tendo por limites: Norte, Vaccaria, Lagoa Vermelha e Passo Fundo, pelo rio das Antas e uma linha secca quatro leguas acima do

arroio Carreiro, a qual se dirigia a rumo de Oeste, passando pelas pontas (ou nascentes) do arroio Forqueta Brava, no meio da Serra Geral, e dali seguindo em linha recta os fundos da Colonia Monte Alverne, abrangendo parte do actual municipio de Guaporé; Sul, Rio Grande (hoje São Lourenço) e São José do Norte, pelo rio Camaquam, desde a barra do arroio Grande até sua fóz na Lagoa dos Patos e esta Lagoa; Léste, Viamão, Porto Alegre, Aldeia dos Anjos (Gravatahy) e Santo Antonio da Patrulha, pela Lagoa dos Patos, rios Guahyba e Sinos (Itapuy) até á barra do arroio Petim e por este acima até sua nascente sertão da Serra Geral pelos nascentes do rio Cahy, indo encontrar o das Antas, ficando pertencendo a Triumpho — Sant' Anna do Rio dos Sinos, São José do Hortencio e picadas Feliz, Nova e dos Quadros e parte do actual municipio de Caxias; Oéste, Encruzilhada e Rio Pardo, pelo arroio Subtil, desde sua barra ou fóz no rio Camaquam até suas cabeceiras, d'ahi por uma linha que ia ter á nascente do arroio Capivary-Mirim, por esse abaixo até sua fóz no Capivary, seguindo-se uma linha que, em direcção de Oéste, encontrava o arroio Don Marcos em certa altura, indo por este até o rio Jacuhy, por onde descia até a fóz do arroio João Rodrigues, por cujo leito seguia até cabeceiras, d'onde, por uma linha ligava-se ás do arroio Santa Cruz, pelo qual descia até sua barra no Taquary-Mirim, subindo por este até á altura da Colonia Monte Alverne onde chegava por linha secca.

Como se verificará pelo auto abaixo transcripto, em teor original, com a presença do ouvidor e corregedor da comarca, dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, mais tarde famoso presidente da Provincia, foi a villa installada em 28 de outubro de 1832.

Auto de elevação da Villa Nova do Triumpho

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e trinta e dois anno um decimo da Independencia e do Imperio aos vinte e oito dias do mez de Outubro do dito anno nesta Villa Nova do Triumpho a onde foi vindo o Doutor Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca Antonio Rodri-

gues Fernandes Braga comigo escrevão de seu cargo e sendo ahí em consequencia do Decreto Supra de vinte e cinco de Outubro de mil oitocentos e trinta e hum, por elle Ministro foram convocados todos os cidadãos e estando todos presentes se levantou o pelourinho em que estavam as Insignias da Jurisdicção Imperial a este acto e alternarão por tres vezes as palavras viva Sua Magestade Imperial e Constitucional e as mais do costume e levantados assim com esta solenidade o dito Ministro digo, o dito Pelourinho, ouve o dito Ministro por formada esta nova villa e mandou fazer este auto em que assignou com os cidadãos presentes. Eu, Luiz Manoel Gonçalves Lages, escrevão da ouvidoria, que o escrevi e assigno — Luiz Manoel Gonçalves Lages. Braga, Alberto José Senteno, Juiz de Paz (eleito nesse dia), José Bittencourt Cidade, Padre Clementino José dos Santos Lima, João da Silva Paranhos, Sabino Antonio da Cunha Pacheco, Antonio Francisco de Almeida, José Antonio Mattos Netto, Luiz José Ribeiro Barreto, Manoel Carneiro Duarte, Rodrigo José de Villanova, Francisco Bernardo Tavares, João Antonio Leite, Antonio Manoel de Andrade, Floriano Jose Ribeiro, João Antonio Correia, Francisco Machado Coelho, Onofre Joaquim Pires, Joaquim José da Paz, José Fernandes da Silva, Francisco Gonzaga Leal, Manoel Bento de Moraes, José Francisco da Cunha, Felix José Ferreira Maia, Conego João Baptista Leite de Oliveira Salgado, Josephino Saraiva da Fonseca, Antonio Custonio Fernandes, André Miranda de Oliveira Bastos, Manoel Caetano Pacheco da Cunha, João de Massena Meirelles, José Manoel da Maia, José Bernardino da Rosa, Feliciano de Souza Machado, Manoel Teixeira Bernardes, Manoel José de Leitão Travassos, José Joaquim da Conceição, Luiz Caetano Ferraz, Job Bernardes da Silva, Antonio José Gonçalves, Antonio José Machado Leão, José Tavares de Carvalho, Francisco de Assis Braga, Candido José Duarte, Bernardino Ribeiro da Fonseca.

*

*

*

O primeiro governo municipal foi exercido pela Camara composta dos vereadores Sabino Antonio da Cunha, presidente. Bernardino Martins de Menezes, Francisco José de Almeida,

José Manoel de Leão, José Alexandre de Oliveira, Ricardo José de Villa Nova e Agostinho Teixeira, eleitos em 31 de outubro de 1832 com 307, 253, 236, 182, 171, 127 e 112 votos cada um, respectivamente.

Em 3 de fevereiro de 1836 a Camara Municipal, já, então, constituída pelos vereadores Sabino Antonio da Cunha, presidente, José Manoel de Leão, Joaquim José Ferreira Santarem, Antonio Joaquim Cidade, José Luiz Ribeiro Barreto e Manoel Caetano Pacheco da Cunha, reunida em sessão extraordinária para tomar conhecimento de um officio em que o Commandante das Armas, Bento Manoel Ribeiro, enviava, para ser publicada neste municipio, nos de Rio Pardo, Porto Alegre e Santo Antonio, uma proclamação, concitando os seus habitantes a pegar armas para imporem o reconhecimento da autoridade do presidente da Provincia, José de Araujo Ribeiro, empossado no Rio Grande, por vehemente e patriotica indicação, redigida pelo vereador Luiz Barreto, unanimemente approvada pelos demais, foi dita proclamação repellida com altivas palavras dirigidas, por escripto, a Bento Manoel Ribeiro, a quem intimaram a dispersar a força que já tinha reunida sob seu commando para semelhante fim, responsabilizando-o por todos os males que sobreviessem á Provincia, sob pena de levarem ante o „Throno Imperial de S. Magestade e demais poderes politicos da Nação sua irregular conducta.“

Precipitados os acontecimentos, alastrada a revolução e attingido o municipio pelas correrias e combates, essa mesma Camara, adherindo ao movimento farroupilha, declarou, solememente, que o fazia em face de imperiosa necessidade de reacção para com os desmandos governamentais da Provincia, repellindo, porém, calorosamente, a insinuação, que se lhes fazia, de que os revolucionarios agiam procurando desmembrar a patria.

Luiz Barreto, a 2 de setembro do mesmo anno, já insustentavel e precaria a função de vereador, pediu demissão de Promotor das Guardas, recebendo a Camara, a 14 do mesmo mez, officio do Inspector Provincial, dizendo não ser mais o mesmo Barreto pessoa de confiança para exercel-o e pedia indicação de substituto.

Aggravada a situação politica, Barreto e seus amigos immiscuiram-se activamente na revolução.

Esses actos e feitos e a acção guerreira que assolava toda parte, trouxeram, como consequencia, dos fins do anno de 1836 a 1839 completa acephalia administrativa no municipio.

Dessa época em diante as Camaras governativas, constituídas pelo voto e administrando normalmente, succederam-se, pouco realizando, materialmente, a bem do engrandecimento collectivo, em virtude de poucos recursos financeiros, desproporcionados com as dimensões territoriaes da communa. Realta, entretanto, dos livros de vereanças o aprumo, a moralidade e o empenho em bem servir dos varios membros com que se honraram essas corporações publicas. O cunho superiormente orientador da luminosa e varonil individualidade de Luiz Barreto estampa-se em quasi todos os seus labores, pois, ainda de 1853 a 1857 e de 1865 a 1869, se o encontra a presidil-as, aureolado por excepcional prestigio e especial acatamento.

Passada a revolução farroupilha, iniciou-se para Triumpho uma phase de esplendor, que perdurou por largos annos. As fazendas se repovoaram, a lavoura incrementou-se e augmentaram sensivelmente e com relativa sumptuosidade as edificações da villa. O municipio e seus dirigentes desfrutavam prestigio e eram bem conceituados, quer no centro governamental, quer perante seus irmãos da Provincia.

Essa proeminencia deveu Triumpho aos esforços duma nobre geração, que, graças á cultura e intelligencia de uns, opposidade de outros e ao firme character e patriotismo de todos, concorreu decisivamente para o progresso da localidade.

Como factores primaciaes de tão saliente geração afflo-ram, entre outros, os nomes dos Cunhas, Barretos, Barbosas, Andradas, Rosas, Vieiras, Gonçalves, Maias, Saraivas, Machados, Carvalhos, Massenas, Borbas, Correias, Rochas, Kerstings, Magalhães, Almeidas, Azevedos e Freitas, que solidamente se ligaram á evolução historica de sua terra, promovendo-lhe a grandeza.

Para bem aferir do valor do municipio, basta salientar um para elle culminante facto, occorrido em 1846: D. Pedro II e sua Augusta Consorte honraram-lhe com sua vizita.

A população recebeu os imperiaes vizitantes, tomada do maior jubilo e por entre vibrantes expansões de civico enthusiasmo, prestando-lhes condignas homenagens.

O Imperador, simples e bom, confraternizou com o povo, empolgando-lhe o coração e fazendo-se estimar. Depois das solenidades protocollares, como qualquer burguez, passeiou S. Magestade pelas ruas da villa, parando no centro da Praça do Mercado (hoje Marechal Deodoro), onde havia um relógio de sol, esculpido em pedra, que delle mereceu curioso exame.

Além das festividades civicas, sociaes e religiosas realizadas em honra dos eminentissimos hospedes, offereceu-se-lhes a melhor installação domiciliar possivel. Dahi a viagem directa e expressa duma canôa de tolda, um dos melhores meios de transportes então existentes, a Porto Alegre, nas vespervas da chegada de tão augustos hospedes, para dali trazer duas camas francezas, muito em voga por esse tempo, modernos moveis, de bom gosto, segundo os jornaes da época, para mobilar as alcovas imperiaes.

Esses leitos, ainda desconhecidos, mas famosos, os primeiros desse typo importados pelo municipio, aguçaram a curiosidade publica, que insistiu por vel-os e o conseguiu.

Posteriormente, aguardados com as mesmas pompas, alvos de identicas homenagens e cercados de igual satisfação popular, como as que suscitaram os Imperadores, estiveram em Triumpho D. Izabel, a Redemptora, e seu Augusto Esposo, o Snr. Conde d'Eu.

Fizeram, por essa occasião, S. S. Altezas, especial visita á fabrica de moveis e olaria, de propriedade dos irmãos Spaldings, examinando a producção industrial, que muito apreciaram, offertando-lhes, a Princeza, ali, no estabelecimento fabril, o seu retrato.

Impressionou, sympathicamente, a sociedade local a singeleza do vestuario da Augusta Senhora: trajava modestissima cassa, da que uzam commumente, nos vestidos domingueiros, as honestas mulheres proletarias.

O apogeu do engrandecimento da localidade, entretanto, só foi attingido no decorrer do anno de 1878. Reconhecendo-o, o poder competente, por Lei n. 1152, de 24 de maio, elevou

Triumpho á categoria de comarca, com a numeração de 5.^a da Provincia, desmembrada da de Rio Pardo, tendo S. Jeronymo por termo.

Inaugurou-a, como seu primeiro juiz, o dr. João da Cunha Pereira Beltrão, servindo de promotor publico Joaquim Borges da Silva Madeira, que foi, pouco tempo depois, substituido por Maurilio Antonio da Cunha Pacheco. A esses funcionarios de justiça, succederam, como Juizes os drs. Miguelino de Moraes Abreu, Antonio Augusto de Carvalho, Antonio Borges Castello Branco e João Baptista de Campos Tourinho, e, como promotores, Manoel Luiz de Almeida, Francisco Fernandes Ribeiro da Cunha e Francisco das Chagas Henriques.

Os partidos politicos da Monarchia — Conservador e Liberal — eram duas pujantes forças partidarias definidas e respeitaveis. Aquelle, conduzido por Luiz Barreto, possuia maioria indestructivel e vencia quasi sempre; este, tendo á frente uma pleiade de moços intelligentes — Antonio Barbosa da Silva, Francisco Chagas Henriques, João Vergilio Rocha, Manoel Luiz de Almeida e outros, apesar de minoria, era, tambem, pugnaz no ataque civico das urnas, nunca desertando do campo da lucta.

Coube, portanto, a Luiz Barreto, na phase monarchica, a responsabilidade dos destinos politicos do municipio, mercê do seu invulneravel prestigio, haurido em quasi meio seculo de serviços publicos, particulares, medicos e advocaticios prestados a seus patricios.

Seria desprimor inferir dahi que não tivessem valor os liberaes. Não. Ao contrario: eram dignos, prestimosos e abnegados. Só não baqueavam, eleitoralmente, a Barreto, porque este se lhes antecederá, de muito, na actividade politica e porque ornavam-lhe a velhice austera dotes e virtudes de homem extraordinario. Quando as eleições se approximavam, vigorosa cabala se desenvolvia de parte a parte, os comicios succediam-se e a propaganda era intensa. Não faltavam aos partidos, sequer, as incommensuraveis philarmonicas, de que, pittorescamente, trata Afranio Peixoto no seu bello livro „Esfinge“, as quaes constituíam verdadeiros appendices das organizações politicas dos logarejos do Brasil.

Como se vê, a gestão administrativa e a vida politica da communa processavam-se pelos „canones“ vulgarisados em toda a Nação. O regime monarchico parecia solido, funccionando rotineiramente a entrosagem publica, lubrificada pelo poder moderador; as instituições, apregoava-se, eram estimadas e amados os Soberanos. Portanto, posto que o empolgante e oracular Julio de Castilhos e o illustre Ramiro Barcellos, na ultima decada anterior á proclamação da Republica, houvessem percorrido as plagas triumphenses, evangelisando-a, não a crearam viavel os seus dirigentes.

E foi assim, nesse „engano d'alma, ledó e cego“, que a 15 de novembro de 1889, como a explosão dum petardo, ecoou em Triumpho a noticia da quédá da Monarchia e ascensão da Republica!

III

REVOLUÇÃO DE 1835

Em „consequencia de uma má e odiosa administração“ do então presidente da Provincia, dr. Antonio Rodrigues Fernandes Braga, com o „fim de restaurar o imperio da lei, afastando de nós hum administrador inepto e faccioso, sustentando o throno do nosso jovem monarcha e a integridade do Imperio“, dizia Bento Gonçalves da Silva, em manifesto que dirigiu a seus compatriotas, foi que irrompeu, em Porto Alegre, no dia 20 de setembro de 1835, a gloriosa e vencedora revolução.

Havendo mudado a róta dos acontecimentos, depois do combate do „Seival“, ganho por Antonio de Souza Netto, em 11 de setembro do anno seguinte, este, á frente da tropa, victoriosa, proclamou a Republica Rio Grandense, que foi, como se sabe, inaugurada e installada em Piratiny, em 6 de novembro do mesmo anno, tendo por presidente — Bento Gonçalves da Silva, vice-presidentes Antonio Paulo da Fontoura, José Mariano de Mattos, Ignacio José de Guimarães, e ministros do In-

terior e interino da Fazenda, da Justiça e interino dos Extran-geiros, da Guerra e interino da Marinha, respectivamente, Domingos José de Almeida, José Pedro de Ulhôa Cintra e Antonio de Souza Netto.

Ausente Bento Gonçalves da Silva, assumiu a chefia desse governo, como presidente interino, José Gomes de Vasconcellos Jardim.

Embora hajam tomado parte saliente em todo o aureo acontecimento civico as gloriosas figuras do general Bento Gonçalves da Silva, Luiz José Ribeiro Barreto e o vigario Hil-debrando de Freitas Pedroso, já consagrados pela historia patria e estreitamente ligados á localidade, enumeram-se aqui, sómente, factos occorridos dentro dos actuaes limites do municipio.

Os seus habitantes, em absoluta maioria partidarios das cohortes farroupilhas, foram empolgados, entusiasticamente, pelos elevados ideaes revolucionarios e os defenderam com vehemencia na luta armada.

Com o „cidadão General em chefe Luiz José Ribeiro Barreto“, titulo por elle conquistado na actividade militar, seguiram, da villa, para os campos de batalha, entre outros, Domingos Custodio Fernandes e Floriano Ribeiro Barreto.

Do interior do municipio o contingente de soldados farrapos foi grande. Destes, sobresahiu por sua bravura pessoal Antonio Correia de Oliveira, vulgo Grandote, devido á sua enorme estatura, nascido em Passo Fundo, 4.º districto.

Grandote, num dos seus arrojados ataques, levadas ás forças de Chico Pedro, Barão de Jacuhy, na rua 13 de maio, da villa, cahiu destas prisioneiro. Iam os soldados fuzilal-o quando, providencialmente chegando, Chico Pedro impediu de o fazerem, exclamando: „Um homem valente como este não se mata!...“

No combate de Taquary, cujos primeiros contactos das forças beligerantes occorreram em Barro Vermelho, 2.º districto deste municipio, figurou Grandote, que se portou com admiravel valentia.

Depois da revolução terminada, foi Grandote assassinado de emboscada em Pedras Brancas, hoje Guahyba.

Por ocasião dos recontros preliminares dessa memorável batalha, também em Barro Vermelho, na porta da residência de Anna Domingos de Azeredo, quando tomava, às pressas, um chimarrão, falleceu, repentinamente, o famoso guerrilheiro Calderão, sendo a senhora predita accusada, injustamente, pelos legalistas, como autora de seu supposto envenenamento, pelo qual curtiu amarga perseguição.

Outros soldados de brilhante actuação foram Gabriel Correia de Oliveira, irmão de Grandote, e José Joaquim Pereira (Juca Pereira). Presos no combate da ilha do Fanfa e remettidos degredados para Maranhão, dali fugiram e, a pé, voltaram aos seus lares, depois de dois annos de accidentadissima viagem, em que, devorados pelos indios ou pelas feras, succumbiu, em meio da jornada, a maior parte delles, escapando com vida apenas tres.

Velhinhos e lucidos, esses super-heroes, pois não ha muito que falleceram, ouviu-lhes o signatario a narrativa da magnifica epopéa, demonstrativa, „per se“, do valor e intrepidez do gaúcho. Lutaram com a fome, alimentando-se deervas, raizes e fructas, e com o somno, dormindo uns, amarrados com cipós, em galhos de gigantescas arvores, emquanto que outro velava, para dormir na noite seguinte. Indios os perseguiram nas florestas e até pelas suas pegadas nas areias das praias, obrigando-os, por isso, fazer caminho, dias a fio, andando de costas em direcção á méta collimada. Assaltaram-lhes feras bravias, reptis hediondos e as maleitas do Brasil inda quasi selvagem. Salvaram-lhes da trajetoria a fortaleza de animo, a ardente saudade dos pagos, o apego á familia e o audaz patriotismo a serviço de lucido instincto viajor, que as estrellas, á noite, especialmente o Cruzeiro do Sul, roteavam para proseguir.

Para bem avaliar as cyclicas difficuldades vencidas nessa memoravel travessia Norte-Sul da immensa patria brasileira, basta saber-se que dos campos de Vaccaria a Montenegro, onde, afinal, sahiram de graves e ultimos embarços, andaram aquelles esplendidos expoentes da raça por „piques“, abertos por elles, em toda a extensão transversal da Serra Geral.

Combate do Fanfa — Ao passo que a situação militar de Bento Gonçalves da Silva em Viamão, cerrando o assédio a

Porto Alegre, se comprometia lenta mas progressivamente, as forças legalistas robusteciam-se cada vez mais. Então, já Bento Manoel Ribeiro, conseguira romper o cerco e engrossar as guarnições defensoras da capital.

O chefe querido da revolução não só por isso, como porque os destacamentos do governo não abandonavam o recinto de suas fortificações, para travar peleja campal, decidiu dirigir-se para a campanha rio-grandense, onde operaria junção com seus correligionarios, organisando, por essa fórmula, forte exercito, que, de retorno, tentaria a reconquista de Porto Alegre.

Dando execução ao seu grandioso porém temerario plano, Bento Gonçalves da Silva, acompanhado de mais ou menos mil e quinhentos homens, armados e municiados, marchou de Viamão em demanda deste municipio, onde chegou na madrugada de 2 de outubro de 1836, acampando em Pedreira, 4.º districto, na margem esquerda do rio Jacuhy, logar de residencia de seu primo Francisco José Lopes, donde expediu ordens de transpor, immediatamente, suas tropas para a ilha do Fanfa, visando, dali, com nova passagem pelo outro braço do rio referido, alcançar a margem direita, em cuja posição já o aguardava com sua brigada, em Xarqueadas, o coronel Domingos Crescencio.

De terra para ilha fez se a passagem sem incidentes, terminando á tarde. Acabada a concentração, entretanto, eis que a esquadilha do commando de Greenfell, composta da escuna „Legalidade“, vapor „Liberal“ e canhoneiras numeros 1, 5 e 7, postada, occultamente, a jusante, contornou a ilha e, com perfeita surpresa dos farrapos, que só então perceberam o perigo imminente em que se encontravam, rompeu mortifero fogo de metralha. Ao mesmo tempo, de terra, do ponto pelo qual, ha pouco, passára Bento Gonçalves da Silva, á margem esquerda, devastadora fuzilaria alvejou o reducto farroupilha.

E' que Bento Manoel Ribeiro, ao serviço dos legaes, por intermedio de habéis espiões, assenhoreára-se dos projectos e movimentos do conspicuo guerrilheiro, seguindo-lhe, sem ser percebido, no encalço, por terra, emquanto que, pelo rio Jacuhy, opportunamente, fizera subir a flotilha de Greenfell,

trazendo no seu bojo mil e tantos homens, com a missão de interceptar-lhe a marcha.

Encurralados os revolucionarios, como previra Bento Manoel Ribeiro, debaixo de horrivel fogo, convergente, com sensivel inferioridade numerica, atacados por todos os lados, ainda assim, acceitaram elles o desesperado e desparelho choque guerreiro, que prolongaram, com resistencia sublime e terrivel, até o dia 4 de outubro.

Em dado momento, no decorrer da tremenda refrega, canhoneio e fuzilaria cessaram. Era o valente coronel de legião Gabriel Gomes Lisbôa, que, á frente de quatrocentos imperiaes, tomou pé na ponta de cima da ilha e assaltou os insulados a arma branca, travando-se, corpo a corpo, mudamente, torvo e sanguinolento duello, que o tilintar das espadas tornava inda mais tetrico, tombando, mortalmente ferido, o vanguardeiro assaltante tenente-coronel Carlos José Ribeiro da Costa..

Depois dessa occurrencia, uma clarinada ordenou a retirada desordenada dos legalistas. Nesse dia, pela vez primeira e ultima tinham vencido os farrapos!

Bento Manoel Ribeiro, cabo de guerra experimentado e sagaz, em face da resistencia desesperada e inquebrantavel opposta pelos rebeldes, deduziu quão grandes seriam ainda os sacrificios a empregar para desalojar-os definitivamente de suas posições.

Cahia, já, a tarde de 4 de outubro, quando o chefe legalista resolveu escrever a Bento Gonçalves da Silva, concitando-o á capitulação. Recebida a mensagem, este, por sua vez, ponderando a impossibilidade da victoria em taes circumstancias, sabendo da extincção de munições e viveres, vendo sua gente a dizimar-se e seguro de não mais poder terminar a tragica contenda sem sua total immolação ou exterminio, entaboulou negociações com o adversario proponente.

Contestando a proposta de Bento Manoel Ribeiro, exigiu o commando das armas revoltosas, por escripto, as bases do pacto offerecido, o que aquelle fez pelas seguintes regras: „Recebo como irmãos e afianço serem livres de perseguições, conforme as ordens do governo do Brazil, os individuos que se apresentarem e reconhecerem o governo legal do mesmo Brazil

e provincia: os que se acharem nesta ilha, hoje mesmo; os que estão nas Xarqueadas, dentro de 5 dias; e os de Jaguarão e Pelotas, no praso de 15 dias, inclusos nesses todos os chefes que têm acompanhado o coronel Bento Gonçalves da Silva e o mesmo coronel, entregando todo o parque de artilharia, armamentos e munições na ocasião de se apresentarem. Campo no porto do Fanfa, 4 de Outubro de 1836. (Assignado) Bento Manoel Ribeiro, Command. das armas."

Acceitas as honrosas condições, ainda na tarde do mesmo dia, ao pé de 200 feridos e 120 cadaveres de gauchos, tombados pelo chão ensanguentado, formaram os restantes 900 soldados, além dos chefes, para deporem armas. O primeiro farapo intimado a entregar sua gloriosa espada, quebrou-a sobre os joelhos, jogando os pedaços ao rio. Os demais o imitaram.

Após a consumação da capitulação, consentiu o comandante legalista se retirassem os que, entre os rebellados, não tinham postos ou graduações e, com transgressão do convencionado, prendeu a Bento Gonçalves da Silva, Onofre Pires, Marciano Ribeiro, Pedro Boticario, José Calvet, Zambiccari e outros, os quaes foram enviados á „Preziganga“, sendo Zambiccari posto a ferros pelo tenente Francisco Pedro de Abreu. Dali transferidos para o Rio de Janeiro, ingressaram prisioneiros na fortaleza de Santa Cruz, onde já curtia captiveiro cruel o bravo Corte Real.

Accusado de trahidor pelos vencidos, Bento Manoel Ribeiro procurou justificar-se, enviando ao presidente da Provincia, Araujo Ribeiro, o seguinte officio: „Illmo. e Exmo. Snr. — O corl. Bento Gz. faltou inteiramente ao que no dia 4 tratou commigo, em lugar de mandar ordem para Crecencio se apresentar hontem mandou por seo cunhado Antunes ordem para o mesmo Crecencio se retirar quanto antes da costa mostrando por esta forma falta de fé e vontade de fazer correr mais sangue na Provincia por iço remeto prezo a elle e Nofre a despoceção de V. Exa. e do Governo. Será de muito interesse mandar atacar, ou sitiár o forte de Pelotas e privar-lhes que retirem aquella artilharia no que elles não perderão instante; a guarnição do Norte parece desnecessario e assim a maior parte da que está no Rio Grande, toda essa força se poderá empregar

nessa operação. Ds. Gr. a V. Exa. a Bordo 6 de 8bro. de 1836. Exmo. Snr. José de Araujo Ribr.^o (Assignado) Bento Ml. Ribr.^o“.

Divergem historiadores, entre elles alguns contemporaneos, no distinguir a qual dos dois grandes guerrilheiros deve ser imputada a falta á palavra empenhada, a falsa fé no cumprimento do tratado.

Effectivamente, em face á eloquencia dos dois documentos transcriptos, se Bento Gonçalves da Silva enviou seu cunhado Antunes a avisar Crescencio que se retirasse quanto antes, faltou ao compromisso estatuido.

A ordem de Bento Gonçalves da Silva dirigida ao coronel Domingos Crescencio teria sido escripta? Não: porque, apprehendida, teria sido usada como vantajosa justificativa, exigida pela difficil emergencia. Foi, então, verbal? E' possível; porém, não muito crível. Tão inepto não seria o emissario que se deixasse apanhar por palavras, executando a perigosa missão, mórmente ao mando de seu chefe e cunhado, a quem comprometteria, com a delação, irremediavelmente...

O que, entretanto, de positivamente real se constata é haver Bento Manoel Ribeiro conservado custodiados os capitulados desde a deposição e entrega d'armas, contra formal convenção, e aprisional-os definitivamente, logo depois, tomando como pretexto para a pratica deste acto a não apresentação do coronel Crescencio e sua gente, quando em favor destes corria praso de 5 dias a terminar em 10 de outubro, por elle proprio estipulado nas condições de capitulação.

Macula de culpabilidade dolosa não é, todavia, admissivel attribuir aos dois gigantescos vultos do passado, porque naquelles tempos, mais que em outros, para galgar as alturas em que se libravam, era mister inamolgavel character, fetichismo da honra e culto da palavra dada. Se, pois, claudicou o primeiro, teria sido para salvar os sublimados ideaes da revolução; se a felonía foi do segundo, cedeu, possivelmente, ás elevadas injunções de manter as instituições, defender a ordem legal e restabelecer a paz.

Luiz José Ribeiro Barreto, nesse celebrizado combate, deu, mais uma vez, sobeja prova de sua sagacidade, não formando

na parada de entrega ao inimigo, pois, certamente, desconfiara de sua intenção. Para evita-la, mergulhou até o pescoço nas aguas do Jacuhy, donde, protegido por uma cobertura de canhões marinhos, vulgarmente chamados sarandys, acompanhado por seu cunhado e amigo Domingos Custodio Fernandes, sahiu, á noite e, fugindo, salvou-se da ignominiosa prisão.

Não havendo sido regularmente processados os prisioneiros e sim, arbitrariamente, remettidos para o Rio de Janeiro, naquella Côrte, uma ordem de „habeas-corpus“ foi impetrada em favor delles ao juiz municipal dali — Justino José Tavares, que a concedeu em 19 de outubro de 1836.

Em consequencia dessa decisão foi dito juiz suspenso e processado, como se vê pelo seguinte acto do governo:

„O Regente, em nome do Imperador D. Pedro II, tomando como reprehensivel o procedimento do Juiz Municipal desta cidade, Justino José Tavares, o qual sem attenção ás melindrosas circumstancias em que se acha a Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, por effeito da rebelião que a flagella, e com manifesta violação da lei, concedeu ordens de „habeas-corpus“, em virtude das quaes mandou soltar os presos Marciano Pereira Ribeiro, José de Paiva Magalhães Calvet, Francisco Xavier Ferreira, João José Pimentel, Silvano José Monteiro de Araujo Paula, Alexandre Ferreira Ramos, Luiz dos Santos Paiva, Vicente Xavier de Carvalho, Antonio Gonçalves da Silva, Padre Pedro Joaquim dos Reis e Padre Carlos da Gama Lobo e Pita, os quaes tinham sido remettidos para esta Côrte pelo Presidente daquella Provincia como implicados no dito crime, fundando-se o mesmo Juiz Municipal para assim proceder no artigo 353 do Codigo do Processo visto que não haviam sido processados no tempo que a lei marca, artigo que não quiz entender e que applicou com uma generalidade que jamais podia ter logar na especie vertente, por quanto a intelligencia do sobredito artigo se acha fiada pela letra do artigo 148 que declara legal a prisão por mais tempo de oito dias, quando obsta a formação da culpa qualquer difficuldade insuperavel, difficuldade sobejamente demonstrada em officios que acompanharão os sobreditos presos e que foram presentes ao mencionado Juiz Municipal no acto de suas decisões, nos quaes officios declaram

o Presidente e o Commandante das Armas da supradita Provincia que as circumstancias em que se achava a Cidade de Porto Alegre, não tinham ainda podido permittir que fosse formada a culpa de taes presos, já por falta de tempo, já por falta de magistrados, já finalmente porque desde a reacção que tivera logar na dita cidade, apenas se tinha podido tratar da defeza della, por achar-se ameaçada investida e bloqueada pelos anarchistas bem como providencia sobre sua segurança interna, razões que eram mais que sufficientes para legalizar a conservação daquelles individuos na prisão, como já anteriormente havia bem entendido a relação do Districto sobre o mesmo objecto negando uma semelhante ordem de habeas-corpus, as quaes á nenhum preso quiz dar o referido Juiz, com manifesto perigo da causa publica e geral escandalo: por todos esses motivos, e á vista das respostas do dito Juiz e do Conselheiro Procurador da Corôa. Ha por bem o mesmo regente suspender o supra mencionado Juiz Municipal desta cidade, Justino José Tavares para que em Juizo competente responda pela prevaricação, excesso e abuso de poder com que procedeu sobre este assumpto. Gustavo Adolpho de Aguillar Pantoja, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Justiça, o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro, em 23 de outubro de 1836, 14 da Independencia e Imperio — (Assignados) Diogo Antonio Feijó, Gustavo Adolpho de Aguillar Pantoja“.

Em principios de setembro do mesmo anno, Bento Gonçalves da Silva, que já havia sido, em sua rigorosa prisão, removido para a fortaleza do Mar na Bahia, dali fugiu a nado. Chegando á Provincia, antes de assumir a presidencia da Republica, esteve neste municipio, em Pedreira, na casa de seu primo Francisco José Lopes, em cuja sala, ao chegar o barbeiro, por seu chamado, proferiu estas palavras: „na mesma sala onde recebi a triste voz de prisão, justamente no dia que faz um anno depois della, venho pela primeira vez fazer a barba e cortar o cabello!“

Prodomos do combate de Fortaleza

O coronel Gabriel Gomes Lisboa e Chico Pedro, Barão de Jacuhy, commandando 250 milicianos de duas armas, cavallaria e infantaria, no dia 9 de julho de 1837, procurando fazer junção com outros 250 homens do major Manoel José de Simas, do Faxinal, Montenegro, com o fim de bater Joaquim Alves, farrapo, que, com 200 republicanos armados, acampava em Fortaleza, embarcaram em Porto Alegre, rumando por via fluvial para este municipio.

Desembarcados em Pontal, margem esquerda do rio Jacuhy, 3.º districto. marcharam incontinenti na direcção do seu objectivo, passando pela fazenda do Fanfa, nas immediações do arroio Passo Fundo, onde, ao escurecer, acamparam.

Faziam parte dessas forças legaes, além dos chefes já apontados, o coronel Gama, major José Joaquim de Andrade Neves e capitão Mariano, Joaquim Felix da Fonseca e Juca Cruz.

As primeiras escaramuças ainda occorreram no passo do Gil, neste municipio, e, a 13 do mez e anno alludidos, ao meio dia, já em Fortaleza, no de Montenegro, onde a pugna se tornou violenta, a victoria decidiu-se pelos imperiaes.

Combate da villa do Triumpho

Agosto de 1837 corria placidamente. Na villa, a guarnição terrestre, destacada pelo governo, ao mando do intrepido coronel Gabriel Gomes Lisboa, vigilante, cuidava dos seus deveres militares. Ao largo, no rio Jacuhy, a flotilha legalista, de frente, formada em linha, tambem vélava, porque Triumpho era um dos principaes senão o principal fóco donde se irradiou a gloriosa revolução farroupilha.

Officiaes de terra e mar, em suas fólgas, fizeram relações sociaes e as cultivaram com carinho. Os salões senhoreaes de Sabino Cunha, acolhedores da fina flor local, abriam-se-lhes em recepções e bailes, a que compareciam os primitivos Wandenkolk, Delamare e outros.

Um dia, emtanto, era o 12 de agosto — amanheceu carregado de sérias apprehensões: o intrepido general Antonio de Souza Netto, á frente de seu exercito, atacou inopinada e simultaneamente a Villa por suas duas entradas, ruas Pretos Forros e Picada, actualmente 13 de Maio e Luiz Barreto, que ficaram juncadas de mortos, em virtude de homérica luta travada corpo a corpo desde a coxilha da Domingas, intermediariamente, situada na sahida daquellas vias publicas nos subúrbios.

Os republicanos levaram os imperiaes de roldão até o coração da Villa, vencendo-os passo a passo.

A esquadilha naval, entrando em acção, metralhou a esmo o interior da povoação, matando inimigos e amigos. Destes, a maior victima foi Gabriel Gomes Lisboa, que ao dobrar a esquina fronteira da residencia de Sabino Cunha, recebeu mortal ferimento nos rins.

O prédio em que residia Sabino é onde funciona actualmente a Intendencia Municipal, vendo-se ainda hoje, no canto fronteiro ao rio, a depressão historica que mostra o ponto attigido pela bala da flotilha, d'ahi destacando-se o fragmento de pedra que occasionou a morte do valente chefe legalista.

Soccorrido, ainda que improficuamente, Gabriel Gomes Lisboa foi recolhido, no mencionado prédio, ao apartamento em que funciona o gabinete intendencial, ahi expirando, sendo seus restos mortaes trasladados para Porto Alegre.

O heróe, justamente afamado, encontrou, assim, a morte no mesmo municipio em que as suas maiores glorias resplandeceram!

O desbarato foi completo. Ao rio Jacuhy atiraram-se numerosos legalistas. Uns alcançaram as canhoneiras e salvaram-se, outros pereceram afogados. Em terra, os que ficaram eram mortos, feridos ou prisioneiros.

No cemiterio denominado dos „Captivos“, cujas ruínas se veem ainda no interior da chacara de Francisco Gonçalves da Silva, enormes vallas se encheram de cadaveres em holocausto á Republica.

Combate do Pontal

Em maio de 1837, o general Chagas Santos defendia a capital, época em que os movimentos militares das tropas republicanas para ahi convergiam.

Os legalistas, ao mando do capitão Manoel Jacintho, gente do Faxinal, segundo um historiador patricio, pela madrugada de 22 de maio do anno já citado, atacaram de surpresa, na fazenda do Pontal, prospera localidade do 3.º districto, as forças farroupilhas ahi destacadas, sob o commando do tenente Diogo Maximo de Souza. Este e mais vinte commandados seus, depois do completo desbarato da força, ficaram mortos no campo da acção, perecendo, tambem, o bravo official revolucionario João Alves de Medeiros.

Grande numero de prisioneiros foi feito, e a cavallhada tomada. Aquelles foram conduzidos a Porto Alegre, recolhendo-se os legalistas ás trincheiras da capital, depois de haver alcançado esta victoria.

IV

General Bento Gonçalves da Silva

Nasceu Bento Gonçalves da Silva, no dia 23 de setembro de 1783, no predio n. 7 da praça Marechal Deodoro, antiga do Mercado, nesta villa do Triumpho.

Seus paes, o alferes Joaquim Gonçalves da Silva, natural da freguezia de Santa Marinha de Real, bispado de Lamego, Portugal, e Perpetua da Costa Meirelles, natural deste municipio, casados em Viamão, onde residiam os avós maternos de Perpetua — Jeronymo de Ornellas de Menezes e Vasconcellos e Lucrecia Leme Barbosa — vieram morar na fazenda da Piedade, pertencente a seu sogro e pae Manoel Gonçalves Meirelles, onde se sabe, positivamente, haverem transcorrido a infancia e a adolescencia de Bento Gonçalves da Silva, situação essa,

de sua familia, decorrente, talvez, da falta de estabilidade da vida militar de seu pae.

Os fazendeiros antigos, como os actuaes ainda o fazem, possuíam predios nas sédes das freguezias ou municipios a que suas fazendas se incorporavam.

Se na generalidade assim se praticava, com mais forte razão os avós do redivivo general porquanto não só eram possuidores de fartos haveres, como porque, com sua vasta parentela, foram os fundadores da localidade.

Para temporadas festivas e, especialmente, tratamento de saude, pela proximidade de recursos medicos e de toda ordem, transportavam-se as familias de suas casas de campo para as das povoações.

Assevera a tradição que a um desses eventos deve-se o nascimento de Bento Gonçalves da Silva na villa.

Tinha o futuro general 5 annos quando foi baptisado, segundo reza a seguinte certidão: „Lançamento feito a fls. 21 do L.º 2.º de Baptismo da Freguezia do Triumpho: Aos dezanove dias do mes de outubro de mil setecentos e oitenta e oito, nesta Matris do Senhor Bom Jezus do Triunfo, baptizei e pus os Santos Oleos á BENTO filho legitimo do Alferes Joaquim Gonçalves da Silva, natural da Freguezia de Santa Marinha do Real, Bispado de Lamego, e de sua mulher Perpetua da Costa Meirelles, natural desta Freguezia, sendo neto pela parte paterna de Manoel Gonçalves da Silva e sua mulher Josefa Maria de Jezus, ambos naturaes da Freguezia de Santa Marinha de Real, do mesmo Bispado asima dito; e pela materna de Manoel Gonçalves Meirelles, natural de Mondin de Bastos, Arcebispado de Braga, e de sua mulher Antonia de Costa Barbosa, natural da villa de Guaratinguetá, Bispado de São Paulo; foram padrinhos o Tenente Manoel Carvalho de Souza, e Anna da Costa Meirelles, solteira. De que para constar, fiz este assento que assinei — O Vigario Euzebio de Magalhães Rangel e Sá“.

Os paes de Bento Gonçalves da Silva destinavam-no á vida ecclesiastica, a que, terminantemente, recusou seguir, optando pela carreira das armas, sua natural vocação, que a leitura de antigas narrativas guerreiras aguçou e desenvolveu.

Aos 18 annos, era um espadachim temivel, tanto que, nessa época, no capão do Coqueiro, matou em formidavel duello, a espada, um mulato valentão, respeitado e temido por suas bravatas e acção, que o desafiára, numa venda, da villa, para aquelle fim. Desse factó occupa-se o laureado escriptor conterraneo coronel João Maia, em seu bom livro „Pampa“.

Seguindo seus pendores naturaes, muito joven ainda, alistou-se soldado e, com 28 annos, em 1811, na campanha da Banda Oriental, tomou parte activa, incluido na columna de D. Diogo de Souza, governador geral do Rio Grande do Sul.

Na guerra contra o caudilho Artigas, tal bravura demonstrou que as promoções succediam-se e os galões cresciam nos punhos de sua farda, que delles se ornou, progressivamente, dahi por diante, em face de seus notaveis feitos guerreiros.

Na guerra da Republica Argentina, na Batalha do Passo do Rosario, em que as forças imperiaes brasileiras foram derrotadas, a brigada de seu commando foi a ultima a abandonar o campo, ainda assim coberta de glorias, que lhe deram a promoção a coronel do estado maior e immediata nomeação de commandante effectivo do 4.º regimento de cavallaria da 1.ª linha.

Possuía, antes dessas campanhas, além de outros bens, Bento Gonçalves da Silva, uma fazenda no Estado Oriental, que, na guerra de 1825, se despovôou, completamente, de seus gados, a qual vendeu para pagamento de dividas contrahidas nesses agitados tempos.

Mudou-se, depois disso, para a estancia do Crystal, municipio de Camaquã, onde procurou refazer pelo trabalho sua grande fortuna perdida, quando se encontrava ao serviço da Patria.

Havia attingido ao alto de seu prestigio e popularidade, quando os rancores e perseguições do governo tinham chegado ao extremo contra os filhos da Provincia, desfechando no movimento revolucionario que, no dia 20 de setembro de 1835, irrompeu em Porto Alegre, depondo o presidente Braga

Amigo intransigente da liberdade, era natural que os seus irmãos oprimidos e perseguidos fizessem do homem mais querido daquelle tempo o seu chefe e guia. Bento Gonçalves

da Silva, commungando na mesma fé, sentindo e soffrendo com elles, foi-lhes o generalissimo victorioso.

O que em torno da sua personalidade têm versado a historia, querem uns, como Alfredo F. Rodrigues, que o bravo general tivesse entrado no movimento com o fim unico de depôr o presidente Braga e afastar o Commandante das Armas, conservando-se, entretanto, sempre monarchista, e outros, como Alfredo Varella que a revolução tivesse trazido comsigo bem definido o ideal republicano, que não se manifestou desde logo pela necessidade de ganhar tempo e devido á prudencia de Bento Gonçalves da Silva.

Quanto ao primeiro, que lhe conteste a seguinte carta escripta por Bento Gonçalves da Silva a seu amigo Manoel Lucas de Oliveira, em 11 de novembro de 1838: „Minha saude está bastante deteriorada; minha paciencia cansada de soffrer ingratidões e calumnias; nada me fez e nem me fará recuar da carreira encetada, isto é, de libertar a patria e não abandonar os meus patricios, mas já não posso com a carga que pesa sobre meus hombros e só espero o meio legal para entregar o leme do Estado a quem melhor o dirija, do mesmo modo o mando do exercito, contentando-me com o correr para a frente do inimigo e commandar a vanguarda que fôr destinada a fazer-lhe frente. Ali darei o exemplo de obediencia, ali mostrarei aos ambiciosos e sycofantas qual o dever do verdadeiro republicano!

Ah! meu amigo, eu ando tão degostoso que, a não ser o amor da patria e da liberdade que me domina todo, preferia a morte a occupar o cargo que tenho! Tal é a desesperação em que me têm posto certos homens que se dizem republicanos e que estão tão longe de o ser, como está a noite escura, do dia claro.

Adeus, meu amigo, dispense cansal-o com minhas queixas; mas ellas servem de desabafo ao vosso velho amigo e camarada. — (Assignado) Bento Gonçalves da Silva“.

E assim escrevia quem era o presidente da Republica Rio-grandense! Com que altruismo e espirito de sacrificio desempenhou a função que o tornou o symbolo de um ideal, que se consubstanciou em 1889!

A trajetória de Bento Gonçalves da Silva no decennio farroupilha foi um mixto de victorias e soffrimentos. A par da gloria, o travo da derrota. Porque o general emerito perdeu os combates do Fanfa, Taquary e Ponche Verde, não por falta de „capacidade para dirigir batalhas“, dizem historicos commentarios, mas por motivos aleatorios.

Um seu coetaneo eminente escreveu, referindo-se ao combate de Taquary: „Ha trinta e tantos annos que se passaram estes factos e ainda hoje não posso deixar de lamentar a maneira por que os planos bem organisados e as mais acertadas medidas de Bento Gonçalves eram inutilizados pela incapacidade de uns e o descuido de outros. O ataque ao exercito de Manoel Jorge, planejado e levado ao ponto que descrevi, secundado por companheiros de outra comprehensão, teria levado Bento Gonçalves ao cume da gloria, como um grande cabo de guerra, pela derrota do exercito inimigo, composto das tres armas e superior em numero“

Obteve, entretanto, victorias estupendas, como a de Porto Alegre, cujo cerco conservou emquanto convinha, sendo todos os criticos „accordes em lhe reconhecerem qualidades fóra do commum no tocante á guerra como se costumava em geral fazel-a no Sul, isto é, a „guerrilha“, e a argucia para evitar as pugnas que lhe seriam desfavoraveis.“

Delle disse Garibaldi: „Bento Gonçalves, verdadeiro cavalleiro andante do seculo de Carlos Magno, irmão pelo coração dos Oliveiras e dos Roldões, vigoroso, agil e leal como elles, verdadeiro centauro, governando um cavallo como ainda não vi governar senão ao general Netto, — modelo completo para um cavalleiro; era realmente o filho querido da natureza, que lhe havia prodigalisado o que torna o homem um verdadeiro heróe. Bento Gonçalves teria então 60 annos. Alto, esbelto, montava a cavallo com um garbo e agilidade admiraveis. Naquella posição ninguem o julgaria com mais de 25 annos. Valente e feliz, não teria hesitado um momento, como um cavalleiro de Ariosto, em atacar um gigante, ainda que tivesse a estatura de Polyphemo ou a armadura de Ferragus. Com taes dotes naturaes e adquiridos, Bento Gonçalves era o idolo de seus concidadãos“.

Esses conceitos do „Condottière“ sagram-no definitivamente. Mas a maior victoria de Bento Gonçalves da Silva e a sua immarcessivel gloria é ter encarnado um supremo ideal politico que, por elle implantado, embora ephemeramente, na terra riograndense, mais tarde fructificou para o Brasil inteiro.

A caracteristica principal de sua individualidade era a incorruptivel lealdade. Quando preso na fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, deixou de fugir em certa occasião, porque Onofre, seu companheiro de cella, por excessivamente gordo, não poude passar o estreito espaço ageitado entre as grades.

Irreductivel em questões de honra, quando no exercicio da presidencia da Republica, foi gravemente offendido por seu primo, o intrepido Onofre Pires. Desceu, então, do seu alto cargo e foi á arena do duello, vingando a affronta em combate leal, á espada, com a morte do seu contendor.

Muito embora, além de seus haveres, houvesse o governo imperial, por decreto de 24 de janeiro de 1834, lhe concedido uma „subvenção de 1:200\$000 annualmente, para sua subsistencia, em recompensa aos grandes serviços prestados á patria, nas campanhas do Sul“. Bento Gonçalves da Silva sahio da revolução pauperrimo, tendo que recorrer a um amigo, de quem recebeu 150 rezes de criar, „para principiar a vida“, como costumava dizer elle proprio.

Pouco tempo antes de sua morte, Bento Gonçalves da Silva esteve de visita á sua terra natal, reunindo na residencia de Josephino Saraiva da Fonseca os seus velhos amigos Luiz José Ribeiro Barreto, Antonio Joaquim Gonçalves Junior, Tristão Francisco de Araujo, Joca Almeida e João Job.

Depois de animada palestra durante 4 horas com seus conterraneos, na qual não esqueceu de recordar, sequer, o duelo do „Coqueiro“, convidou-os a irem, em sua companhia, visitar a casa em que nasceu, o que, effectivamente, fizeram.

Bento Gonçalves da Silva trajava nesse dia um poncho de casimira vermelho, muito em moda nesse tempo.

O coronel Manoel Antonio Pires, triumphense, nascido em Pontal, commandante do 1.º Batalhão da Brigada Militar, á sua custa mandou fazer uma placa de bronze, commemorativa do nascimento de Bento Gonçalves da Silva para pôr na casa em

que residia, collocando-a no frontespicio, em meio de acclamações da população, que ali se reunira, previamente convocada, para, em solenne sessão cívica, assistir ao benemerito acto.

Esse acontecimento occorreu no dia 20 de setembro de 1889. Orou brilhantemente o advogado Francisco das Chagas Henriques e prestou solenne depoimento verbal, feito anteriormente por escripto, o venerando ancião Eperidião Saraiva da Fonseca, como testemunha viva não só da estadia e palavras de Bento Gonçalves da Silva no domicilio do seu pae Josephino, como da visita por elle feita á casa de seu nascimento, onde se inaugurava a predita placa, que tem gravados os seguintes dizeres: „Homenagem prestada ao general Bento Gonçalves da Silva, chefe da Republica Rio-Grandense, nascido nesta casa a 23 de setembro de 1783.“

Em Pedras Brancas, actualmente Guahyba, para onde se guira de Porto Alegre, já enfermo, no dia 18 de junho de 1847, aos 64 annos de idade, falleceu Bento Gonçalves da Silva.

Sepultado no cemiterio daquella localidade, foram seus veneraveis despojos trasladados posteriormente para a estancia do Crystal, em Camaquã, jazendo hoje no pedestal da estatua levantada ao heróe na cidade do Rio Grande.

Luiz José Ribeiro Barreto

Em Santo Antonio da Patrulha, no dia 25 de agosto de 1808, veio á luz Luiz José Ribeiro Barreto.

Eram seus paes Manoel José Ribeiro e Candida Clementina de Oliveira, dahi naturaes.

No anno de 1826, com 18 annos de idade, portanto, chegou Barreto a Triumpho, terra que sinceramente amou e adoptou como se sua fôra de nascimento, e á qual, excepção feita da ausencia no periodo farroupilha, dedicou sua existencia, fortuna e aptidões.

Com a viuva do boticario de que foi empregado, a virtuosa e varonil senhora Rosa Fernandes, de 27 annos, Barreto, aos 17 annos, contrahiou nupcias, não havendo filhos do casal.

Na profissão de pharmaceutico iniciou sua vida activa no meio social em que viveu.

Mais tarde, graças á sua esclarecida intelligencia e relativa illustração, tornou-se medico, com vasta e efficiente clinica.

Todavia não ficou adstricto a essa sacerdotal profissão: foi lucido solicitador forense, eximio politico e operoso fazendeiro.

Na vida publica, quer no municipio, quer alhures, ao influxo de seu prestigio pessoal, ascendeu a elevadas posições.

Vereador e presidente da Camara Municipal, quasi perpetuo, exerceu ainda as funções de Promotor das Guardas, além de numerosos cargos honorificos.

Na memoravel eleição de março de 1839, para deputados á Assembléa Constituinte e Legislativa, da Republica Rio-Grandense, foi o nome de Luiz Barreto suffragado por 2627 votos, obtendo o 10.º lugar entre os 36 mais votados e eleitos, mandato esse que desempenhou com brilho.

Sua carreira politica culminou, finalmente, com a investidura de Ministro da Fazenda da Republica Rio-Grandense, que lhe fizera o governo respectivo.

Em conselho dos maioraes farroupilhas, no dia 12 de março de 1844, propoz Barreto reconciliação honrosa com o Imperio, no que foi derrotado apezar de forte e decididamente apoiado por Bento Gonçalves da Silva, que, não desistindo da idéa de paz nos termos lembrados, encarregou, em seguida Dionysio Amaro da Silveira de ir entender-se com Caxias, começando dahi as negociações que terminaram, um anno depois, no tratado de Ponche Verde.

Participou, com denodo e pericia mavortica, até final da revolução, da maior parte dos mais importantes combates, pois, era, das immortaes legiões, „cidadão General em chefe“.

Falleceu o insigne varão em julho de 1888, nesta villa, jazendo seus restos mortaes no antigo cemiterio da rua Antonio Canabarro, onde foi inhumado.

General Bento Martins de Menezes

Barão de Ijuhy

Em 7 de setembro de 1818, na então freguezia de Triunpho, decorreu o natal de Bento Martins de Menezes.

Oriundo de familia dos primeiros habitantes da localidade, era parente de Bento Gonçalves da Silva, que, nos seus ascendentes, tinha tres tias-avós pelo lado materno, umas das quaes ancestral de Bento Martins de Menezes, com igual cognome: Clara, Thereza e Rita de Menezes, sendo a primeira, avó de Onofre Pires da Silveira Canto a segunda, mãe de José Gomes de Vasconcellos Jardim, e a terceira bis-avó de Francisco Pedro de Abreu, Barão de Jacuhy, e de José de Araujo Ribeiro, Visconde do Rio Grande, todos descendentes directamente, como a avó de Bento Gonçalves da Silva — Antonia da Costa Barbosa — do casal Jeronymo de Ornellas de Menezes e Vasconcellos e Lucrecia Leme Barbosa, elle natural da ilha da Madeira e ella de Guaritinguetá, São Paulo, vindos para o Rio Grande antes mesmo de sua posse, em 1737, pelo brigadeiro José da Silva Paes, havendo elle vivido 102 annos e ella 100.

Muito joven ainda ingressou Bento Martins na carreira militar, tanto que na campanha de 35, supportou, aliás com bravura, as grandes emoções de seu baptismo de fogo.

Nas suas excellentes publicações de historia regional o illustrado historiador patricio Clemenciano Barnasque, a elle fazendo allusão, diz: „Quando o exercito paraguayo ao mando de Estigarribia invadiu o territorio nacional, Bento Martins, então rico fazendeiro, organisou por sua conta propria o 17.º de voluntarios da patria, com um effectivo de 864 homens, á frente dos quaes, foi dos primeiros á marchar.

E' bem conhecida, durante a campanha do Paraguay, a actuação do general Bento Martins, considerado um dos mais valentes soldados da cavallaria rio-grandense“.

Depois de alcançar todos os postos da hierarchia militar até attingir o generalato, por seus feitos heroicos, o governo imperial, em recompensa aos seus devotados serviços prestados á patria, conferiu-lhe o titulo de Barão de Ijuhy.

Contando 73 annos de idade, em Uruguayana, em 1881, succumbiu, depois duma vida gloriosa e cheia de exemplos de valor, legados aos posterios, o general Bento Martins de Menezes, Barão de Ijuhy, que tanto soube honrar a terra triumphense.

Guerra do Paraguay

Como em todos os municipios do Rio Grande do Sul, no de Triumpho, um fremito de patriotismo empolgou a alma de seus filhos.

Não estando a guarda-nacional devidamente organizada, poucos foram, por isso, os defensores da patria que marcharam para os campos de batalha investidos de postos militares. O contingente de soldados foi, porém, enorme.

José Manoel da Maia Filho, que para ella fôra capitão, voltou major; José Alves Massena, por actos de valor, retornou alferes.

O soldado Antonio Joaquim da Cruz, por cognome Antonio Alferes, vivendo ainda no 3.º districto do municipio, foi um bravo. Promoveram-lhe ao posto de alferes, por haver retornado em batalha, do poder dos paraguayos, o estandarte de seu regimento.

João Senna, preto, soldado raso, trouxe no peito condecorações militares, conquistadas por seu heroismo.

E o valente David Alves de Medeiros, homem de absoluta confiança, foi correio do exercito brasileiro, durante toda guerra.

Como o soldado Chico Christina, houve numerosos heróes humildes, cujos nomes a fama não citou.

E' de muitos ainda lembrada a bravura do capitão Adolpho Charão, official naquella guerra, e membro de illustre familia de militares riograndenses.

Galões ornaram os punhos da farda do capitão Elesbão, chefe politico dominante na zona serrana, quer num, quer noutro regime, o qual se batera com denodo nos campos paraguayos.

V

Religião Catholica

Abaixo da confluencia dos rios Taquary e Jacuhy, á margem esquerda, em ridente posição topographica, saluberrima e formosa, bem na barranca, florescia o logarejo chamado Forquilha

Forquilha tirara seu nome da apparencia que disso dão os dois cursos reunidos dos referidos rios que, no local, banham os vertices e lados dos angulos formados pelos municipios de São Jeronymo, Santo Amaro e Triumpho, que ahi se defrontam.

Nucleo de população ainda pouco densa, tributario de Viamão, os seus habitantes, eram, entretanto, devotas da Cruz. Por isso, em meio da povoação o levantamento de uma casa se impunha para habitação do Christo-Rei.

Nessa conformidade, e porque nem só de pão vive o homem, sempre attento aos reclamos do espirito, os fieis, inclusive escravos, dirigidos pelo vigario (o de Viamão), em 1754, deram começo á construcção da egreja matriz actual, cujo corpo menos alteroso, hoje capella-mór ou côro, dentro em pouco inaugurou-se, apesar de modesta e provisoria cobertura de capim sobre paredes de pedras, que apresentavam e ainda apresentam aspectos de verdadeira muralha de antiga fortaleza.

Instruidos por missionarios, que na mesma época cravaram a tradicional „Santa Cruz“, symbolo sagrado, assignalando as cruzadas das mansas milicias do Nazareno, venerado na capella que o encerra, á rua Antonio Canabarro, onde os humildes rezam os seus terços, a religião prosperava em obras de piedade christã.

Decorria, então, o anno de 1756. Governava a Capitania do Rio Grande do Sul o tenente-coronel Paschoal de Azevedo, nomeado por carta do governador do Rio de Janeiro, general Gomes Freire de Andrade, passada no Rio Grande a 28 de junho de 1752.

O territorio da Capitania era parte componente da diocese do Rio de Janeiro e a dirigia, com invulgar lustre, o seu sexto bispo d. Frei Antonio do Desterro, beneditino, transferido de Angola para ella em 15 de dezembro de 1745, regendo-a por 27 annos, até sua morte, já octogenario, em 1773.

A esse prelado, que se notabilizara pelo fomento dado á piedade, favorecendo a instrucção e intimando, sob pena de excommunhão, aos senhores de escravos que os tratassem como christãos, coube elevar Forquilha, por provisão de 4 de setembro, á categoria de freguezia, sob a invocação de Nosso Senhor Bom Jesus de Triumpho, desmembrando-a em 9 de janeiro do anno seguinte, 1757, da de Viamão.

Consistiu esse acto, suprema aspiração dos tempos, por assim dizer, o baptismo official de Triumpho, sob o patrocínio de Jesus.

Ha perto de 200 annos pois, que Jesus, do seu templo votivo, começado pelos primeiros povos exploradores do Brasil, continuado, acabado e conservado por devotos bemfeitores, preside de seu throno, como orago da freguezia primeiro, como padroeiro da municipio depois, a formação da consciencia catholica e os destinos espirituaes do seu rebanho.

Pelo seu santuario as gerações têm passado nimbadas pela luz da esperança, implorando graças e venturas celestiaes, imbuidas desse fervor religioso que faz a felicidade dos crentes; ali se tem aberto, pelo baptismo, as portas á vida e ali mesmo se as tem fechado para a morte.

E' a igreja de Nosso Senhor Bom Jesus de Triumpho um bello monumento architectonico de linhas severas e magestosas, obedientes ao estylo romano. A nave e a torre esquerda foram construidas em 1765, percebendo o constructor e pedreiros, por seus serviços, respectivamente, os salarios de 12 e seis vintens diarios. E, mais tarde, já em 1872, o philanthropo Antonio Ferreira Canabarro, uma das melhores fortunas locais, mandou, a expensas proprias, construir a outra torre, junto de cuja base repousa sepultado.

A admiravel moral que desde o passado, reflectindo-se no presente, tem produzido fructos opímos, quer organizando a familia, quer a sociedade, em requintes de civilização em marcha

ascendente para a perfeição, não ha contestar e é justo salientar, toda ella tem sido ali tecida em doutrinação evangelica, infatigavel e continua pelos vigarios do Cordeiro.

Aos pés do tão venerado padroeiro de Triumpho já se curvavam, genuflexos, em filiaes reverencias, além de SS. Magestades D. Pedro II e Thereza Christina, ex-imperadores do Brasil, S. Alteza D. Isabel e o Principe Consorte, sr. conde D'Eu, os tambem insignes Principes da egreja riograndense, D. Feliciano, o santo D. Sebastião, o caridoso, D. Claudio, o bom, D. Pimenta, o justo, e D. João Becker, o douto, nas suas memoraveis visitas pastoraes e de predicas apostolicas, ungidas de fé e invulgar saber.

Anteriormente, essas mesmas homenagens haviam sido prestadas por D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo ou Manoel Ruiz Monte, como quer o Visconde de São Leopoldo em suas obras historicas, 9.º bispo fluminense, e o 2.º brasileiro do Rio, nascido em Recife, „verdadeiro exemplo de virtudes e inexcedivel bondade, homem de muita sciencia e tão grande caridade que aos pobres que viviam ás portas do Palacio Episcopal chamava a sua guarda de honra“, e que aqui viera em 1845, pois que, como se sabe, nosso bispado foi criado em 1847, tomando posse nosso 1.º bispo D. Feliciano — em 20 de junho de 1853.

E quem não lembrará com profunda admiração os empolgantes sermões dos consagrados oradores sacros D. Octaviano de Albuquerque, arcebispo do Maranhão, e padres Luiz Pinto de Azevedo, João Pereira da Silva Lima, Gustavo Locker, Manoel de Campo Romero, Thomaz Broggi e Benjamin Aragão, proferidos daquelles vetustos pulpitos, nos quaes suas vozes privilegiadas e accórdes com authenticos arroubos tribunicios reboaram em sonoridades vibrantes por aquellas cupolas, conclamando as turbas á fé e exalçando a obra grandiosa do Criador?

Por outro lado, perdura vivaz nos espiritos a passagem pelas mesmas sacras tribunas dos salientes representantes do catholicismo — monsenhores Marianno da Rocha e Nicolau Marx, conegos Diogo Larangeira, Antonio Reis, João Cordeiro, Manoel Joaquim Tostes e Nicolau Knob, padres Feliciano Yae-

gue, Carlos Doppler e outros, que as illustraram com magnificas conferencias ou com prêgações religiosas.

A organização da parochia, na data de sua erecção, coube ao seu primeiro parochio e vigario da vara, reverendo padre Thomaz Clarque, credor que é, por isso, do titulo de benemerencia e gratidão publicas á sua memoria, mórmente levando em conta as condições de meio ambiente em que actuou, cooperando, unido ao governo civil ou militar, para a formação da localidade, e o facto de permanecer ainda em sua abnegada missão em 1765, quando o governador coronel José Custodio de Sá Faria, com intercessão do vice-rei Conde da Cunha, conseguiu a provisão ecclesiastica de 7 de maio do mesmo anno, elevando Taquary á categoria de freguezia e encarregando-o de passar „provimento de vigario encommendado“, nomeando um „clerigo á satisfação do dito governador“, para vigario dali.

Essa nomeação o revendissimo padre Clarque fez em 20 de novembro do referido anno, recahindo no padre Manoel do Couto Maia, que foi o 1.º vigario de Taquary.

O padre Thomaz Clarque, que era portuguez, morreu em Porto Alegre, no anno de 1779.

Um dos successores de Clarque foi o padre Eusebio Magalhães Rangel de Sá, que exercitou a sagrada missão de fazer ingressar na christandade o homerico vulto riograndense, general Bento Gonçalves da Silva, baptizando-o, na matriz local, no dia 19 de outubro de 1788.

A freguezia de Nosso Senhor Bom Jesus de Triunpho, em 1809, segundo texto fiel da provisão respectiva, tinha as seguintes confrontações: — „Ao norte, a freguezia de São José de Taquari, pelo arroio Santa Cruz desde sua barra no Taquari até sua nascente, pela Serra e Sertão: a freguezia de Nossa Senhora da Oliveira da Vaccaria pelo rio das Antas ou Taquari. A leste, a freguezia de Santo Antonio da Patrulha, pelo Certão e Serra Geral até as nascentes do rio Cay. Ao sul, as freguezias de Nossa Senhora dos Anjos da Aldeia e Nossa Senhora Madre de Deus, pelo rio do Sino (ou Itapuy) Gaiba, até encontrar a barra do arroio Petim e por este acima até sua nascente; — a freguezia de São Pedro do Rio Grande, pelo Icamacuã desde a bocca do Sutil até sua barra na lagôa dos Patos. A

ceste, a freguezia de Nossa Senhora do Rosario de Rio Pardo (capella de Santa Barbara da Encruzilhada) pela Serra do Erval, arroio Sutil até sua embocadura no Icamacuã; — a freguezia de Santo Amaro, pela serra do Erval e por uma recta que vae as cabeceiras do Conde e por este abaixo até a barra do Taquari, pelo qual sobe até a boca do Santa Cruz.“

Nesse mesmo anno, 1809, o Alvará de 27 de abril, dando inicio ao regime municipal, dividiu a Capitania do Rio Grande do Sul em quatro municipios: Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antonio da Patrulha. A freguezia do Triumpho ficou, então, fazendo parte do primeiro.

A parochia, que pertence á comarca ecclesiastica de Taquary, tem, actualmente, sua jurisdição circumscripta aos limites do municipio, porque, della, foram desmembradas e erectas parochias, em épocas diversas, as de Sant'Anna do Rio dos Sinos, São José de Taquary, Santo Amaro e Nossa Senhora das Dôres de Camaquam, além das capellas de São João Baptista de Camaquam e São Jeronymo do Novo Triumpho, que, com a de Nosso Senhor Bom Jesus, constituíam o territorio do municipio, quando foi este inaugurado em 1832.

O vigario da parochia e da vara, nessa época, era o conego João Baptista Leite de Oliveira Salgado, servindo como coadjutor o padre Clementino José dos Santos Lima, aos quaes foi dada a satisfação de, como representantes do poder espirital, figurarem nas festas e solemidades de inauguração municipal, subscrevendo, em destaque, os autos commemorativos desse promissor acontecimento

O conego Salgado foi um affeiçãoado de sua parochia e de seus parochianos, entre elles morando por muito tempo.

Construiu confortavel residencia transferida posteriormente a Antonio Ferreira Canabarro, por este reformada, e, hoje, propriedade de Antonio Vieira da Rosa. Adquiriu tambem a chacara ora pertencente a Alcides Freitas.

Possuia, além disso, terrenos ruraes em Camaquam, onde estabeleceu um oratorio, e em cujo logar passava a maior parte de seu tempo, estando, por isso, quasi sempre, na effectividade do cargo de vigario o seu coadjutor.

A terra que produzira Bento Gonçalves da Silva e que Luiz José Ribeiro Barreto, sinceramente, adoptara, parecia mesmo fadada a representar saliente papel nos fastos de 35. pois, seu illustre vigario era o padre Hildebrando de Freitas Pedroso, o ardoroso republicano que, eleito deputado por 2753 votos no memoravel pleito de 1839, ficando em 7.º lugar entre os 36 mais votados, foi, como tal, tambem eleito „em um só escrutinio com maioria absoluta“ presidente da Assembléa Constituinte da Republica Riograndense, installada em Alegrete, ás dez e meia horas de 1.º de dezembro de 1842.

Radicado em sua parochia, venerado, desfructando prestigio e estima, o notavel padre Hildebrando daqui retirou-se para o Rio de Janeiro, deixando numerosos amigos e afilhados, uma dos quaes, quasi nonagenaria, ainda vive e delle guarda clara reminiscencia

De 1852 a 1868 dirigiu a parochia o reverendo padre Manoel José da Cunha, conhecido por alcunha vira-cambota. Aqui falleceu, gozando de muito estima e respeito, e está sepultado no centro da antiga capella do velho cemiterio, situado no perimetro da villa.

A esse sacerdote succedeu o reverendo José Rodrigues das Neves, que administrou a parochia até 1882, época em que se retirou para São Martinho, donde retornou, mais tarde, para, em seguida, dirigir-se á sua patria — Portugal.

Foi proprietario do actual edificio da Intendencia Municipal, assim como da casa de moradia da successão Lottermann, á rua A. Canabarro, e de campos na volta do Barreto.

Um seu parente, o conego Manoel Coelho das Neves, que aqui cégara, mesmo assim praticava o divino officio.

Dahi a 1890 tres foram os vigarios da parochia: padres Vicente Florio, notavel pos seus conhecimentos historicos, Constantino Roco y Fernandes e Antonio Villegas e Gonzales, ambos de nacionalidade espanhola.

Sem deixar de ser o vigario collado da parochia de São Jeronymo, onde falleceu em 1905 e estão seus restos mortaes sepultados na Matriz, tivemos, para o periodo de 1891 a 1898, o advento do padre Luiz Pinto de Azevedo, triumphense notavel, nascido em Pontal, 3.º districto do municipio.

Era o padre Pinto um quasi idolo de seu povo. Tinha um espirito emancipado de preconceitos outros que não fossem elevados, alma simples, coração bonissimo. Pobre viveu e pobre morreu, pois praticava, ininterruptamente, a caridade, nella invertendo os poucos recursos de que dispunha.

Senhor duma intelligencia privilegiada, lapidada no influxo do extraordinario saber do padre-mestre Santa Barbara, de quem fôra discipulo dilecto, e servido por expontaneos dotes oratorios, as suas orações sacras passaram aos annos do seu tempo, como modelos de erudição classica, imaginosa e brilhante. Assimilou ainda o padre Pinto, proficientemente, as lições doutro seu mestre — o insigne latinista padre Juliano de Faria Lobato, lente do Seminario Episcopal, daqui natural e primitivo proprietario da casa da successão de Josephino Saraiva da Fonseca, sita á praça Marechal Deodoro.

Conta o saudoso professor Achylles Porto Alegre, em o livro de sua autoria — „Homens illustres do Rio Grande do Sul“ — que por mais de uma vez Gaspar da Silveira Martins, o genial e prestigioso tribuno rio-grandense, de quem o padre Pinto fôra coreligionario ardoroso e fervoroso admirador, com elle instára para que acceitasse o governo de uma diocese, com a promoção a principe da Igreja, o que nunca conseguiu, em face de suas invariaveis excusas.

Interinamente, succederam-lhe o padre Josué, italiano, e o conego Nicolau Knob até 1905, quando foi este tambem substituido pelo padre Luiz Raffo, que exerceu as funções de vigario até janeiro de 1915.

De 1916 a 1917 estiveram investidos dessa missão religiosa os padres Manoel Ferreira Felix, portuguez, que se retirou para Portugal, onde falleceu, e Carmine Fasulo, italiano, sendo o primeiro poeta e jornalista culto.

A provisão ecclesiastica de 31 de dezembro de 1917 nomeou vigario o padre João Carlos Rech, que tomou posse em 20 de março de 1918. Em sua gestão fundou-se o Apostolado da Oração e a igreja Matriz foi reconstruida interna e externamente, por uma commissão nomeada pelo revmo. sr. Arcebispo Metropolitano, enriquecendo-se ainda, artistica-

mente, com a aquisição de tres bellos e valiosos altares, estylo renascença.

Removido esse vigario e nomeado para substituil-o o reverendo padre Guilherme Stamsen, tomou este posse de seu encargo no dia 27 de janeiro do anno findo, achando-se ainda no exercicio do vicariato da parochia.

Este vigario tem se notabilisado pelos melhoramentos materiaes introduzidos na igreja Matriz, que, num anno, quasi remodelou internamente, duplicando a capella-mór ou côro e promovendo não só concertos de toda especie, como pintura geral.

Nota-se, tambem, no interior do templo o mais perfeito asseio, respeito e ordem, tudo demonstrando a incessante ope-rosidade do vigario e seu grande amor á religião. Tal proce-der tem impressionado muito bem os parochianos, os habi-tantes conservadores e os interessados, patrioticamente, no engrandecimento do soberbo monumento artistico legado pe-los nossos antepassados.

O culto divino teve sempre decidido amparo dos catho-licos no passado, como no presente. Preciosas alfaias, reca-madas de ricos labores ou bordados, cujos remanescentes, re-vestindo-se da obra destruidora dos seculos, vieram até nos-sos dias, sortiam os vetustos armarios e arcas das irmandades ou confrarias constituidas.

Eram ellas do Senhor Bom Jesus e S. S. Sacramento, uni-das, a de São Miguel e Almas, a de Nossa Senhora das Dôres e N. S. do Rosario, e distinguiam-se umas das outras nos offi-cios e solennidades pela côr da ópa envergada pelos irmãos: vermelha, verde, roxa e branca, respectivamente. Tinha, além disto, cada uma dellas, o seu guião, enormes bandeiras daquellas côres, abrindo as procissões.

Tiveram essas irmandades dissolução automatica, não obstante tradição gloriosa e meios materiaes de existencia assegurados desde a creação, conforme se verá das disposi-ções seguintes, em texto original do padre Clementino José dos Santos Lima, escripto em 28 de dezembro de 1827.

Freguezia do Triumpho

„As irmandades que ha nesta Parochia são as duas unidas do SSmo. Sacramento e do Bom Jesus, q. foram formadas devotam. pellos poucos Freguezes que então havião no anno de 1776 nesta Freg. os seus estatutos que tem força de Lei, e compromissos foram approvados pelo Exmo. e Revmo. Sor. Frei Antonio do Desterro, Bp.º do Rio de Janeiro, aos 12 de Março do sobred.º anno de 1766 e me consta q. nesse tempo pertenciam os rédditos da passagem do rio desta Freg.^a como patrimonio das duas Irmandades, e que hum territorio vizinho q. servia de segurança p.^a pastagem de alguns animaes: a passagem passou a ser remattada, julgo por Mandado dos Governadores: O terreno dos pastos, ainda existente esta arrendado a Antonio Barbosa da Silva por certa quantia q.e ignoro.

Ha mais a Irmandade de S. Miguel e Almas, que não me dão noticias do seu principio e só que haverão mais de 50 annos já havia: os seus redditos são as joias dos Off.s, annuidades dos irmãos, e as esmolas q. se tirão os tiatim nos domingos; tem compromisso confirmado por Ordem de S. Mag. então Principe Regente o Sor. D. João 6.º.

Tambem não tenho noticias do principio das Confrarias das Dôres; e do Rosario, que a devoção dos Povos tem conservado ha alguns annos; os redditos são os mesmos da Irmandade de S. Miguel e Almas: não tem compromisso.“

Eram essas irmandades proprietarias, ainda, dos cemiterios existentes á rua A. Canabarro. Enriqueciam-nas, outrossim, joias e pratarias dos adornos das imagens e altares.

Tem a igreja Matriz seis altares, onde se enthronisam as imagens de Nosso Senhor Bom Jesus de Triumpho, N. N. S. S. das Dôres, Rosario, das Graças e de Lourdes, Coração de Jesus e Maria, Santo Antonio, São João, São Miguel, São Francisco, S. José e Sta. Rita, além do Espirito Santo, Sta. Barbara, Senhor Morto e Sta. Therezinha.

Existem no municipio 5 capellas suffraganeas da Matriz e sob a autoridade ecclesiastica do vigario da parochia: Ca-

tupy, 2.º districto, Cahy e Ponta Raza, no 3.º, e Bemfica e Passo Fundo no 4.º.

Deve-lhe, da mesma fórma, obediencia a que, na villa, denomina-se Imperio, onde se cultua o Divino Espirito Santo.

Vindas de passado longinquo, praticam-se, annualmente, em Barro Vermelho, no interior do municipio, festividades religiosas populares em louvor de N. S. da Conceição, outr'ora concorridissimas pelos habitantes de todos os districtos.

A imagem venerada pertencia a Manoel José de Azeredo, datando seu culto de épocas anteriores a 1835. Azeredo construiu em uma das salas de sua residencia uma capella, onde entronisou a santa e se realizavam os officios catholicos. Morto este, sua filha Anna Domingas de Azeredo continuou, até sua morte tambem, as tradicionaes solennidades.

A acção iconoclasta do tempo destruiu a capella e, por isso, realizam-se as commemorações em diversas casas, resentidas, porém, do entusiasmo e devoção d'antanho.

Igreja Baptista

Na rua Luiz Barreto, em prédio convenientemente adaptado para servir de templo foi pelo pastor Alberto Dunstan fundada a Igreja Baptista local.

O pastor Carlos Avenson, investido dessa função, organisou-a em Março de 1923, não só com o comparecimento dos seus adeptos, como com a presença dos missionarios Roberto Pettgrouw e sua esposa e representações das diversas igrejas de Porto Alegre.

Afóra varios prégadores vindos temporariamente, exercitaram as funções de pastores, successivamente, os srs. Francisco Silva, Carlos Svenson e João Conceição Rios.

Actualmente, apesar da assiduidade de seus crentes, acha-se fechado o templo e suspensas as praticas religiosas.

VI

O Theatro

O actual „Theatro Bento Gonçalves“, assim denominado em 1914 pelo inesquecível e progressista triumphense adoptivo Bello Ferreira, quando nelle installou o primeiro cinema local, na simplicidade de sua architectura e ainda de todo não concluído, foi construído em 1848, sob o nome de „União“, comquanto, posteriormente, em 1897, se houvesse chamado Sant'Anna, por baptismo do saudoso sacerdote conterraneo Luiz Pinto de Azevedo, em honra de notavel actor dramatico brasileiro de igual nome.

A idéa de sua fundação originou-se de bem pouco: uma dessas questiunculas de campanario, frequentes no meio aldeão, onde o raio visual quasi sempre se restringe aos limitados e curtos horizontes d'um ambiente saturado de odios mesquinhos e gratuitos, em que a razão se tolda e a inveja, embora pejada de ridiculo, procura amesquinhar e abater os vultos que, por seus meritos individuaes, se destacam na sociedade, nas letras e na politica.

Luiz José Ribeiro Barreto, insigne deputado e guerrilheiro farroupilha, personalidade invulgar, consagrada em relevo nos faustos da historia rio-grandense, chefe politico local de incontestavel prestigio e saliente valor social, homem culto, amante, por isso, do bello e da arte, não podia escapar incolume a essa nefanda regra: teve desaffectedos que o denegriam.

Figura de patriarcha illuminado, superior e inquebrantavel, dessas que as turbas ignaras e petulantes, cégas de egoismo, não entendem, mas apredejam por instincto de maldade e ingratidão, Barreto, que não vergava e jamais desertára o recto caminho dos ideaes que se traçára, olhando do alto, antes apiedado que magoado, compreendido e admirado pelas élites, louvado pelos homens de bom senso de todas as correntes sociaes e politicas, jamais se entibiou na sua acção de grande cidadão prestimoso e patriota indefeso.

Antes do predito anno de 1848, como ainda depois, em que Estado e Igreja marchavam confundidos nas mesmas honrarias publicas, consequentes do regime legal vigorante, as confrarias catholicas ou irmandades, escolhendo pelas eminencias, levavam ás sacras urnas dos sorteios, para os encargos de festeiros religiosos, as personalidades mais representativas da parochia.

Assim sendo, natural foi que a Barreto coubesse desempenhar essa elevada e honrosa incumbencia. Em louvor do santo que lhe tocára festejar, não só um pomposo programma lithurgico e popular organisára, como a elle aggregaria uma representação dramatica, que, á falta de theatro, seria realisada num tablado adrede preparado. Seus inimigos, porém, valendo-se da absorção da actividade do grande homem, voltada para a generalidade das resoluções que o bom desempenho das funcções exige, taes obices lhe oppuzeram, taes difficuldades lhe crearam que o espectaculo fracassou por falta de logar adequado.

O illustre varão cumpriu, entretanto, serenamente, sua missão até o fim, sem explosão de magoas, sem recriminações pessoas. Mas, para que a arte theatral, essa divina criação dos espiritos aprimorados, na actuação civilisadora e delectante, não ficasse, nas suas realizações, sob „contrôle“ da imbecilidade nativa de poucos, resolveu erguer-lhe um templo, que, apezar de modestissimo, é o maior florão das suas glorias, porque nos torna certos dos seus anseios de perfeição cultural.

Esse magnifico plano conseguiu decidido amparo moral e material dos dignos triumphenses João Felix Maia, Francisco Antonio de Andrade, João Antonio Correia, José Manoel da Maia, João Antonio de Andrade, Josephino Saraiva da Fonseca, João Vieira da Silva, Roberto André de Freitas e outros, que, alliados a Barreto, constituíram uma associação, com estatuto organico, de que fôra este um dos redactores e, ao mesmo tempo, relator.

Fundada a sociedade, composta de 29 associados, com acções do valor integral de 100\$000, foi adquirido um velho prédio, que, demolido, cedeu logar á construcção do Theatro,

entrando com o tijolo necessario o capitalista Manoel Caetano Pacheco da Cunha, proprietario duma olaria situada nos suburbios da villa.

O edificio, sufficientemente acabado e aparelhado internamente, comportando, como até hoje, 400 pessoas, custou, portanto, a quantia de 2:900\$000!

Com o numero de socios fundadores coincide o de camarotes distribuidos em duas ordens em torno da platéa. Delles era privilegio occupal-os por occasiões de festivaes.

O espirito que concebera e presidira á formação da associação, com visão clarividente, taxou na sua lei e imprimiu nos seus destinos, como suprema finalidade da instituição, promover a educação social e artistica do meio, condicionada a manifestações praticas de elevação moral, sem preoccupações mercantis. O Theatro seria, além dum centro de diversões, escola civilisadora.

E assim tem sido. Membros das mais conceituadas familias, cidadãos de austeros costumes e marcada proeminencia social, expoentes intellectuaes patricios e adventicios, integrados na communhão local, uns como amadores scenicos, outros como autores, nestes 80 annos decorridos, têm frequentado aquella casa historica, mantendo-lhe a tradição.

As primeiras representações dramaticas de inauguração e successivas, na vigencia da „União“, tiveram, entre outros, como interpretes a Luiz José Ribeiro Barreto, Severino Cunha, Maria Antonia e Maria Luiza da Cunha.

Em Setembro de 1860, uma companhia, a do Gouveia, primeira aqui vinda, estreou no Theatro, cedido tambem pela vez primeira, com o drama „Familia Morel“. João Alvim, o octogenario ancião, ainda escrivão districtal de Margem, então com 10 annos, destacado por seu professor, o provecto velho Rocha, de imperecível memoria, tomou parte na representação, desempenhando pequeno papel, aliás bem conduzido, não só pela intelligencia do collegial, alumno de tão grande mestre, como porque encarnára personagem cuja vida coincidia com a que levava no lar, amparando sua propria mãe enferma, falecida dias após.

Peregrinação Española en America. Arte Manumission y Progreso. Assim denominou o prestidigitador espanhol João Jam y Nurat sua excursão pelo Continente.

Nurat, amigo do Visconde do Rio Branco, de quem apresentava credencias que o recommendavam ao apreço, filiou-se no Brasil á campanha abolicionista, percorrendo-o em propaganda desses ideaes e no exercicio de sua arte. Dos proventos desta era destinada sempre hũa parte á libertação de captivos.

Em 1878, o tablado do Theatro local foi honrado com sua prédica civica e com seu trabalho artistico, ao mesmo tempo altruistico.

O excellente artista era, além disso, elevadissimo gráo da Maçonaria Universal, então nos pincaros de sua grandeza. Por esse motivo, a loja triumphense prestou-lhe significativa homenagem, recepcionando-o em sessão magna, realizada no recinto do mesmo Theatro, da qual foi orador official o erudito professor João Virgilio Rocha.

Sob a denominação „Arthur Rocha“, a geração que succedeu a que formava a „União“ organisou o grupo dramatico, que, de 1873 em diante, com adormecimentos e reviviscencias, levou á scena varias e applaudidas peças theatraes, taes como: „Ignes de Castro“, „Mestre Guizes“, „Deus e a Natureza“, „Anjo do sacrificio“ e outras. Delle faziam parte o coronel João Leite Pereira da Cunha, mais tarde conhecido e considerado delegado de policia da capital do Estado, Francisco Leiria, Numa Pompilio, Francisco A. Ribeiro de Andrade, Affonso Marcondes de Mello Maia, João Borges Coutinho, Manoel Luiz de Almeida, João Virgilio Rocha, Francisco das Chagas Henriques, Manoel Faustino Tavares, Fernando Kersting Filho, Bruno Andrade, Desousart e as sras. Querida Borges Coutinho e Dinuca Kersting, tendo como ponto, a José Antonio do Couto Junior.

Um tão luzido corpo de amadores dramaticos constitua, como se evidencia á simples enunciação de seus nomes, o escôl social da época.

Durante mais ou menos 20 annos, numa phase material-

mente decadente para o municipio, o Theatro adormeceu sobre os louros das suas passadas glorias.

A Ivalino Brum, advogado e delicado escriptor theatral, deve-se o seu resurgimento em 1899, com a organização do „Gremio Dramatico Damasceno Vieira“, que fez representar os dramas „Annita“, „Dedo de Deus“ e „Postergada“, da lavra de Ivalino, „Celina“, „Filho Bastardo“, e „Gaúchos“ e outros, inclusive comedias.

Expoentes sociaes, ainda ahi, constituíam o corpo scenico: Ivalino Brum, Francisco Amorim, Antonio Fernandes da Cruz, Fernando Kersting Filho, João Affonso Massena, Carlos F. Falleiro, Jacintho Kersting, José Antonio da Cruz, Luiz Carvalho, Theotônio Jacintho Ferreira da Cunha, o signatario, então na infancia, e sras. Leontina Brum, Setembrina Kersting e Mimosa Fonseca Amorim, tendo por ensaiador Manoel Luiz de Almeida e por ponto Octacilio Alves Massena.

O patrono do Gremio, o aureolado poeta rio-grandense Damasceno Vieira, residente na Bahia, dirigiu dali, a 20 de setembro de 1900, a seguinte carta á sociedade: — „Cidadão Secretario do Gremio Dramatico Damasceno Vieira. Lendo hoje um bello soneo intitulado „Arte“ do poeta Ribeiro Taques, publicado no „Correio do Povo“, de Porto Alegre, de 31 de Agosto passado, tive o contentamento e a surpresa de saber que existe na patriotica villa do Triumpbo, uma associação dramatica com a denominação acima.

Venho cumprir o duplo dever de agradecer a distincção com que me enaltecem os meus patricios e de offerecer-lhes, como penhores de reconhecimento, duas peças minhas: „Os Gaúchos“, comedia em 3 actos, e „A Voz de Tiradentes“, scena dramatica.

Fazendo intensos votos pela vida gloriosa de vosso Gremio, tenho a honra de collocar á vossa disposição os meus serviços nesta capital.

Patricio grato.

(Assignado) Damasceno Vieira.“

Interrompida a vida activa-social do alludido Gremio, um outro, em 1904, com elementos daquelle e mais Lindolpho Vieira da Rosa Canabarro, Gustavo Kindlein, suas filhas Julieta e Picucha e sras. Dalcira Saraiva e Lili Mützel, foi fundado, para o mesmo elevado fim, com o titulo José Chaves, em honra ao digno commerciante de Porto Alegre e saliente amator da Luso Brasileira daquella cidade, que aqui costumava veraneiar, aproveitando seus ócios em ensaiar, gentilmente, os amadores locais.

Sobre essa passagem da vida artistica dessa sociedade, melhor explicam os seguintes documentos: „Secretaria do Grupo Dramatico Particular José Chaves. Triunpho, 5 de julho de 1904.

Illmo. sr. José de Freitas Chaves.

Porto Alegre.

O Grupo Dramatico, desta localidade, que teve a honra de escolher, para seu baptismo, o vosso nome tão honrado e aqui tão querido, tem a satisfação de vir, por intermedio do seu secretario, offerecer-vos um folheto do drama „Annita“, do qual fostes o ensaiador, como um protesto fulgente do apreço sincero que vos dedica.

Aproveitando a oportunidade, convida-vos para dar-des-lhes o elevado prazer e honra de virdes assistir, a 9 do corrente, a representação do novo drama „Maria“, da lavra do auctor do „Annita“, o nosso amigo Ivalino de Brum.

Convencida de que nos dareis a honra de nos distinguir com a vossa tão sinceramente almejada presença, esta directoria firma-se, por seu secretario, muito agradecida.

De Vós — Admor. e Venor.

(Assignado) Octacilio Alves Massena.“

O culto cavalheiro assim contestou: „Illmo. sr. Secretario e mais Membros do Grupo Dramatico Particular „José Chaves“.

Respondendo a vossa communicação de 5 do corrente, passo a declarar-vos que a honra sobre modo elevada com que

me galardoou essa Pleiade de jovens amadores da arte de Thalia, collocou-me em tão seria evidencia que sinto-me attento ante a minha propria obscuridade!

Por mais que perscrute, não encontro motivo para tão elevada distincção á minha humilde individualidade, por isso que, se me permittirdes, proponho-vos a substituição do nome que faz titulo ao vosso Grupo, por um dos muitos nomes illustres que possui a nossa Galleria Theatral Brasileira, occorrendo-me de momento o do glorioso e inolvidavel patricio João Caetano dos Santos, uma das fulgurantes estrellas do nosso palco, nome esse que synthetisa para o distincto Grupo a arte de que é muito digno cultor, prestando ao mesmo tempo, justa homenagem ao maior vulto da scena Brasileira!

Summamente penhorado pelo honroso titulo que graciosa e immerecidamente me conferistes, appello para vossa benevolencia, dispensando-me a pobreza de phrases de que me sirvo para significar a minha gratidão.

Agradecendo a fineza do vosso mimo e bem assim o convite para assistir a representação do drama „Maria“, da lavra do nosso talentoso patricio e companheiro Ivalino de Brum, peço-vos me desculpeis a falta do comparecimento, alheio á minha vontade e isso devido a achar-se minha esposa recolhida ao leito.

V. Patricio e Admor.

(Assignado) José Chaves.

Porto Alegre, 8 julho 904.“

Pela linguagem usada nessa correspondencia, infere-se quão justamente apreciada era a arte theatral brasileira, assim como admirados seus grandes interpretes.

Depois de haver representado „Badejo“, „7 de Setembro“ e outros dramas, devido á mudança dos seus mais influentes membros para fóra do municipio, o Grupo José Chaves, após dois annos de util existencia, extinguiu-se, deixando duradoura lembrança dos seus festivaes artisticos.

Para Triumpho, o albor de modesto resurgimento, tanto quanto preciso para refrear seu total aniquilamento, surgiu em 1910.

Percebendo o despertar de energias novas, os moços, como os de idade madura e mesmo os de provecta, congregaram esforços no sentido de ainda mais fortalecer e amparar o surto, embora fragil, de progresso.

Foi, então, que os mais destacados elementos sociaes, com apoio da municipalidade, agruparam-se em torno da figura do „poeta-magistrado“, dr. Ribeiro Tacques, e resolveram reviver o Gremio Dramatico Damasceno Vieira.

Organisada a associação regularmente, com estatutos discutidos, approvados e inscriptos no Registro Civil, na conformidade do decreto n. 173, de 10 de setembro de 1893, para effeitos de personalidade juridica, no dia 6 de agosto de 1910, tomou posse sua primeira directoria, assim constituida: presidente, dr. Carlos Alberto Ribeiro Tacques; vice-presidente, Candido Alves de Oliveira; 1.º e 2.º secretarios, Virgolino José de Souza e Manoel Ferreira Cardoso; thesoureiro, Francisco de Souza Machado; procurador, Nereu Nolasco Rodrigues; commissão de obras e contas, João Baptista de Souza Machado, Marino Josetti de Almeida e João de Azevedo Cunha Pinto; director do corpo scenico, Gustavo Kindlein.

A sociedade apossou-se, então, do Theatro ao abandono, installando nelle sua séde. Uma como que lufada vivificadora invadiu, por essa forma, o velho prédio que se abeirava da ruina. A's teias, ao lixo, ao caruncho e á fuligem do tempo, substituíram — quem diria! — a alvura das tintas revestidoras das paredes, tectos e camarotes, que ostentavam columnata esmaltada de azul celeste, com capiteis dourados. — E' que presidia á renascença o fino espirito dum literato, que penetrou nos dos demais, em irradiações luminosas, infiltrando-os de amor pelas bellezas da vida e pelas radiosas subtilezas da arte immortal.

Pouco depois, proseguindo no afan renovador, engalanavam o palco lindos e valiosos scenarios, a par de mobiliario branco, com estofa de velludo azul ferrete. A platéa povoava-se de cadeiras e camarins eram construidos.

Já em 1912, em consequencia de incessante operosidade da directoria e apoio financeiro dos socios e do publico, que accorria em massa aos espectaculos dramaticos do Gremio, foi possivel executar o revestimento externo do frontespicio do Theatro e concluir-lhe a platibanda, collocando-se valiosa porta principal, doada pelo industrialista major Simão Kappel, um dos socios benemeritos.

No livro respectivo, registravam-se os seguintes nomes de amadores, activos e dedicados: João Baptista de Souza Machado, João Affonso Massena, Manoel Ferreira Cardoso, Nereu Nolasco Rodrigues, José Waldemar Dias, João de Souza Senandes, Christiano Ottomar Jung, Ulmerindo José Moreira, Nabor Nolasco Rodrigues, Luceval Machado, Octaviano Silva, Armindo Saraiva, Virgolino José de Souza, João de Azevedo Cunha Pinto, Manoel Luiz de Almeida, o signatario, a sra. Herminia Saraiva e senhoritas Rosenda Machado., Antonietta Barreto, Abrilina Bittencourt, Orphelina Souza e Platonides de Souza.

Com guarda-roupa proprio, trajes adequados á cada peça e a vinda de caracterizador de Porto Alegre para cada função, enscenaram-se, com relativo successo, fartos applausos e repetições, a pedido, algumas dellas tres vezes, como „Carta Anonyma“, as seguintes obras theatraes: „Martyres do Amor“, de Ivalino Brum, „Adelina“, „Diana de Rione“, „15 Annos de Prisão“, „Carta Anonyma“, „Dever“, „Ceia dos Cardeaes“, e „Tres Graças“, de Julio Dantas e „Rajada“, de Ribeiro Tacques.

„Rajada“ é filha dilecta daquella época e daquelle meio, saturado de idealismo romantico, poesia, festas e alegrias uteis e confortantes. O autor a escreveu sem pretensões a obra de impeccavel technica theatral, genero de litteratura a que, confessou, não se dedicára ainda. Cedeu, ao fazel-a, a instantes rogos de seus consocios. Não obstante, a these desenvolvida, comquanto subordinada ao numero de amadores de diversos generos, difficuldade a vencer, é simples, suggestiva e mesmo original, desenvolvida em escorreita forma vernacula.

Na vigencia do Gremio, a vida social, e até mesmo administrativa local, concentrou-se no edificio do Theatro. Eram

assíduos ali não só o vice-intendente municipal, em exercício, major Eduardo Magalhães, como o funcionalismo e pessoas qualificadas das varias profissões, todos socios ou amadores. Ajustavam-se, naquella casa historica, festividades externas, como manifestações á directoria, a amadores e a socios por motivo de seus anniversarios, assim como medidas de progresso moral e material e até actos de altruismo.

Os ensaios das peças a representar, constituíam noites de permanente sessão litteraria, a que precedia variada e instructiva „causerie“. Tão agradavelmente impressionados estavam os espiritos que em solenne reunião, num enthusiasmo desbordado, um amator, com geral approvação, exclamou: — O Theatro é o céu da terra!

Na conformidade da disposição do estatuto, em 1913, a sociedade dissolveu-se, fazendo cessão de seus bens, inclusive Theatro, por escriptura publica, á Intendencia Municipal, que conserva no seu salão de honra a luxuosa mobilia assim doada.

Comquanto haja essa extincta associação reformado e consolidado em linhas geraes o edificio, a salvação do Theatro e sua existencia até nossos dias são devidas, principalmente, á acção expontanea de Affonso Machado Coelho, Floriano Ribeiro Barreto, actual notario, e José d'Angelo que, em 1896, appellando para a munificencia publica, conseguiram a quantia de 1:000\$000 para urgente compostura. Esta foi realisada em 1897 pelo ferreiro Carlos Lampert e carpinteiro João Baptista Machado, que procederam á amarração das paredes com vigas de ferro. mudaram madeiras e retelharam-no em qualquer remur eração.

Destacados pelo „Club 24 de Maio“, em 1904, Carlos Falleiro, Alcides Freitas e o signatario, com auxilio das então meninas Rosenda Machado, Antonina Saraiva, Abrilina Bittencourt e outras, em homenagem ao dr. Arthur Pinto da Rocha, extincto ministro do Supremo Tribunal Militar, aqui veraneando, foi levado a effeito um festival artistico.

S. ex. compareceu e, em meio ás declamações, produziu elegante oração, fino labor do seu brilhante e culto espirito. Depois, escreveu aos homenageantes a seguinte carta:

„Illmos. srs. Marino Josetti de Almeida, Carlos Falleiro e mais dignos socios do „Club 24 de Maio“, componentes do grupo dramatico.

Com subido prazer recebi o amavel officio por meio do qual vos dignastes enviar-me o cartão de ingresso para o espectáculo hontem realisado e que a vossa nimia gentileza e fidalga cortezia de generosa hospitalidade resolveu dedicar em homenagem á obscura pessoa e familia do vosso patricio que tem a honra e a satisfação de accidentalmente conviver no seio desta boa e amavel sociedade na mais pacifica e encantadora terra do Rio Grande do Sul.

Agradeço-vos a honrosa deferencia de tão affectuoso cumprimento que attribuo exclusivamente á innata bondade das vossas almas, sempre inclinadas ao carinho e ao requinte das delicadas expressões de captivante affabilidade.

Aceitando o vosso convite para mim tão grato, eu cumpro simultaneamente um dever e tive o agradavel ensejo de apreciar o resultado do esforço tão nobre e tão utilmente desenvolvido pelos vossos espiritos, no intuito sempre louvavel de cultivar a intelligencia e incentivar os corações na pratica do bem e das virtudes.

De todos os meios e processos de que podeis lançar mão para conseguir esse ideal, a escola da arte dramatica, tal como a comprehendéis e practicaes, é, sem duvida alguma, aquelle que mais resultados poderá produzir.

Educa os talentos, impelle os corações para a bôa estrada, leva a guerra aos arraiaes do vicio, nullifica as tentações do jogo, impede a invasão do alcool, tonifica as almas para o trabalho, reúne publicamente as familias sob as vistas cariciosas dos paes, tranquillisa a timidez sempre apprehensiva das mães, encaminha para o estudo, desprende a intelligencia das creanças do preconceito esterilizador e mantem, sempre vivo o fogo ardente da solidariedade affectiva, por meio do principio da associação que é o elemento primordial, efficaç para o progresso e cultura das sociedades modernas.

Os applausos do publico e as alegrias que dominam todos os espiritos nessas horas ligeiras e bôas de serenidade e de

encantos, valem mais do que as grandes recompensas que o ouro proporciona nos centros populosos.

O que hontem me foi dado observar com extrema satisfação é producto do vosso trabalho bem intencionado e da dedicação á leitura que eleva os espiritos alimentando-os como um leite precioso da mais carinhosa das mães.

São sempre dignos de respeito e da consideração alheia aquelles que trabalham para a cultura da sociedade em que vivem e de cuja existencia e concurso auferem os meios de se manterem honestamente.

Tudo é util, nada se deve perder nem desdenhar nesse sentido.

O trabalho das abelhas, na sua pequenez e na sua vida de fragilidade, tem mais valor do que a labuta guerreira dos leões das florestas, na sua grandeza immensa, na sua força assombrosa, na sua tendencia sanguinaria e feroz. Aquellas, as abelhas, produzem o mel que alimenta, cura, refrigéra e aquece e a cêra que, transformada pela industria, illumina as imagens nos altares, fórma um dos elementos da belleza artistica do culto religioso, acompanha o homem na pia baptismal e na hora solenne e triste do trespasse final para a futura vida.

Estes, os leões, na perpetua ociosidade das matas virgens, vivem apenas para a guerra e, até hoje, nenhum sabio da terra descobriu ainda onde paira o monumento erguido pela força das feras e pela magestade do Rei dos animaes á civilização e á nossa mãe-commum — a Natureza; ao passo que nenhum espirito, por mais inculto e rude que seja, desconhece que um enxame é uma vasta familia de operarios sem vicios e cheios de virtudes e que uma colmeia é uma fabrica perfeitamente montada e dirigida com rara habilidade e extraordinaria economia de tempo e de material, onde o homem pode e deve aprender a ser honesto, zeloso, moralizado, economico, prudente e forte.

Por isso o vosso trabalho me encanta e eu despretenciosamente o applaudo de todo coração pois que, alem de ser fecundo, tem a animal-o a pureza innocente e abençoada das formosas e galantes meninas que hontem encheram a sala

do Theatro com a voz castissima das suas gargantas e com os sorrisos dos seus labios infantis, interpretando a belleza dos versos que recitaram com extrema correcção e tão intelligentemente.

Asseguro-vos que tive a melhor impressão do vosso esforço e que regressarei á vossa residencia tendo fruido nestas tres horas deleitosas de paz e de serenidade um mundo de alegrias extranhas que foram para o meu espirito fatigado um repouso encantador e um banho tonificante de doces esperanças.

Cumpre-me, pois, aconselhar-vos que continueis sem desalentos, sem esmorecer a coragem, estudando sempre, trabalhando constantemente com assiduidade e amor, esforçando-vos com perseverança incançavel nesse caminho que iniciastes tão promissoramente e tereis assim os applausos de todos os homens de bem, de vossos paes, de vossos amigos, unicas expressões que não enganam, unicos labios que não mentem.

E para tudo quanto nesse intuito vos for util ou agradavel, contaes sempre com a affectuosa sympathia, com a amizade desinteressada, reconhecida e sempre grata do vosso patricio, admirador e amigo. (Assignado) A. Pinto da Rocha. Triumpho, 7 de fevereiro de 1904."

Pelos annos de 1900 a 1903, tambem no palco do Theatro, os professores Affonso Machado Coelho, de saudosissima memoria e que fôra lente da Escola Brasileira, de Porto Alegre, exercendo aqui, com sua esposa d. Dolores Fontoura Coelho, o magisterio publico, realisaram lindas festas escolares, commemorativas dos encerramentos dos periodos lectivos de suas escolas.

Fundado o Grupo Escolar, ainda ali, Mariquita Pires, sua entusiastica directora, tão prematura e lamentavelmente roubada á vida, iniciou os festivaes litterarios, musicaes e artisticos, desempenhados galhardamente pelos alumnos daquelle instituto de ensino. Os seus successores têm agido de igual fórma.

No Theatro funciona permanentemente, desde 1914, o cinema, que, na conformidade do contracto com a Intendencia Municipal, não impede quaesquer manifestações artisticas, antes o seu proprietario os tem promovido.

Clubs

Sob a presidencia de João Baptista de Souza Machado e, no anno seguinte, de José Antonio da Cruz, quando dissolveu-se, existiu em 1904, o club litterario e recreativo „24 de Maio“.

Conseguiu essa associação accumular em sua bibliotheca grande numero de livros sobre arte, sciencias e litteratura, todos graciosamente offerecidos.

Em sua séde, no vasto salão de honra, promoveu veladas artisticas e animados saraus.

Redigidos por seus socios Ivalino Brum e Carlos F. Falleiro circularam em manuscriptos, os jornaesinhos „Rebate“ e „Gosto“, que, por seu humorismo, davam a nota pittoresca, em cada semana social.

Dahi para cá, sómente em 1926, presidido por Eduardo Moreira de Freitas, inaugurou-se, no dia 31 de dezembro, com os fins daquelle e mais representação dramatica o „Club Alliança“.

Tinha como presidente honorario, Marcos Machado Coelho; vice-presidente, Oscar A. Machado; 1.º e 2.º secretarios, Argemiro M. Saraiva e Heitor Olegario; 1.º e 2.º thesoureiros, Pedro Bittencourt da Silva e Manoel J. R. Barreto Sobrinho; 1.º e 2.º oradores, José A. Preiss e Odilon L. de Borba; 1.º e 2.º cobradores, Alvaro de A. Machado e Fidencio de C. Freitas; 1.º e 2.º bibliothecarios, Argeu M. Saraiva e Manoel Machado.

Possuindo intelligente conjuncto de amadores scenicos, facil foi organizar e realisar festivaes variados, com programas dramaticos e musicas, a que os applausos sempre coroarão de victorias, quando, após as declamações cerrava-se o velario do palco do Theatro.

Entre as principais peças representadas, contam-se: „Annita“, „Rajada“ e „Carta Anonyma“.

Eduardo M. de Freitas, Sylvio Mendel, Odilon L. Borba, José A. Preiss, João A. Massena, Osvino Krist, Olavo Machado, Antonio O. Heit, Manoel Machado, Ernesto Barreto, Argeu Saraiva, Waldemar dos Santos, senhoritas Luiza Freitas, Carmelita Rocha, Ledy Lobato, Clara Magalhães, Carolina Cravina Nair Alencastro, Altemira Ferreira, Nair Merg, sra. Celita Olegario Heit e meninas Annita Butler e Gladys Alencastro, formavam brilhante corporação de amadores.

Para o incremento de ideaes partidarios e desenvolvimento de seus proselytos, tiveram existencia local o „Club 15 de Novembro“, em 1913, e o „Centro Republicano Borges de Medeiros“, em 1924. Como sóe acontecer, cessado o interesse politico pelo qual se estabeleceram, actuando activamente, desapareceram essas agremiações civicas, automaticamente.

Crystallizando a estupenda lição de civismo que o Rio Grande do Sul, sem exemplo, talvez, na America do Sul, está a dar de sua educação politica, unido em torno á figura de um dos seus mais eminentes filhos, com o intuito superior, adstricto a principios que não regionalistas, de eleval-o á presidencia da Republica, sob direcção das individualidades mais salientes das correntes politicas locais, existe a associação denominada Gremio José Bonifacio, cujos fins precipuos são a propaganda das candidaturas dos preclaros drs. Getulio Vargas e João Pessoa para occuparem os encargos de supremos magistrados do paiz.

Triumpho patenteia, assim, estar integrado na communhão rio-grandense por laços de civismo tambem, demonstrando que aproveitou e assimilou as lições superiores de um seculo de luctas politicas dentro de ideaes definidos.

VII

Regime Republicano

A nova fôrma de governo encontrou o município reduzido aos 720 kilometros de sua superficie actual.

De seu territorio primitivo, por successivas desmembrações já se haviam instituido outros municipios, que, á sua vez, cederam terras para constituição de novas communas.

As cidades de Taquary e Montenegro, as villas de São Jeronymo, Santo Amaro, São Sebastião do Cahy, São João de Camaquam, Dôres (actual Tapes), Venancio Ayres, Guahyba, Estrella, Lageado, Encantado, Garibaldi e Bento Gonçalves, com seus territorios ruraes, estão todos incluidos nos antigos districtos de Triumpho.

Uma tal amputação de tão vigorosos membros do organismo municipal, obra feliz do progresso de nosso Estado, foi mais que sufficiente para um colapso.

Confrontados os primeiros limites com os existentes, resulta que o município perdeu 16.780 kilometros quadrados de seu territorio.

Se é bem verdade que Triumpho tem grande e justificado orgulho pela brilhante vitalidade dos filhos que á sua sombra se crearam, não é menos verdade que a fixação das suas confrontações com elles foi obra sem equidade, perfeita mutilação, enfraquecedora e improcedente, dada a nenhuma razão da existencia, dentro do mesmo Estado, de município em penuria financeira e economica, por carencia de territorio que a outros sobra.

Increpam-se, procedentemente, os dirigentes da época de negligencia e descaso na defeza dos interesses do município, especialmente quando, em 1873, foram fixados os limites com Montenegro, que deveriam ter attingido em favor de Triumpho até ao arroio da Cria naquella, abrangendo, assim, mais um pedaço de campo e contrafortes da Serra Geral, com que nenhum prejuizo causariam á invejavel pujança do primeiro e favoreceriam o progresso do segundo.

Eis ahi o factor primacial da prolongada decadencia existente até 1910, periodo esse em que a villa não ficou sómente estacionaria: esboroaram-se varios de seus prédios, hoje, felizmente, substituidos com vantagem em numero e valor.

Mas, ainda não é só isso: era mister liquidar Triumpho, para que a gloria de seus filhos fosse maior!...

O dr. Fernando Abbott, exercendo eventualmente a presidencia do Estado, por acto n.º 529, de 9 de julho de 1891, assim estabeleceu as divisas do municipio com o de Taquary: „Da barra do arroio Santa Cruz, no rio Taquary em direcção ás divisas dos campos de Barreto com as de Jacob Selbach até o Passo da Ponte, no arroio Gil, dahi seguindo ao Norte mais ou menos a encontrar as divisas das terras que foram dos Souzas, com os Brochiers, fazenda Maratá, deste ponto seguindo a encontrar as divisas da antiga sesmaria de d. Joanna pelo Oéste, seguindo essa divisa até o territorio da Colonia Teutonia e dahi pelas divisas actuaes“.

Consequentemente, perdia o municipio de Triumpho o seu actual 2.º districto e metade do 1.º, ficando os limites com Taquary apenas a uma legua, mais ou menos, da villa!

Desta feita, porém, os municipes não se conformaram, musulmanamente, com o acto que lhes decapitava a terra extremecida e a empurrava para o deperecimento total: congregaram-se patrioticamente para conseguir sua revogação.

Francisco das Chagas Henriques que apezar de cearense, era gaúcho adoptivo, ligado pelo coração ao municipio, pois nelle convolou nupcias com nobilissima triumphense, foi o campeão „sans peur et sans reproche“ desta cruzada de reivindicação, nella empregando todo seu talento, combatividade e prestigio politico e pessoal.

Estava o Estado em pleno dominio do „Governicho“, quando o presidente em exercicio, dr. Domingos Alves Barreto Leite, baixou o acto n.º 69, de 27 de novembro de 1891, tornando sem effeito o do seu antecessor dr. Fernando Abbott, que reduzia o municipio a estreita faixa de terra, sem efficiencia economica e financeira marginal ao rio Jacuhy.

Restabelecida a legalidade governamental do Estado

com a ascensão do egregio riograndense dr. Julio de Castilhos ao poder, este, tomando conhecimento dum officio do Conselho Municipal de Triumpho, subscripto pelos conselheiros tenente-coronel José Manoel da Maia Filho, presidente, Henrique de Oliveira Castro, vice-presidente, José Alves Massena, Generoso Alves da Rosa, Francisco Chagas Henriques, coronel João Ferreira de Carvalho e Francisco Antonio de Amorim, depois de ouvir o Conselho Municipal de Taquary, por acto n.º 7, de 17 de janeiro de 1895, resolveu, definitivamente, restabelecer os anteriores limites, que são os actuaes, traçados na Lei provincial n.º 498, de 9 de outubro de 1862 e provisão ecclesiastica de 12 de setembro de 1824.

A noticia desse acto justiceiro do Governo echoou no municipio em meio da maior alegria, organisando-se, na séde, improvisadamente, a mais entusiastica festa popular de que ha memoria. Denominaram-na „festa da tomada do pedaço“.

Havia, não ha duvida, sobrada razão para tamanha satisfação: defenderam, coroados de exito, os restos da grandeza de sua terra ameaçada de succumbir.

Creando um ideal colectivo de engrandecimento cumpre aos habitantes do municipio, tirando partido da uberdade do seu solo e das bellezas naturaes que o engalanam, compensar pela acção moral e material a exiguidade da superficie territorial. As republicas de São Marino, Andorra e principados de Monaco e de Lichtenstein, na Europa, tem, respectivamente, 61 kilometros ² e 12.000 habitantes, 42 kilometros ² e 5.200 habitantes, 1 e meio kilometros ² e 19.121 habitantes, 159 kilometros ² e 11.000 habitantes e são paizes independentes. Menores, pois, superficialmente, que Triumpho, são, entretanto, exemplos da força de vontade e patriotismo de seus povos, mórmente sabendo-se que as terras de Andorra são estereis e atravessadas por simples regato!

O alvorecer da Republica achou entre seus partidarios no municipio o tenente-coronel José Manoel da Maia Filho, Sylvio de Oliveira Gonçalves, João Ferreira de Carvalho, Antonio Barbosa da Silva (Tico), Antonio Olegario Moreira do Rio, José e João Alves Massena e outros, muito embóra, em 1887, Luiz Barreto numa eleição para deputados houvesse

dados 17 votos a Julio de Castilhos, depois duma memoravel conferencia entre ambos realizada na fazenda da Volta, propriedade do primeiro.

Proclamada a Republica, a Camara Municipal a ella não adheriu. Por isso, o Visconde de Pelotas, presidindo o Estado, por telegramma n.º 1812, de 14 de janeiro de 1890, nomeou a primeira Junta Governativa, composta de Generoso Alves da Rosa, como presidente, e Cyrillo Marcondes de Mello Maia e Francisco Antonio de Amorim, como membros.

Empossada essa junta, governou o municipio até 12 de novembro de 1891, dia em que o presidente Julio de Castilhos abandonou voluntariamente o governo do Estado dizendo entregar-o á anarchia.

Um dos membros do intitulado „Governicho“, que succedeu a Julio de Castilhos, era o illustre patricio, o insigne propagandista da Republica, dr. João de Barros Cassal, que se encontrava homisiado neste municipio, na ilha do Fanfa, na residencia do coronel João Ferreira de Carvalho, e que, por entre festas, naquelle dia, á noite, passou por esta villa em demanda da capital a assumir seu elevado posto.

Como consequencia dessa nova ordem de factos politicos, a Junta Governativa foi dispensada, nomeando-se em substituição uma outra que tinha por presidente João Baptista Machado e por membros Francisco das Chagas Henriques e Otto Spalding, a qual administrou o municipio até 17 de junho de 1892, quando foi restabelecido o governo legal de Julio de Castilhos.

Nessa conformidade, o presidente da Junta anterior, Generoso Alves da Rosa, recebeu desta o governo do municipio, até que o vice-presidente do Estado, em exercicio, dr. Victorino R. C. Monteiro a completou com a nomeação de Joaquim Antonio da Cruz e David Alves Massena.

O mesmo vice-presidente do Estado, porém, em 20 de setembro de 1892, nomeou o coronel Sylvio de Oliveira Gonçalves para exercer o cargo de intendente provisório do municipio ou seja o seu primeiro intendente na Republica, funções que accumulou com as de delegado de policia e chefe politico.

A lei organica do municipio foi decretada em 20 de outubro de 1892 pelo Conselho Municipal, composto de José Manoel da Maia Filho, presidente, Henrique de Oliveira Castro, vice-presidente, Francisco das Chagas Henriques, Francisco Antonio de Amorim, José Alves Massena e Generoso Alves da Rosa e nesse mesmo dia promulgada pelo intendente, coronel Sylvio de Oliveira Gonçalves.

Conflagrado o Estado pela revolução de 1893, o coronel Sylvio de Oliveira Gonçalves, autorizado pelo presidente Julio de Castilhos, organizou um corpo de forças leaes, composto de 200 homens, sob seu commando, o qual não só guaranteeu a villa durante todo tempo daquella convulsão social, como, de ordem superior, marchou a fazer junções, por diversas vezes, com outras tropas que operavam em Montenegro e Teutonia, havendo feito parte do combate travado nesta ultima região.

A officialidade desse batalhão de republicanos voluntarios era composta dos major José Alves Massena, capitães Manoel da Silva Machado Filho, Antonio Alves de Borba, Guilherme Finger e Antonio Machado, tenentes João Alves de Borba, Annibal Rodrigues, Josephino Rodrigues e Firmiano de tal e alferes Antonio Adelaide, Joaquim de Oliveira Garcia, Antonio Fernandes da Cruz e Eduardo Freitas, tendo por algum tempo, prestado serviços militares, nelle aggregado, o coronel Albano Coelho de Souza, da Guarda Nacional de outro municipio.

Os revolucionarios, commandados por Ignacio de Souza, Julio Magalhães e Taborda, auxiliados pelos capitães Alexandre Joaquim da Silva e advogado Leopoldo Plath, de Montenegro, reuniram tambem poderoso contingente de seus correligionarios, trazendo em constante actividade as forças do governo.

Não houve, entretanto, dentro do municipio, encontro decisivo pelas armas. Os contendores bateram-se, porém, noutros municipios.

Durante o bombardeio da canhoneira „Marajó“, á capital, a villa tornou-se ponto de concentração de forças leaes, havendo estado nella acampado todo o destacamento comman-

dado pelo general Arthur Oscar de Andrade Guimarães. No porto estacionava numerosa flotilha de embarcações de toda especie e calado, aprisionadas, ao descerem os rios, não só para evitar abastecimento áquella unidade revoltosa, como para estarem promptas para, ao primeiro aviso, conduzirem as tropas de artilharia e infantaria a Porto Alegre.

No municipio estiveram tambem o general Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto e o coronel Portugal. O primeiro tratava de conseguir homens e cavallada para serem incorporados com a gente do coronel Caminha, de São Jeronymo, á Divisão do Norte, missão que executou; o segundo, percorreu o municipio, arrebanhando cavallada para montar as forças legaes.

A não serem seguidas incursões de lado a lado, procedidas no interior do municipio á cata dos elementos que sustentam as revoluções no Sul — o cavallo e o boi — que talaram os campos e destruíram a industria pastoril, não houve perda individual a lamentar, podendo-se, por isso, passada a refrega, restabelecer a cordialidade de relações entre os habitantes.

O coronel Sylvio de Oliveira Gonçalves deixou o exercicio de suas funções em 6 de agosto de 1894, sendo substituido pelo coronel Bibiano Dias de Castro, que exerceu o mandato intencional dessa data até 20 de outubro de 1904 e de 1908 a 1912, havendo estado em exercicio em pequeno interregno do penultimo periodo o capitão Onofre Pires Cornelius, vice-intendente.

Para o quatriennio de 1904 a 1908 foi eleito intendente o prestigioso triumphense coronel João Ferreira de Carvalho, que, na sua operosa gestão, adquiriu o edificio da Intendencia Municipal, por intermedio de optima negociação, favorabilissima aos cofres municipaes. Falleceu em meio da jornada, provocando esse fatal acontecimento geral consternação. Completou o quatriennio o vice-intendente tenente-coronel Francisco Antonio de Souza.

De 1911 a 1912, tambem esteve no exercicio do cargo de intendente o vice major Eduardo Valentim de Magalhães, que

deixou a attestar sua passagem pela função a escadaria do porto e a sala lateral do Theatro.

Outro distincto e abnegado triumphense, o coronel Manoel da Silva Machado Filho, eleito, exerceu a curul intendençial de 1912 a 1916. Na sua administração inaugurou-se a luz electrica na villa, nivellaram-se ruas, collocaram-se cordões para os passeios e foram construidas e empedradas as sargetas. Reivindicou da posse de outrem terrenos da municipalidade, e não só esses, como outros do seu dominio, dividiu em lotes de chacaras, depois de convenientes arruamentos, que vendeu, em prestações, a particulares, conseguindo, assim, povoar terras consideradas safaras, formar da nudez de coxilhas os prosperos arrabaldes actuaes cheios de pomares, roças e prédios, solucionando, por essa fórmula, o fornecimento de leite, verduras e fructas á população, que desses productos tinha verdadeira carencia.

Quando assumiu o exercicio do seu cargo tinha o perimetro urbano e sub-urbano 144 casas e 1.004 habitantes, e, quando o deixou, em 1916, possuia, a mesma zona, 180 prédios e 1.594 habitantes.

Ao coronel Machado Filho, succedeu, para o quatriennio de 1916 a 1920, o major José Baptista, operoso administrador, a quem a villa deve a arborização de suas ruas e praças, assim como o ajardinamento destas. Não completou seu tempo; fel-o o coronel Manoel da Silva Machado Filho, nomeado, para isso, vice-intendente.

Novamente eleito intendente com mandato abrangendo o quatriennio 1920 a 1924 o coronel Manoel da Silva Machado Filho, administrou o municipio até 18 de outubro de 1923, quando, por morte de sua esposa no interior, viu-se na contingencia de licenciar-se, completando o periodo o signatario, na qualidade de vice-intendente.

A gestão deste quatriennio o coronel Machado Filho immortalizou com o conseguimento do Grupo Escolar, velha aspiração da população, e consequente construcção, até metade, do edificio para installal-o, o qual não foi definitivamente concluido na sua administração por ter sobrevivendo a revolução de 1923.

Este agitado periodo politico do Rio Grande do Sul teve apenas, reflexos bellicosos no municipio. Além das ligeiras correrias de Hygino Pereira e a tomada da villa por elle, de surpresa, no dia 26 de junho, contra o convencionado pelos partidos locaes, e consequente repressão dessa subversão da ordem legal, por parte de forças da Brigada Militar do Estado, que aqui vieram nesse fim, mais não aconteceu de lamentavel.

Dessa maneira, foi possivel manter ininterrupta continuidade de administração, sendo eleito, normalmente, para o periodo de 1924 a 1928, o intendente Laurindo Luiz de Avila Netto, que caracterizou sua gestão por dois actos principaes: conclusão do edificio do Grupo Escolar e compra da usina electrica fornecedora de luz á villa, para o que lançou mão do credito municipal, contrahindo dois empréstimos, um dos quaes patrioticamente avalisado pelos cidadãos Pedro Gayer, João Alves de Borba e Octaviano Costa Terra.

Dirige, actualmente, o municipio, quadriennio de 1928 a 1932, o coronel Augusto Januario Corrêa, nome vastamente conhecido no Estado, onde actuou, commandando um dos corpos da Brigada Militar, da qual é official reformado, depois de haver prestado relevantes serviços na paz e na guerra, de que possui brilhante fé de officio.

Em épocas diversas estiveram investidos do mandato de vice-intendente do municipio, além dos nomes já apontados, os cidadãos João Ferreira de Carvalho, Plinio M. de Almeida, João Alves de Borba e Celestino A. de S. Franco.

O primeiro Conselho Municipal, cujos membros foram, por vezes, já referidos seus nomes, foi empossado em 10 de outubro de 1892 e a 20 decretou a Lei Organica. Os outros assim succederam-se:

Segundo — 1896 a 1900 — Possidonio Rodrigues de Lima, presidente, Manoel da Silva Machado Filho, vice, João Antonio Moreira, Francisco Antonio de Souza, Antonio Alves de Borba, Vasco Machado Leotte e Manoel Pinto de Azevedo.

Terceiro — 1900 a 1904 — Francisco Antonio de Amorim, presidente, Henrique de Oliveira Castro, vice, Antonio Alves de Borba, Affonso Machado Coelho, João Antonio Moreira, Vasco Machado Leotte, Marcolino Cardoso.

Quarto — 1904 a 1908 — Ernesto José Gomes, presidente, Umbelino Martins de Campos, vice, João Alves de Borba, Antonio Henrique da Silva, Francisco das Chagas Henriques, Luiz Octavio Andréa de Bittencourt e Idalencio Garcia de Azevedo.

Quinto — 1908 a 1912 — Francisco das Chagas Henriques, presidente, major Simão Kappel, vice, Manoel José de Almeida, Eduardo Valentim de Magalhães, João Baptista de Souza Machado, João Alves de Borba e Patricio Telles de Azevedo.

Sexto — 1912 a 1916 — Gustavo Kindlein, presidente, Antonio Olegario Filho, vice, major Simão Kappel, Francisco Antonio de Amorim, Balduino A. de Queiroz, João Welter e Francisco de Souza Machado.

Setimo — 1916 a 1920 — Celestino A. de Souza Franco, presidente, Francisco de Souza Machado, vice, major Simão Kappel, João Antonio Moreira, Patricio Telles de Azevedo, Eduardo André de Freitas e Adolpho Gustavo Santer.

Oitavo — 1920 a 1924 — Major Simão Kappel, presidente, Joaquim de Oliveira Garcia, vice, Adolpho Gustavo Sauter, João Olegario, João Alves de Borba, Josephino Cancio de Castro e Plinio M. de Almenda.

Nono — 1924 a 1928 — Major Simão Kappel, presidente, João Baptista de Souza Machado, vice, José Maria Martins de Campos, Deoclecio Faustino da Silva, Regener Moysés Vieira, Deocleciano Ferreira de Carvalho e Felisberto Malaquias da Rosa Lima.

Decimo e actual — 1928 a 1932 — Horacio José da Motta, presidente, Eloy Joaquim de Moraes, vice, Armando Velleda Pinto, João Olegario, Agostinho Bandeira, Manoel Joaquim da Cruz e Melchisedeck José Gonçalves.

O mandato de vice-intendente actual está confiado ao coronel Antonio Alves de Borba, que, por 30 dias, já esteve no exercicio do cargo de intendente, devido licença do respectivo titular.

Por motivo de controversias politicas de campanario, em 1906, uma desoladora noticia, habilmente engendrada, assaltou todos os corações triumphenses: „Triumpho seria desvillado!“

Os coroneis Bibiano Dias de Castro e João Ferreira de Carvalho, respectivamente, chefe politico e intendente, de commun accordo, organisaram uma commissão composta dos cidadãos Generoso Alves da Rosa, José Ivalino P. de Brum, Francisco das Chagas Henriques, João Alves de Borba, Henriques de Oliveira Castro, Antonio Alves de Borba, Umbelino Martins de Campos, dr. C. A. Ribeiro Tacques e outros para se entender com o eminente sr. Presidente do Estado.

Recebida em conferencia a dita commissão, em Palacio, pela mais alta autoridade do Estado, e exposto o assumpto que até ali os conduzira, foi ella informada de que o governo não cogitava de semelhante acto!...

Satisfeito, exultante mesmo, o membro da commissão Generoso Alves da Rocha, ancião que um supremo esforço amovavel á sua terra levára áquella entrevista, entre lagrimas de commoção, disse ao supremo magistrado gaúcho que preferia a morte a assistir á consumação do facto propagado. O benemerito rio-grandense dr. A. A. Borges de Medeiros, que era, então, o presidente do Estado, contestou ao velho patriota com essas memoraveis palavras, que se devem gravar nas almas triumphenses: „Emquanto exercer uma parcella de mando na politica rio-grandense o Triumpho não será desvillado.“

Que bello que emocionante exemplo o daquelle varão valetudinario, que dava a vida por sua terra? Com homens daquelles, com a pratica de taes sentimentos, não póde existir nenhum municipio senão moral e materialmente grande!

Demonstrando amor ás letras e conhecimento do valor que tem esse instrumento de progresso, que é a imprensa na vida dos povos, o municipio teve tambem os seus jornaes: „Triumpho“, propriedade e redacção do jornalista J. Moreira Magalhães, publicado em 1900, e, mais tarde, a revista „Ideal“, do dr. C. A. Ribeiro Tacques.

Como na Monarchia, os partidos politicos tem tido na Republica forte actuação na vida civica do municipio.

Desde os primordios do novo regime Republicanos e Federalistas, hoje Libertadores, enfrentam-se galhardamente nas pugnas eleitoraes. Aquelle, até presentemente, tem mantido maioria nas urnas, sendo este, não obstante, forte e aguerrido.

O Partido Republicano, vezes seguidas, nas renovações intendenciaes, motivado, talvez, pela plethora de elementos em condições de aspirarem o supremo posto administrativo do municipio e pela faculdade que se lhe dá de livre escolha na sua economia partidaria interna, tem quebrado sua harmonia intima, sem desarticular-se, entretanto, para a conquista de seus interesses de ordem geral, quando rigida e bem comprehendida disciplina o recompõe para a lucta.

Nos 40 annos de vigencia republicana, quer num, quer noutro partido, á semelhança do que se tem dado noutros municipios, neste ainda não occorreu: o apparecimento de chefes uni-pessoaes que, sem qualquer contestação, houvessem empolgado a unanimidade de seus correligionarios.

As direcções, pois, de ambos, são collectivas. Do Republicano, uma commissão executiva, composta do coronel Augusto Januario Corrêa, presidente, João Alves de Borba, Antonio Candido de Souza e Plinio Almeida; do Libertador, um directorio, composto de Pedro Gayer, presidente, João Olegario, vice-presidente, Alcides P. de Freitas e Horacio Avila, 1.º e 2.º secretario, Octaviano da Costa Terra, thesoureiro, Pedro de Souza e Leal e Georgino de C. Viacava, membros.

No decorrer do anno findo, falleceu Annibal de Oliveira Garcia, um dos membros mais prestigiosos do alludido Directorio Libertador.

Do actual Conselho Municipal, 4 de seus conselheiros foram eleitos pelo Partido Republicano e 3 pelo Libertador.

VIII

Villa

O perimetro urbano da villa tem a fórma de um polygono hexagono irregular, traçado sobre o vértice dum dos angulos que formam o quadrilatero destinado á edificação da freguezia desde 1752. Fóra desse polygono e dentro do quadrilatero alludido estende-se a parte suburbana.

Na 1.^a zona, estão as praças Marechal Deodoro, antiga do Mercado, Julio de Castilhos, outrora da Igreja, e Republica, que se denominava do Rosario; ruas A. Canabarro, Arvoredo, 13 de Maio, 15 de Novembro, Luiz Barreto, Assis Brasil, Ramiro Barcellos, Demetrio Ribeiro, Quintino Bocayuva, Tiradentes, Barros Cassal e 7 de Setembro, que se chamavam, respectivamente, Clara, Bahia, Ponte ou Pretos Forros, Imperador, Theatro, Imperatriz, Direita, Igreja, Praia, Flores, Ourives e Becco do Bento.

Essas denominações foram mudadas pela Junta Governativa composta de Generoso Alves da Rosa, Francisco Antonio de Amorim e Cyrillo Marcondes de Mello Maia, por uma resolução de 15 de fevereiro de 1890, em 3.^a sessão ordinaria.

Outras ruas ainda existem: da Cacimba e do Arroio, além dos beccos da Flor Cabrita, do Miguel e do Chico Brinco.

Ruas e praças foram traçadas sem obediencia a um regular plano geometrico previamente estabelecido, sendo, por isso, essas vias publicas, ora rectas ou quebradas, ora mixtas ou curvas e até mesmo sinuosas.

Esforçaram-se as ultimas administrações municipaes, com pouco resultado, para corrigir esses graves defeitos de urbanismo, de que, aliás, se resentem quasi todas as povoações primitivas do Estado.

Na 2.^a zona, o mesmo não acontece: novas, rectilineas e largas avenidas distribuem-se em direcções varias. Denominam-se: Bibiano D. Castro, João Ferreira de Carvalho, Eduardo Magalhães, Sylvio de Oliveira Gonçalves, Simão Kappel, João Baptista Machado, Manoel Luiz de Almeida e João Felix

Maia. Ha, tambem, dois largos chamados Clemente Kersting e José Manoel da Maia Filho.

Excluidos 69 prédios situados na Villa Kappel, tambem nucleo suburbano, tem a villa 224 casas. As edificações têm obedecido, por quinquennio. á seguinte progressão: 144 prédios em 1913, 196 em 1918, 215 em 1923 e 220 em 1928.

Pelo ultimo recenseamento procedido toda a zona sujeita ao imposto predial tinha 1.594 habitantes, conforme referencia já feita.

Comquanto mantenha a Companhia Arnt bem apparelhado serviço de navegação, pois não só possui bom trapiche, como usa, em virtude de arrendamento, do armazem municipal, construido no porto, não é intenso por ali o movimento de exportação dos productos do municipio, que tem sua séde prejudicada de movimento commercial devido ás excepcionaes facilidades de transporte existentes por todos os pontos do territorio. O movimento de passageiros é, porém, grande e constante, quer de viajantes commerciaes, quer de veranistas na estação calmosa, visitando, tambem, a população local, frequentemente, a capital do Estado.

Funcionam na villa uma estação telegraphica de 3.^a classe do telegrapho federal, que colloca o municipio em communicação com todas as partes do mundo, e um centro telephonico da Companhia Riograndense, além de uma agencia dos correios, com serviço diario de recebimento e expedição de malas postaes.

Da primeira repartição é encarregado o telegraphista Raul de Freitas Lima e auxiliar José Alves Massena Filho, tendo por mensageiro João Arthur de Miranda e por guardas Nelson Moreira e José R. Freitas; da segunda, é operadora d. Abrelina A. Bittencourt; e da ultima é agente d. Thereza Machado Saraiva.

E' séde ainda de duas exactorias: estadual e federal, das quaes são, respectivamente, collectores e escrivães, Gabriel Becker e Francisco de Souza Machado, Josephino de A. Saraiva e Miguelino Kersting. Serve na primeira, como guarda, Olavo de A. Machado.

O commercio está representado pelas firmas Viuva Bello Ferreira e Cia., Octaviano Costa Terra, Ernestino Barreto, Philogonio Kersting, Irmãos Machado, Ramiro Kersting, Francisco Gonçalves da Silva, Pery Pereira Mendes, Eduardo A de Freitas, Rosenda Machado e Homero Castro, a pharmacia de Plinio Almeida, dois hoteis, de Julio Portalet e Sergio Sotero dos Santos, e dois açougues, de Manoel José Ribeiro Barreto e Fidelis Merg.

A industria, ainda não desenvolvida de todo, tem poucos estabelecimentos na villa: o moinho de Ehlers e Filhos, o laboratorio pharmaceutico de Pedro Gayer, a fabrica de torrar e moer café, de João de Borba Vieira, as panificações de Arno Dullins e Manoel da Rosa e Eduardo Senna e a linguçaria de Virgolino Moreira da Rosa.

Ha, tambem, um bem montado estaleiro, de propriedade de Sergio Sotero dos Santos, onde, constantemente, se constróem e reconstróem barcos de madeira.

As varias profissões liberaes tem elementos ponderaveis: o dentista, dr. Mario Macchi, o constructor Horacio Avila, o agrimensor Alcides Freitas, o photographo Henrique Muller, o ferreiro Francisco Santos, os carpinteiros Francisco S. Freitas, Luciano Machado Coelho, Victalino Carvalho e Luiz Carlos da Silva, os pedreiros irmãos Senna, João Elibio, Alfredo Centeno e outros.

Devido ás facilidades de transporte com a vizinha villa fronteira, São Jeronymo, não ha medico aqui residente. Os dali, drs. Alfredo Simch, José Candido Lupi e Pedro Fantin, attendem á clinica local.

Quatro são as barbearias existentes: de Edmundo Campani, de Bruno Saraiva, de Francisco S. de Freitas e de Willy Selbach.

E quatro são, tambem, os „tambos“, que fornecem leite á população: os de Emygdio Maia, Virgolino Alves da Rosa, Edmundo Thoms e Ventura Lopes.

Destacam-se como principaes edificios publicos da villa, a Intendencia Municipal, Grupo Escolar e Theatro; dos reli-

giosos, a Igreja Matriz; e dos particulares, os de Antonio Vieira da Rosa, Antonio Olegario Filho, João Baptista de Souza Machado, João Ely, Plinio Almeida, Viuva Bello Ferreira e Cia., Floriano R. Barreto, Octaviano C. Terra, Lourival Kersting, Luiz Barreto, João Olegario, Maria das Dores Almeida, Virgolino A. Rosa e Frederico Lottermann.

Divisão Administrativa

O municipio está dividido em 4 districtos administrativos, judiciarios e policiaes e estes ainda subdivididos em secções. O 1.º tem por séde a villa, o 2.º — Costa da Cadeia, o 3.º — Passo Raso e o 4.º — Passo Fundo.

Primeiramente, por acto intendencial n.º 25, de 1.º de janeiro de 1913, foram creados os tres primeiros. Depois, o acto n.º 90, de 21 de dezembro de 1923, com partes de territorio desmembrados do 2.º e 3.º, instituiu o 4.º

O arroio do Gil divide o 1.º districto do 4.º, a estrada de Taquary a Montenegro, passando por este municipio, extrema este districto e o 1.º do 2.º e o arroio Passo Raso e uma linha recta das cabeceiras deste aos limites com Montenegro, delimita o 3.º do 4.º.

Intendencia Municipal

O poder municipal é exercido por um intendente, como chefe do executivo, e um conselho municipal, com funcções orçamentarias e legislativas quasi limitadas a essa mat-ria.

Dos actuaes detentores do supremo governo municipal já foram declinados nomes noutro capitulo.

Cada districto, como consequencia da organização politica do municipio, tem seu sub-intendente. O do 1.º é Arlindo

Machado, do 2.º — Setembrino Silveira de Avila, do 3.º — Joaquim Chaves Cavalheiro e do 4.º — João Pedro Merg.

Além desses auxiliares da administração, tem cada secção um inspector sob as ordens dessas autoridades, accumulando o sub-intendente da séde o de commandante da guarda municipal, que lhe deve obediencia.

Para o serviço interno da Intendencia Municipal existem o secretario Alfredo A. de Camargo, o thesoureiro Manoel Rodrigues da Silva, o amanuense Argymiro Saraiva, o porteiro Manoel Machado e para o externo o fiscal Acacio Gonçalves Ferreira e o „chauffeur“ Justiniano Vargas.

Subvencionada pelo municipio, conforme convenio, colligindo dados para este e para o Estado, funciona tambem na Intendencia a secção de estatistica, cujo delegado é Antonio de Oliveira Heit.

As eleições municipaes são procedidas por intermedio de preceitos da lei eleitoral federal, devidamente adaptados ao municipio, em lei especial, obedecendo ao estipulado no tratado de Pedras Altas.

O registo eleitoral, que conta 1.495 eleitores, é um só — o federal, o qual serve tambem para as eleições estaduaes e se distribue por 4 secções com uma meza na séde de cada districto.

E' o municipio de Triumpho o que, no Estado, menos onera, talvez, o contribuinte de impostos, que foram sempre modicos, soffrendo as taxações, de ha muito, apenas ligeiras alterações, motivo por que suas rendas têm oscillado para cima, sempre, de accordo, sómente, com o progresso local.

Finanças

Durante a monarchia as rendas municipaes foram irrisorias: nunca menos de um conto de reis por exercicio, porém, não mais de 6.

Consignam as leis orçamentarias de 1900 e 1901 a previsão de 10:000\$000 para a receita e despesa do municipio

nesses exercicios, as de 1902, 1903 e 1904 — 12:000\$000, e as de 1905, 1906, 1907 e 1908 — 18:000\$000.

Dahi em diante as finanças regulam-se pelo seguinte quadro:

Annos	Rec. e desp. orçadas	Receitas e desp. realizadas	
1909	20:000\$000	15:084\$191	12:637\$100
1910	20:000\$000	20:478\$451	19:971\$351
1911	20:000\$000	18:591\$022	18:582\$811
1912	25:000\$000	14:300\$049	14:470\$055
1913	25:000\$000	25:182\$453	24:509\$867
1914	30:000\$000	23:128\$802	23:255\$912
1915	30:000\$000	22:920\$476	22:320\$628
1916	30:000\$000	28:169\$906	27:559\$148
1917	30:000\$000	25:760\$816	23:486\$130
1918	40:000\$000	34:102\$137	32:484\$643
1919	40:000\$000	32:209\$738	31:466\$267
1920	40:000\$000	28:885\$456	27:133\$621
1921	40:000\$000	42:221\$170	40:961\$973
1922	50:000\$000	47:221\$170	46:796\$308
1923	65:000\$000	71:180\$642	64:921\$990
1924	80:000\$000	68:636\$578	53:764\$710
1925	90:000\$000	68:522\$232	61:148\$699
1926	100:000\$000	78:416\$082	81:220\$049
1927	110:000\$000	118:881\$122	115:098\$223
1928	110:000\$000	97:925\$359	79:936\$071
1929	134:000\$000	121:329\$186	119:348\$811

Uma interessante particularidade, com uma excepção apenas, observa-se na marcha da receita do municipio: o seu declinio no ultimo anno dos quatriennios intendenciaes.

A lei orçamentaria votada para o exercicio corrente, 1930, computa para a receita 155:978\$000 e para a despesa 148:557\$000.

A ultima estimativa da população do municipio, pela Repartição de Estatistica do Estado, em 1928, dava-a como tendo attingido a 11.500 habitantes. Logo, tocou a pagar „per capita“ 8\$515 de impostos municipaes.

A exactoria estadual, tambem em 1928, arrecadou 128:998\$000 ou seja a media „per capita“ de 11\$217.

As rendas federaes alcançaram a somma de 46:882\$000 em 1927, correspondendo a 4\$076 „per capita“

Produção Agricola

Pelo recenseamento federal de 1920 a area dos estabelecimentos ruraes era 32.172 hectares no valor de 3.464:529\$000, com inclusão de bemfeitorias, e, excluidas estas, 2.978:310\$000, ou seja da primeira maneira um valor medio por hectare de 106\$000 e da segunda 91\$000.

Tres são os nucleos coloniaes germanicos nos quaes a agricultura é prospera e intensa: Bemfica, Piedade e Catupy, os dois primeiros fundados, respectivamente, em 1879 e 1880, ignorando-se a época da do ultimo.

As ilhas e praias do municipio produzem grande quantidade de milho.

A maior riqueza agricola do municipio, porém, localisa-se no 3.º districto, onde a rizicultura é prospera e a tal ponto valorizou as terras que já têm sido vendidas ali colonias de 48 hectares a razão de 30:000\$000 cada um.

Coimbra & Graef, Jorge Abrahão & Irmão, Lopes Hartz & Cia., Emilio Kohlrausch, Affonso Jeronymo Henriques, Firmino Sant'Anna e outros são os principaes plantadores de arroz daquella zona.

A safra 1927—1928 foi avaliada 1.616:000\$000, relativa a 2.466.000 kgs. de arroz, 531.820 de milho e 255.000 de feijão, estando nella incluida 361.050 kgs. de farinha de mandioca produzida nas 53 atafonas do municipio.

A fartura e rapidez de transportes, que tanto concorrem para a riqueza economica do municipio, têm constituido sempre serio impecilho ao exacto computo da sua producção. Por isso, os dados estatisticos devem tomar-se no sentido de expressão minima apurada.

Pecuaria

Os contribuintes do imposto territorial do municipio são em numero de 1434. Destes, os principaes e que, quasi todos, se dedicam ás criações de gados, são: Umbelino Martins de Campos com 2656 hectares, Pedro Clemente de Oliveira — 1.460, Carlos Bopp Filho & Cia. — 1.661, Nicolau Kohler Filho — 1.383, Ismael Soares da Silva — 1.146, Alberto Frederico Graeff — 905, João Alves de Borba — 880, Manoel Querino Pereira — 757, João Baptista Ratto — 692, Emilio Kohlrausch e Firmino Sant'Anna — 622, Delia Brum Fernandes — 532, Militão Antonio de Mattos — 472 e João Oswaldo Ely — 411, lançados no valor de 2.082:600\$000.

A par do gado crioulo e do zebú, as mais finas raças, quer para leite, quer para carne, são geralmente criadas nas zonas ruraes do municipio, attingindo os rebanhos, em 1927, 71.300 cabeças no valor de 6.140:000\$000, segundo boletim da Repartição de Estatistica do Estado, commemorativo do Congresso das Municipalidades, nelle incluídos — além de bovinos — equinos, suínos e ovinos.

Commercio e Industria

As casas commerciaes do municipio são 68: 20 situadas no 1.º districto, 10 no 2.º, 24 no 3.º e 14 no 4.º, girando com um capital de 513:000\$000.

Os contractos sociaes alcançaram 100:000\$000 em 1928.

Os estabelecimentos commerciaes são classificados na lei orçamentaria municipal em quatro categorias. Aos de 1.ª, considerada mais elevada, pertencem os da Viuva Bello Ferreira & Cia. e Octaviano Costa Terra, na villa, João Olegario, em Barreto, e Fornari & Irmãos, na Costa da Cadeia.

A classificação é regulada pelo volume do capital e este difficil de apurar ao certo, no pequeno commercio, para o

fim de attender ao fisco. Assim, pode-se dobrar o valor por que se representa nas estatisticas o commercio do municipio.

Os valores industriaes attingiram em 1928 a respeitavel cifra de 1.738:000\$000. Os seus principaes estabelecimentos são a fabrica de moveis de Kohler & Filho e a olaria de tijolos de Affonso Henriques, afóra os das pequenas industrias difundidas por todo municipio.

As plantações de eucalyptus para exploração industrial, tem sido incrementadas com tenacidade. Imponentes florestas, num raio de mais ou menos 6 kilometros circulam os arrabaldes da villa, que, por isso, tomaram bellissima feição. Pertencem a Kohler & Filho, com um milhão de pés, J. Renner & Cia., com quinhentos mil, Manoel Luiz Almeida, com trinta mil e outra menor do major Edmundo Arnt.

No interior do municipio ficam parte do horto da Viação Ferrea, e as plantações de Affonso Henriques, Bopp & Irmãos e outros que, em menor escala, tambem cultivam o eucalyptus.

Immoveis

As transacções de immoveis tiveram em 1927 o valor global de 410:000\$000. No 1.º trimestre de 1928 — 160:000\$000, no 2.º — 433:000\$000 e no 3.º — 66:095\$000, ou seja um total de 659:095\$000, faltando o ultimo.

Povoados

Possue o municipio diversos nucleos de população adensada. Mas os principaes povoados são os seguintes:

Barreto — Porto no rio Taquary e estação da Viação Ferrea do Rio Grande do Sul, distante 10 kms. da séde do municipio, com 78 prédios e 468 habitantes.

Tem intenso commercio de exportação, centro telephnico, posto policial, duas escolas publicas, pharmacia, 4 casas

commerciaes, de João Fornari. João Olegario, João M. Nolasco Ayres e Antonio Pereira de Azevedo, hotel, estaleiro, serraria e marcenaria a vapor, dois açougues, „tambo“ de leite, dentista, agrimensor, operarios das diversas profissões, assim como agricultores e criadores.

Villa Kappel — Bairro operario ligado aos limites suburbanos da villa, sobre a margem esquerda do rio Taquary, onde existem a acreditada fabrica de moveis, fundada pelos que, em nome do Intendente Municipal, pediu que se consirmãos Spalding, que pertenceu posteriormente ao major Simão Kappel e é propriedade actual de Kohler & Netto, a fabrica de vidros de Oscar Becker, ora parada, e a olaria de fabricar tijolos, de Arlindo Schuartz.

Ha ao todo 69 casas no povoado, 18 da firma Kohler & Netto, e 51 do major Edmundo Arnt, com 414 habitantes.

E' séde de escola publica e possui 2 armazens commerciaes, de João Merg e Carlitos Arnt, açougue e padaria, hotel, etc.

Pelo porto, faz-se larga exportação de moveis e lenha de eucalyptus.

Seguem-se, com menor numero de habitantes agrupados, Volta Grande, no 3.º districto, Catupy, no 2.º, e Bemfica, no 4.º.

População

Resente-se ainda o municipio de maior densidade de população, que era de 22,82 habitantes por kl. ², segundo calculos da Repartição de Estatistica do Estado para 1928.

O 1.º recenseamento procedido foi no anno de 1803, o qual accusou a existencia de 3.037 habitantes no municipio. Vieram depois os de 1814 com 3.450, de 1872 com 4.936, de 1890 com 4.486, de 1900 com 6.111, de 1915 com 8.126 e de 1920 com 10.191.

No anno de 1928 o movimento do registo civil foi o seguinte: 180 nascimentos, 91 casamentos e 55 obitos.

Cemiterios

Os primitivos sepultamentos eram feitos no interior e exterior da Igreja Matriz, havendo no assoalho dos seus corredores lateraes, graphados nas taboas, os numeros dos cada-veres ali inhumados. E escavações feitas em 1921, ao redor desse templo, para obras de nivellamento da Praça Marechal Deodoro, trouxeram á superficie 27 esqueletos humanos, cujos craneos eram ainda perfeitos.

Os escravos, porém, não gosavam dessas prerogativas, tinham cemiterio privativo, hoje abandonado, nos mattos da chacara, propriedade actual de Francisco Gonçalves da Silva.

Quando, em 1855, o colera-morbus grassou intenso na localidade, ali foram tambem enterradas as victimas desse mal, mesmo pessoas gradas, comquanto já houvesse sido, em 1853, construido o cemiterio da rua Antonio Canabarro, ora em demolição.

A Camara Municipal, em 1888, por intermedio de uma comissão, fez construir o que ainda se acha em uso.

Os protestantes possuem o seu cemiterio á rua Luiz Barreto e a Municipalidade fiscalisa os de Piedade, Passo Fundo, Pontal, Santa Cruz e Bemfica, propriedades de associações.

Justiça

Desde 1878 era Triumpho a 5.^a comarca da Provincia até que, na Republica, o dr. Fernando Abbott, presidente interino do Estado, por acto n. 402, de 20 de maio de 1891, transferiu a séde para S. Jeronymo, passando o municipio, então, a ser termo, categoria em que ainda se conserva.

Preside os destinos judiciarios da comarca, com residencia na villa fronteira, o integro magistrado dr. Edmundo Dantas, exercendo as funções de promotor publico o operoso dr. Nicolau Adornetti.

No edificio da Intendencia Municipal, construido em 1821, por Sabino da Cunha Pacheco, em apartamentos inde-

pendentes, cedidos ao Governo do Estado em 1920 pela administração chefiada pelo devotado triumphense coronel Manoel da Silva Machado Filho, funciona o Forum, onde estão installados todos os cartorios, salão do jury, sala de audiencias e dos jurados.

Depois de haver o signatario, como representante do Governo do Estado, assignado com o alludido intendente o convento de cessão de parte do edificio da Intendencia mandou aquelle proceder a adaptação para o fim a que se destinava.

Concluidas as obras, mobilado e feitas as installações, seguiu-se a inauguração, como se vê desta transcripção: „Acta da installação do Forum da villa do Triumpho, no edificio para esse fim concedido pela municipalidade ao Governo do Estado e por este mandato adaptar ao fim a que se destina.

Aos quatorze dias do mez de julho do anno de mil novecentos e vinte e dois, ás 11 horas, na sala do Forum, sob a presidencia do Juiz de comarca dr. Ernesto Candal, foi aberta a sessão de installação do referido Forum na parte do edificio da Intendencia Municipal, cedido ao Governo do Estado para nelle funcionar os Tribunaes. Presentes o pessoal dos fóros de São Jeronymo, Triumpho e Santo Amaro e pessoas gradas o Juiz convidou a tomarem assento á mesa o Juiz districtal Marino Josetti de Almeida, o Doutor João Ulysses de Carvalho, ex-Juiz desta Comarca, dr. Cezar Pestana, promotor publico, e mais autoridades e pessoal do fôro, convidando-me para servir de secretario.

Declarado inaugurado pelo presidente, foi dito por este que concederia a palavra a quem della quizesse fazer uso.

Em seguida, o Grupo Escolar Bento Gonçalves, cantou o Hymno Nacional.

A menina Ruth Saraiva, alumna do referido grupo pronunciou um discurso allusivo á Constituição de 14 de julho, cujo anniversario se commemorava.

As meninas Dalila Barreto e Dalyra Merg proferiram allocuções civicas.

Fez uso da palavra a seguir o Major Carlos Candal Junior, em nome do dr. João Ulysses de Carvalho, Chefe do

Partido Republicano de São Jeronymo, para congratular-se com o Fôro de Triumpho, pela inauguração do forum.

Finalmente o Grupo Escolar cantou um hymno patriótico com o qual foram os trabalhos encerrados.

Em tempo:

O sr. Martino Josetti de Almeida, Juiz Districtal, pediu a palavra para agradecer ao pessoal dos fóros de Santo Amaro e São Jeronymo o seu comparecimento.

Usou ainda da palavra o Major Carlos Candal Junior que em nome do Intendente Municipal pediu que se consignasse em acta agradecimentos ao Governo do Estado, não só pela adaptação do edificio ao fim que se destina, bem como a guarnição do mesmo com moveis e utensilios necessarios. — Foi ainda pelo mesmo orador pedido, em regosijo ao acontecimento que se solennisava, fosse acompanhado pelos presentes numa saudação que erguia á pessoa do dr. Borges de Medeiros, presidente do Estado, no que foi calorosamente correspondido pela assistencia.

Como mais ninguem quizesse fazer uso da palavra, o presidente declarou encerrados os trabalhos, convidando a assistencia a assignar a presente acta. (Assignados) Ernesto Candal, João Maia, secretario, Marino Josetti de Almeida, Cezar Pestana, Manoel da Silva Machado Filho, J. Ulysses de Carvalho, Albano Coelho de Souza, Amaro Joaquim Rodrigues, juiz districtal de Santo Amaro, Manoel Faustino Tavares, C. Candal Junior, Miguel Duprat Bandeira, Saturnino Antonio Lopes, Orlando de Paula Tavares, Amaro Nunes Dornelles, Oroncio Demoly, Francisco Rollo, Floriano R. Barreto, Ludgero B. da Cruz, João B. de Souza Machado, Francisco de S. Machado, Voltaire Pires, Lourival Kersting, por si e por Fernando Kersting, Maria Francisca de Macedo Pires, Natercia Borba d'Angelo, Ilza Molina, Clotilde V. Maahs, Marcos M. Coelho, Possidonio R. de Lima, Plinio M. de Almeida, Celestino Castro, Euclides A. Baptista, Eralcides M. Alff, Idalina S. Alves, Maria das D. R. de Carvalho, Edwiges A. de Souza, Maria R. Martins, Sylvio de Oliveira Gonçalves, Manoel R. da Silva, Manoel Luiz de Almeida, Horacio J. da Mot-

ta, Olavo A. Machado, Nicolau Köhler Netto, Accacio G. Ferreira, Ostacilio A. Massena, Josephino A. Saraiva, João Henrique Engers; Adolpho J. Kanters, Antonio J. Peixoto Filho. Damião da Rocha Moreira, Virissimo R. de Lima, Claudio Pinto de Azevedo, João Pedro Merg, Manoel Gildo Medeiros, Athanagildo Alves de Medeiros, Avelino José da Silva, Leoncio Lobato, por si e pela „A Campanha“, Julio Portalet.

No decorrer do anno de 1928, por iniciativa do pessoal do fôro, foi inaugurada uma galeria de retratos dos juizes districtaes desse termo, ainda incompleta, os quaes foram: João Alves da Rosa, Henrique de Oliveira Castro, drs. A. C. Ribeiro Tacques, Elzeario Nunes, Pedro Ornellas, Antonio Virissimo Ribeiro e Waldomiro Pereira.

Actualmente exerce essas funcções o signatario, e as de juizes do 2.º districto — Annibal de Rodrigues da Costa, que foi antecedido por Fidencio Vieira Sarmento, Antonio Fornari e Horacio J. da Motta; do 3.º — Garibaldi Ferreira dos Santos, que foi precedido por Manoel A. da Maia, Damião da Rocha Moreira, João Luiz de Andrade e Olavo F. dos Santos; do 4.º — Felisberto Malaquias da Rosa, que teve por antecessor a João Ferreira de Carvalho Filho.

Na séde, são escrivães do cível e crime, jury e execuções criminaes — José Pereira Pinto, de orphãos, ausentes e registro civil — João Affonso Massena, notario — Floriano R. Barreto e official de justiça — João Ferreira de Carvalho Filho.

João Affonso Massena e Philogonio Kersting desempenham, respectivamente, os cargos de 1.º e 2.º supplentes do substituto do juiz seccional federal do Estado.

Aos escrivães e notarios actuaes antecederam — Felisberto Ovidio de Almeida, Fernando Kersting Filho, João Baptista de Souza Machado, Gustavo Kindlein, Alberto Simões Pires, Lourival e Miguelino Kersting, Francisco Chagas Henriques, João Fontoura e João Alvim, e, ao official de justiça — David Alves de Medeiros, Athanagildo A. de Medeiros, que serviu 45 annos, João Pedro Merg, Fernando Kersting, Emigdio Maia, Manoel Rodrigues da Silva, João Diehl e Manoel Gildo de Medeiros.

Como advogado exercem actividade no fôro — o dr. C. A. Ribeiro Tacques, Francisco Chagas Henriques, major Alfredo A. de Camargo, João B. de Souza Machado e Manoel Luiz de Almeida, aqui residentes, além de outros extranhos ao municipio.

As escriptaninhas districtaes são exercidas no 2.º districto por Horacio A. de Souza, no 3.º, por Virissimo R. de Lima e no 4.º, por Dally Ferreira Leotte, os quaes tiveram, como antecessores, respectivamente, a Balduino Antonio de Queiroz e João Henrique Engers, no 2.º Torquato Cruz, no 3.º e Luiz Rodrigues da Rosa, no 4.º.

Polícia

A policia judiciaria é exercida no municipio pelo delegado de policia Arlindo Machado e pelos sub-delegados dos districtos pela ordem numerica — João Pedro Merg, Arthur Garcia, Joaquim Chaves Carvalheiro e Antonio Peixoto Filho.

Foram tambem delegados de policia o tenente-coronel José M. da Maia Filho, José Alves Massena, Sylvio O. Gonçalves, Bibiano D. Castro, Antonio Alves de Borba, dr. Virissimo Ribeiro, Antonio Olegario Filho e Manoel da S. Machado Filho.

Instrucção Publica

Pouco faz que transcorreu o centenario da instrucção publica no Brasil e ha mais de 80 annos que ella funciona no municipio.

Tudo quanto as gerações, dentro desse lapso de tempo, tem produzido de intellectualidade em Triumpho, afóra os de instrucção media e os alphabetisados, é obra do esforço de tres grandes sacerdotes do ensino publico: Antonio Pereira da Silva Rocha, já exercendo o magisterio em 1850, João Virgilio Rocha e Affonso Machado Coelho, estes com brilhante curso na antiga Escola Normal do Estado.

Não se notabilisaram essas tres individualidades sómente pelo saber. Não. Eram, além de cidadãos conspícuos e austeros, veras vocações para o magisterio. Affonso Machado Coelho, foi lente da Escola Brasileira de Porto Alegre e, depois, director dos collegios elementares de Bagé e Pelotas.

Injusto seria, entretanto, concluir desses conceitos, uma irreverencia aos demais professores que têm funcionado no municipio, na sua grande maioria illustrados e dignos de sua nobre missão.

Destacaram-se aquelles porque a par de seus dotes de eleitos da natureza, para tal fim, leccionavam, tambem, curso secundario.

Entre as professoras da séde foi, sem duvida, figura de relevo Francisca Gomes Junqueira, adepta exaltada do partido conservador, rival de João Virgilio Rocha nas discussões politicas. Era escriptora talentosa, travando polemicas pela imprensa em defeza dos seus ideaes.

Na villa, exerceram o magisterio as professoras Manoela Arouche, Rita Ferraz Teixeira, Raphaela Vianna, Francisca A. Cidade, Ernestina Pessoa, Maria Izabel Flores de Lavra Pinto, Virginia Gonçalves Ferreira, Dolores Fontoura Coelho, Maria Francisca de Macedo Pires (Mariquita), Natercia Borba d'Angelo, Herotides Porto e Sensata Moraes, e os professores Theoplilo Luiz Gomes de Abreu, José Luiz Maraninchi, dr. Theophilo Borges de Barros, Ernesto José Gomes, interinamente, e Marcos Machado Coelho, actual director do Grupo Escolar de São Jeronymo.

Morosa tem sido a diffusão do ensino publico no municipio, já por carencia de verbas, já por defficiencia de pessoal apto para o desempenho de tão arduas funcções, apezar dos incessantes e patrioticos esforços dos poderes dirigentes do Estado e do Municipio.

Sete escolas, apenas, funcionavam em 1912, passando em 1920 para 22 e actualmente para 23, mais o Grupo Escolar.

Na administração do coronel Manoel da Silva Machado, mandou este intendente, com dados fornecidos pelo recenseamento federal de 1920, fazer um quadro estatistico da população infantil da séde, capaz de frequentar escolas. Após essa pro-

videncia, dirigiu ao Governo do Estado, bem elaborado relatório, devidamente instruído, solicitando a criação dum instituto para attender convenientemente á instrucção local.

Encontrou a solicitação provimento por parte do Governo do Estado, que no dia 14 de julho de 1921, fez inaugurar o Grupo Escolar, tendo por directora a professora Maria Francisca de Macedo Pires e por corpo docente os professores Hilario Fortes de Barcellos, Marcos Machado Coelho, Natercia Borba d'Angelo, Ilza Molina e Clotilde Maahs.

A directora Maria Francisca de Macedo Pires, falleceu em 1922, sendo substituida nessas funções pela professora Natercia Borba d'Angelo, que, por sua vez, foi succedida pela professora Fulvia Bertolacci e esta pelo professor Marcos Machado Coelho.

Ainda pelo referido estabelecimento de ensino passaram, como docentes, as professoras Antonia Martin, Orlandina Silva, Carlota Kinieling, Ruth Landell e Waldemarina Figueiredo.

Dirige-o, presentemente, a professora Rita Frazão de Moura, tendo por auxiliares de ensino Lourdes Freitas, Rita Massena e Esther Siqueira.

Num terreno de 2.936 m.² está edificado o prédio onde funciona o Grupo Escolar, situado á rua Ramiro Barcellos, principal da villa. E' de propriedade da municipalidade, que o mandou construir a 24 de novembro de 1921, sendo concluido a 30 de abril e inaugurado no dia seguinte, 1.º de maio de 1927.

Nas escolas ruraes isoladas exerceram o magistrado os seguintes professores estadauaes:

Na **Piedade** — Adelina Bacellar, Gustavo Robinson, Hilario Fortes de Barcellos e o signatario.

Em **Passinho** — Natalina e Alice Maeffer, posteriormente doutora em medicina, Analia Vieira Fernandes e Natercia Borba.

No **Bemfica** — Luiz Octavio Andréa de Bittencourt e Antonio Machado Rosa.

Na **Villa Kappel** — Natercia Borba, Lydia Brutschen Holzer, e a actual, Maria Joaquina Bernardes.

No **Pontal** — Morena Azevedo Conceição, Donatilla Glória Koelzer e a actual, Lydia Pereira da Cunha.

Em **Cahy** — José de Oliveira Paes e Pedro de Azevedo Conceição.

Na **Volta Grande** — Antonio Nunes, fallecido em plena aula, em exercicio do seu magisterio.

Em **Costa da Cadeia** — Joaquim Carlos Nunes, Manoel Mueller de Miranda e Candido Alves de Oliveira.

Na **Ponta Raza** — Maria da Gloria Cardoso, Maria Antonia Nunes e a actual, Magdalena M. Pinto.

No **Santa Cruz** — Maria Luiza Taborda e Anna Cannes de Souza.

Em **P. Ponte** — Belmira Bandeira e Possidonio R. Lima, que funcceionou 36 annos, sem gosar licença.

As escolas subvencionadas estaduaes são 6, assim distribuidas com respectivas professoras: Praia — Marina P. Fernandes; Trivio — Eracildes M. Alff; P. Fundo — Dalyra Merg; Bemfica — M. Emilia Freitas; S. Clara — Cecy P. da Silva e Volta Grande — M. Capaverde da Cunha; as municipaes subvencionadas pelo Estado em numero de 14: P. Raso — Maria F. Carvalho; Santa Cruz — Edwiges Souza; Piedade — Carolina S. Alves; P. Azeredo — Idalina S. Alves; B. Vermelho — Doralina S. Vasco; C. Cadeia — Doce-lina S. Leal; F. Quadros — Rosa M. Gravina; Catupy — Hercilia Magalhães; Pinheiros — Clara Santos; João Vieira — Antonia Bastos; Lageado — Maria R. Martins; Barreto — Hilda N. Ayres e Passo da Ponte — Lydia O. Ferreira.

A matricula escolar, em 1929, attingiu a 4.081 alumnos, sendo 919 brancos e 462 pretos, com uma frequencia de 708. Dos matriculados 530 são do sexo masculino e 498 do feminino.

O futuro

O futuro do municipio apresenta-se risonho: será infalivelmente quasi suburbio de Porto Alegre!

Levada a effeito a variante da Viação Ferrea, que o Governo do Estado pretende construir de Barreto á capital do Estado, passando a 2 kilometros da villa, onde terá uma estação, percorrendo todo o municipio de Oeste a Leste, Triumpho entoará victoria, pois a viagem gastará, no maximo, hora e meia de séde á séde, e muito menos dos pontos intermeditarios, que são lindos campos, bellas colinas e ferteis terras, que ficarão, tambem servidos por estações.

Então, o clima, salubridade incomporavel e bellezas naturaes, terão justo valor e Triumpho impor-se-á para estações de repouso, installações industriaes e actividade agricola.

Em sua mensagem de 1922 á Assembléa dos Representantes o presidente dr. Borges de Medeiros se referia á esse notavel empreendimento, já projectado e calculado nos seus minimos detalhes e custo, que attingiria a 11.421:134\$100.

Emquanto, porém, não se tornar realidade essa radiosa promessa, cumpre aos habitantes, lançando mão dos valores pessoaes e materiaes, incrementar o modesto mas solido progresso existente.

Ao municipio sobram elementos que lhes offerece a terra dadivosa e não lhe faltam sequer filhos que se hajam illustrado na sciencia, na politica, na litteratura e no commercio, como o dr. Marinho Chaves, ex-deputado estadual, dr. A. Vieira Pires, ex-chefe de policia e notavel advogado, coronel João Maia, illustrado escriptor, dr. Admar Barreto, juiz de comarca, Generoso Vieira, alto commerciante, e outros.

IX

Diccionario geographico historico e estatistico

A

Abelhas — Capão no 2.º districto.

Açouta-Cavallo — Zona agricola, situada nos contrafortes da Serra Geral, e fazenda no 2.º districto.

Aguas-Bôas — Sanga no 1.º districto.

Alexandre — Ilha no rio Jacuhy, situada no 3.º districto.

Alto — Dois capões no 2.º districto.

Amarello (ou **Therezas**) — Ilha no rio Jacuhy, situada no 3.º districto.

Araujo — Ilha no rio Jacuhy, situada no 4.º districto.

Arco-Verde (ou **Adriano**) — Ilha no Jacuhy, situada no 3.º districto.

Areal — Praia e logradouro publico, na villa.

Arrepiado — Capão no 3.º districto.

Arroio — Sanga na villa.

Arrozal — Tremedaes no 1.º districto.

Azeredos — Zona pastoril no 2.º districto, passo no arroio Gil e cancha e porto no 1.º districto.

B

Banhado-Grande — Excellente zona pastoril no 4.º districto, notavel por extensa planicie.

Banico — Lagoa no 2.º districto.

Barbosa — Antiga fazenda no 4.º districto.

Baptista — Porto num braço do rio Jacuhy, situado no 4.º districto.

Barreiro — Regato no 4.º districto, affluente do arroio Gil.

Barreto — Estação da Viação Ferrea do Rio Grande do

Sul, povoado com 78 prédios e 500 habitantes approximadamente e porto, situados no 1.º districto.

Barro-Vermelho — Zona pastoril e agricola, situada nas divisas do 1.º districto com o 2.º.

Bella-Vista — Granja rizi-cultora no 3.º districto.

Bello-Horizonte — Zona pastoril e agricola no 3.º districto, situada no interior da antiga fazenda Pontal.

Bemfica — Importante zona agricola de colonisação germanica, onde existe uma capella catholica, situada no 4.º districto do municipio.

Bernarda (D.) — Fazenda no 1.º districto.

Bico-Branco — Cancha no 1.º districto.

Biguás — Pequenissima ilhota no rio Jacuhy, situada no 3.º districto.

Biscouto — Arroio tributario do Gil, situado no 2.º districto.

Bituca — Porto no rio Cahy e campo no 3.º districto, actualmente importante granja pastoril e agricola da firma Bopp & Irmãos.

Bôa-Vista — Coxilhão e capão no 1.º districto.

Boqueirão — Coxilhão no 1.º districto.

Buraco — Capão no 2.º districto.

C

Cabeçuda — Ilha no rio Jacuhy, no 3.º districto.

Cabral — Invernada no 1.º districto.

Cabras — Ilha no rio Jacuhy, situada no 4.º districto.

Cachorros — Arroio no affluente do rio Jacuhy, situado no 3.º districto.

Cachorrinhos — Capões no 1.º e 2.º districtos.

Cadêa — Arroio no 2.º districto, affluente do Santa Cruz; tem seu curso nas proximidades da séde.

Cahy — Rio que banha, por sua margem direita, grande parte do 3.º districto do municipio, servindo de limites entre este e o de S. Sebastião do Cahy; passo no rio do mesmo nome, zona pastoril e agricola do alludido districto e estrada que o liga á séde.

Caiambola — Ilhota no rio Taquary, situada no 1.º districto.

Calombo — Cancha no 1.º districto.

Camboim — Capão no 2.º districto.

Campos-do-Padre — Fazenda de João Ely, situada no 1.º districto.

Capão — Cancha no 2.º districto.

Capão-Grande — Cancha no 1.º districto.

Capivara — Ilha no rio Taquary, situada no 1.º districto.

Capoeira — Capão no 4.º districto.

Cardoso — Outeiro no 3.º districto, situado na região de Ponta Rasa.

Carreira — Capão no 2.º districto .

Carvalho — Logar e capão, situados no 4.º districto.

Carvalhos — Zonas pastoris no 1.º e 4.º districtos.

Castelhana — Capão no 4.º districto.

Catupy — Morro, importante zona agricola e nucleo de colonisação germanica, onde existe uma capella catholica, situados nos contrafortes da Serra Geral, no 2.º districto.

Cava — Porto no rio Jacuhy, situado no 4.º districto.

Chico — Capão no 1.º districto.

Cinza — Capões no 1.º e 4.º districtos.

Ciriaco — Ilhota no rio Jacuhy, situada no 4.º districto.

Comprida — Lagôa no 2.º districto.

Conceição — Logar no 1.º districto sobre as divisas com o 2.º; notavel pela realisação centenaria, ahi, de festas em louvor de Nossa Senhora da Conceição.

Coqueiro — Chacara, lagôa e capão no 1.º districto; notavel por haver, ahi, occorrido um duello, em 1800, entre o general Bento Gonçalves da Silva e outro individuo, que era o terror do local, sendo vencido este, que morreu na lucta.

Correia — Fazenda no 1.º districto.

Costa-da-Cadeia — Séde do 2.º districto administrativo, judiciario e policial e arroio no referido districto.

Costa-dos-Carvalhos — Zona pastoril e agricola no 1.º districto.

Costa-Leite — Fazenda no 2.º districto.

Corvo — Capão no 4.º districto.

Coxilhas — Elevação de terreno, especie de dorso central entre as planicies N. L. e S. do 3.º districto.

Cravo — Ilha no rio Jacuhy, situada no 3.º districto.

Cruz — Capão no 2.º districto; celebre por haver nelle Juca Custodio, caudilheite farroupilha, morto numa guerrilha, em 35, um chefe legalista, que foi ali enterrado, dando-lhe essa denominação a cruz da sepultura.

Cruz-das-Almas — Local nos arrabaldes da séde, onde ha implantada uma cruz votiva, centenaria.

Cultivados — Terras no 4.º districto.

Cunha — Ilha no rio Jacuhy, situada no 1.º districto.

Cutia — Capão no 2.º districto.

D

Demanda — Capão no 2.º districto.

Deoclecio — Cancha no 2.º districto.

Destino — Fazenda e sanga no 3.º districto.

Divisa — Capão no 2.º districto e sanga no 1.º.

Dominga — Coxilha nos suburbios da séde, onde teve inicio na revolução de 35 o combate da villa do Triumpho, entre tropas republicanas do general Antonio de Souza Netto e as legalistas do coronel Gabriel Gomes Lisboa, a 12 de agosto de 1837.

Domingos José Lopes — Ilha no rio Jacuhy, situada no 3.º districto.

Dornelles — Ilha no rio Jacuhy, situada no 4.º districto.

Dote — Arroio affluente do Passo Fundo e zona agricola e pastoril no 4.º districto.

E

Elesbão — Morro no 2.º districto.

Ephigenia — Cancha no 4.º districto.

Estiva — Arroio affluente do rio Taquary, situado em Barreto, 1.º districto.

Eugenio — Capão no 4.º districto.

F

Fanfa — (ou Ataque) — Ilha no rio Jacuhy, situada no 4.º districto, celebre pelo combate nella travado, na revolução de 35, entre as tropas legalistas do general Bento Manoel Ribeiro e as republicanas do general Bento Gonçalves da Silva, o qual teve inicio a 2 de outubro de 1836 e terminou no dia 4 do mesmo mez e anno.

Fartura — Capão no 1.º districto.

Figueira — Capão no 2.º districto.

Florianos — Lagôa e campos no 1.º districto.

Forquilha — Capão no 2.º districto.

Fortaleza — Campos no 4.º districto.

Freitas — Morro no 2.º districto.

Fuá — Campos no 3.º districto.

Fundo — Capão no 4.º districto.

G

Galvão — Campos e sanga no 2.º districto.

Gil — Estação da Viação Ferrea do Rio Grande do Sul, situada em lugar do mesmo nome no 2.º districto; arroio affluente do Jacuhy, o mais importante do municipio, que o atravessa todo, em direcção Norte-Sul, nasce na Serra Geral, servindo de limites entre o 1.º e 4.º districtos. Seu primitivo nome era Ponte; depois D. Bernarda e D. Rita; finalmente, Gil. No seu percurso toma diversas denominações: Azere-dos, Invernada, Ponte, Fio e Barra.

Grande — Dois capões no 1.º districto, um no 2.º e outro no 4.º; ilhota granitica defronte á séde, na confluencia dos rios Jacuhy e Taquary, no 1.º districto.

Granja da Volta — Importante estabelecimento agricola e pastoril de propriedade da firma Kohler & Netto, onde existe uma floresta de 1.004.000 pés de eucalyptus e 11.000 de laran-geiras, situada aos suburbios da villa, 1.º districto.

I

Ignacio — Capão no 1.º districto.

Ilhota — Ilha no rio Jacuhy e lagôa ou banhado, situa-dos no 3.º districto.

Indios — Capão do 1.º districto.

Intransitavel — Banhado no 4.º districto.

J

Jacaré — Arroio affluente do rio Taquary e lagôa, situa-dos no 1.º districto.

Jesuino — Campos e sanga no 1.º districto.

João Marinho — Ilhota no rio Jacuhy, situada no 3.º districto.

Junco — Lagôa no 1.º districto.

L

Lageado — Arroio que em confluencia com o Maraqué formam o Passo Fundo, no 4.º districto; arroio tributario do Santa Cruz e capão no 2.º districto.

Lagôa — Braço sem continuidade do rio Taquary, entre a ilha Capivára e margem esquerda, em Barreto, 1.º districto.

Lavagem — Sanga no 1.º districto .

Leão — Capão no 2.º districto.

Limoeiro — Cancha no 4.º districto.

Lombà-Alta — Capão no 1.º districto.

Lomba-da-Cruz — Coxilhão no 2.º districto, onde em 35, em guerrilhas, falleceu, repentinamente, Calderão, que se suppoz haver sido enevenenado num chimarrão, que tomára, poucos momentos antes, em casa de Azeredo.

Lopes — Morro no 2.º districto.

M

Machado — Rincão no 2.º districto.

Madeira — Capão no 1.º districto.

Maia — Capão nos suburbios da séde.

Malaquias — Campos no 4.º districto.

Maneca Cruz — (ou Francelino) — Ilha no rio Jacuhy, situada no 3.º districto.

Maneca Paula — Morro no 2.º districto.

Manga — Porto no rio Jacuhy, situado no 3.º districto.

Maraquá — Arroio que em confluencia com o Lageado formam o Passo Fundo.

Marciano — Lagôa nos suburbios da séde.

Marcos — Capão e cancha no 1.º districto.

Marinheiros — Morro no 2.º districto.

Massenas — Campos e sanga no 1.º districto.

Matheus — Campos no 1.º districto.

Matto do Pontal — Capão no 3.º districto.

Meio — Capão no 2.º districto.

Moinho — Arroio tributario do Santa Cruz, situado no 1.º districto.

Monge — Capão no 2.º districto.

Monjolo — Arroio tributario do Posto, situado no 2.º districto.

Morretinhos — Logar, situado no 3.º districto, extremo leste territorial do municipio, onde se encontram e fazem confluencia os rios Jacuhy e Cahy.

N

Negro — Capão no 1.º districto.

O

Olaria Affonso Henriques — Importante estabelecimento de fabricar tijollos, em Volta-Grande.

Olaria Kappel (ou Villa Kappel) — Povoadado nos suburbios da séde, sobre a margem esquerda do rio Taquary.

Olaria Jesuino (ou Barra) — Logar na margem esquerda do Jacuhy, sobre a foz do arroio Gil, 1.º districto, onde existiu olaria de fabricar tijollos.

Oitavo — Campos no 1.º districto.

Olegario — Capão no 1.º districto.

Orphãos — Capão no 2.º districto.

P.

Paca — Capão no 1.º districto.

Paciencia — Importante ilha no rio Jacuhy, situada no 1.º districto e arroio affluente do Gil.

Palmeira — Fazenda no 4.º districto.

Panellas — Capão no 4.º districto.

Pantalona — Arroio, tributario do Gil, situado no 4.º districto.

Pantano-Grande — Sanga e estrada no 1.º districto.

Pagagaio — Capão no 1.º districto.

Parador — Logar entre os arroios Cadeia e Santa Cruz, situado no 2.º districto.

Passinho — Logar e arroio affluente do Jacuhy, situado no 1.º districto.

Passo-da-Areia — Sanga e capão, situado no 1.º districto.

Passo dos Azeredos — Passo no arroio Gil, na estrada que delimita o 2.º districto do 1.º e 4.º.

Passo de Baixo — Passos nos arroios Santa Cruz e Passo Fundo.

Passo do Biscouto — Arroio affluente do Gil, situado no 4.º districto.

Passo do Fio — Passo e ponte nas proximidades da foz do arroio Gil, por onde passa a linha telegraphica federal.

Passo Fundo — Séde do 4.º districto administrativo, judiciario e policial do municipio; arroio affluente do rio Jacuhy, e zona pastoril entre este arroio e o denominado Passo Raso.

Passo do Graveto — Passo no arroio Passo Raso, situado no 3.º districto.

Passo da Invernada — Passo no arroio Gil, nos campos da Cria, 1.º districto.

Passo das Pedras — Passo na sanga deste nome, situado no 3.º districto.

Passo da Ponte — Passo no arroio Gil, logar e zona pastoril e agricola, no 4.º districto.

Passo Raso — Séde do 3.º districto administrativo, judiciario e policial do municipio; arroio affluente do rio Jacuhy e que serve de limite entre o 3.º e 4.º districtos.

Passo da Rosaura — Passo no arroio Passo Raso.

Pau-fincado — Capão e coxilha no 1.º districto.

Pedras — Sanga no 3.º districto.

Pedreira — Porto na margem esquerda do rio Jacuhy, morrete, prospera zona agricola e pastoril no 4.º districto e pedreira no Rincão, 1.º districto.

Pellado — Morro no 2.º districto.

Pequena — Ilhota fronteira á séde, no rio Jacuhy, 1.º districto.

Pesqueiro — Lagôa no 2.º districto.

Picada — Capão no 1.º districto.

Picadinha — Logar no 1.º districto.

Piedade — Antiga séde da sesmaria Meirelles; zona agricola de colonisação germanica.

Pimpão — Zona agricola, situada nas fraldas do morro Sant'Anna, no 2.º districto.

Pinheiro — Logar no 1.º districto e capões no 1.º e 2.º.

Pontal — Fazenda no 3.º districto, onde estão installadas as prosperas granjas rizicultoras denominadas „Maria“, „Triumpho“ e „Felamino“, situada á margem esquerda do rio Jacuhy, no 3.º districto; estrada que d'ali conduz á séde.

Ponta das Pedras — Praia com arrecifes no rio Jacuhy, 1.º districto.

Ponta Rasa — Ilha no rio Jacuhy, porto na margem esquerda deste rio e zona pastoril e agricola, situados no 3.º districto. Ha nesse local prosperas granjas rizicultoras.

Posto — Arroio affluente do Gil, no 2.º districto.

Praia — Zona marginal do rio Jacuhy, no 4.º districto, tendo bôa exploração agricola e abundante commercio meudo com a capital do Estado.

Q

Quebra-Telha — Sanga e coxilhão no 1.º districto.

R

Rancho — Capão no 4.º districto.

Raposa — Capão no 1.º districto.

Rincão — Logar no 1.º districto.

Rincão da Cria — Zona pastoril no 1.º districto.

Rincão Grande — Logar no 1.º districto.

Rincão dos Potros — Logar no 4.º districto.

Rincão do Velhaco — Logar no 1.º districto.

Roça — Capão no 4.º districto.

Rodeio — Capão no 2.º districto.

Rodeio do Meio — Fazenda no 1.º districto.

Rodeio Velho — Capão no 4.º districto.

Rodrigues — Cancha no 2.º districto.

S

Salso — Potreiro e praia na villa.

Sanga Funda — Sanga no 1.º districto.

Sangue-Suga — Lagôa no 1.º districto.

Sant'Anna — Morro no 2.º districto.

Santa Cruz — Arroio affluente do rio Taquary, serve de limites entre os municipios de Triumpho e Taquary; fazenda no 4.º districto e logares no 1.º e 2.º districtos.

Secca — Lagôa no 1.º districto.

Serra Velha — Lagôa e logar no 2.º districto.

Serraria — Capão no 2.º districto e mattos no Passo da Ponte, 4.º districto.

Santa Clara — Logar, cancha e banhados no 3.º districto.

Souza — Cancha no 1.º districto e campos no 2.º.

T

Tabúas — Arroio affluente do Santa Cruz, no 2.º districto.

Tapera — Capão no 2.º districto.

Tapera Queimada — Capão no 3.º districto.

Timbauva — Capão no 2.º districto e coxilha no 1.º.

Tigre — Arroio tributario do Gil e capão no 1.º districto.

Travessão — Cancha no 4.º districto.

Tres Capões — Capões no 1.º districto.

V

Váo — Passagem no rio Jacuhy, entre a ilha Paciencia e margem esquerda, 1.º districto.

Varas — Capão no 3.º districto.

Vargas — Fazenda no 3.º districto e morro no 2.º.

Varzea — Capão no 2.º districto e campo no 3.º.

Vassoural — Sanga no 3.º districto.

Veado — Capão no 1.º districto.

Ventura — Capão no 4.º districto.

Volta — Curva no rio Taquary, em Barreto, e estrada que liga esta povoação á séde.

Volta Grande — Povoação na margem esquerda do rio Cahy, onde fica localisada a importante granja e olaria de Affonso Henriques, no 3.º districto.

Z

Zé Rodrigues — Capão e campos no 1.º districto.

Zézé Paula — Cancha no 2.º districto.

X

CONCLUSÃO

Ao encerrar estas notas, quer o signatario patentear não as haver redigido com pretensões litterarias ou scientificas.

O seu fim precipuo, á falta de trabalho mais erudito, foi „desempoeirar os braços de Triumpho“ para que rebrilhem á luz da justiça historica dos contemporaneos.

Escrevendo para o publico, visou o signatario tocar, atravez esse conducto, o coração e o espirito dos triumphenses, natos ou adoptivos, para nelles reaccender, se possivel mais, a scentelha de fé patriotica, que lhes inspirou resistencia herculea para salvação de nossa terra do desapparecimento do ról dos municipios do Estado e que seu progresso ainda reclama.

Vinte annos, em meio dos quaes, varias vezes, ouviu o signatario a opulencia nescia ou a grandeza fatua ridicularisarem, ao envez de admirarem, a terra dos seus ancestraes, foram necessarios para que benedictina paciencia nas pesquisas chegasse ás conclusões historicas destas notas cujos factos nellas descriptos demonstram, cabalmente, o decisivo e proeminente papel desempenhado por Triumpho na formação e progresso de importante parte de nossa grande Patria.

Não é o signatario daquelles que se vexam por haverem nascido nas terras pequenas e pobres. Ao contrario, quanto humillimo, bem diz a hora feliz de proclamar-o, tentando contar a historia da sua, muito embora, para chegar a pagar-lhe esse tributo de amor filial, que outro merito não tem sinão a grandiloqua intenção que o gizou, mister fosse, aproveitando lazeres deixados pelo exercicio de encargos publicos, sorrindo displicientemente da maledicencia ignobil, desprezar, algumas vezes, penalisado de tanta pobreza de espirito, grosseiras calumnias e injurias, boquejadas á socapa, a que não escapam, para vergonha da educação social e civica dos tempos que passam, os homens mais austeros, devotados

e altruistas, mórmente se têm a infelicidade de palmilharem essa estrada de calvario, que é a vida do funcionario publico.

Bem certo é, pois, que „não se chega ao Capitolio senão coberto de pó“. Necessario é tambem, portanto, que, nesta hora em que o trabalho material e cultural explendem em obras de vertiginoso progresso, os habitantes de Triumpho, confraternisados e reciprocamente perdoados os erros que do berço ao tumulto acompanham o homem, unidos, empreguem esforços no sentido de accelerar seu engrandecimento, tanto mais que, em outubro do anno vindouro, transcorre o 1.º centenario de sua elevação a municipio, época em que deve a população formar compacta phalange pacifica, para as comemorações de tão auspicioso acontecimento.

Os que, como o signatario, se orgulham do Brasil grandioso e se envaidecem, legitimamente, do Rio Grande do Sul valoroso, devem pensar, antes de despresal-o, que, sem Triumpho, ambos ficariam incompletos, não sendo crível que delle prescindissem os brasileiros, em favor do estrangeiro, só porque não seja, por emquanto, materialmente opulento.

Triumpho está, pois, sem desdoiro, integrado na grande patria brasileira. Engrandecel-o — é dever, soffrer por elle — é gloria!

Recepção

do dr. Darcy Azambuja no seio do Instituto.

Os discursos proferidos.

„Não quero receber como uma honra, srs. do Instituto Historico e Geografico, o titulo com que nos distinguistes. A uma corporação científica, como esta, que procura a verdade nos atos humanos e nos acontecimentos sociais, graças e favores não dizem bem. Nem eu me poderia julgar com titulos bastantes, para merecer uma tal magnanimidade, tão desproporcionada aos meus meritos humildes. Aceito o vosso gesto, acolhendo-me, não como uma honra, e sim como um estímulo que assim melhor vos compreendo e a mim mesmo me elevo. Quisestes estimular em mim o amor, que conheceis, á vida e ás tradições do Rio Grande, procurando despertar no fazedor de contos regionais um auxiliar da historia da nossa terra. Tudo farei por não vos desiludir e dar, de acordo com as minhas forças e aptidões o melhor esforço pelo programa deste Instituto, que já tanto tendes ilustrado.

De outro lado, a historia, que deve ser uma síntese científica, não póde prescindir da imaginação. Tranquilisai-vos, que não identificarei, nem nos processos nem nos objetivos, a literatura e a historia. Mas, si não se equivalem, não se opõem, nem divergem de todo. Baseiam-se ambas na observação, e a imaginação que predomina na literatura, entra em boa parte na historia, como em todas as ciencias.

Como reconstruir uma época remota, uma civilização, desaparecida, sem um pouco de imaginação? Como, sem ela, reviver dos escombros e da noite dos seculos existencias e caracteres, monumentos e instituições, artes e ciencias, e dar, ao que o tempo desfez ou descoloriu, uma apparencia de vida e uma ilusão de realidade ao que morreu?

A fragil e vacilante razão não teria estabelecido uma unica lei cientifica, uma só relação constante entre os phenomenos, sem auxilio da imaginação. O metodo experimental, que é o mais rigoroso dos metodos, tem como etapa necessaria a hipotese, que liga a análise e a classificação, á experiencia e á generalização.

De algum tempo a esta parte, alguns escritores céticos e filosofos desiludidos têm levado por deante uma guerra acesa á historia e aos historiadores, alegando a incerteza e insegurança de seus metodos e conclusões, as divergencias e erros a cada momento demonstrados, a impossibilidade mesmo de uma verdadeira ciencia da historia.

Anatole France, com o aticismo de seu estilo e o veneno sutil da sua incredulidade, conta que „sir“ Walter Raleigh, inclausurado na Torre do Tombo, dedicava-se a escrever a historia da Inglaterra. Certa vez presenciou, da janella de seu carcere, uma grande rixa no pátio da Torre. No dia seguinte, veio a saber que a cena por ele assistida passara-se de modo inteiramente diverso do que supunha. Rasgou então os seus manuscritos, desiludido de contar a verdade sobre o passado, quando nem do presente podia fazer uma ideia exata.

Esse facil filosofar, si prevalecesse, invalidaria todas as ciencias. „Si observarmos de perto os phenomenos fisicos, diz o professor Chwolson, convencer-nos-emos que não existe talvez uma unica lei exatamente verificada. A sua exatidão é sempre aparente, e desde que se obtêm aparelhos mais perfeitos, constata-se que a lei cientifica é apenas uma aproximação da realidade.

As leis de Kepler foram exatas só emquanto os instrumentos modernos não registraram as perturbações astronomicas. A célebre lei de Mariotte, foi verdadeira duzentos anos, até

que se verificou que não era exata em relação aos gazes proximos do ponto de liquefação. A propria geometria, como ponderou Poincaré, é toda imaginaria, pois não ha corpos com uma ou duas dimensões. O ponto mais infimo a mais fina das linhas, tem sempre três dimensões. E si o ponto tem três dimensões, póde-se fazer passar por ele varias perpendiculares a uma reta dada, e eis por terra toda a geometria.

As leis scientificas, diz Le Bon, são uma especie de verdade média, nunca verdades absolutas. Daí porque os cetiscos diziam que a verdade é um erro momentaneamente indemonstravel.

Para fazer a historia de um simples seixo, seria necessario conhecer todo o misterio do universo.

O homem, mais complexo e mais transitorio do que os seixos, têm na sua historia todos os misterios da vida e da terra. Em relação a ele, mais ainda do que aos fenomenos fisicos, são aproximadas e relativas todas as verdades.

Vão tem sido, e illusorio, o seu formidavel e magnifico esforço em perscrutar através a noite das idades, as origens da sua gloriosa e miseravel especie. E quando, enfim, se resignou á certeza de vir de um misterio e ir para outro misterio, ser um atomo da materia, um instante de pensamento, de alegria e de dôr entre dois infinitos de tempo; quando sua razão desfalecêu ante a alucinação do incognocivel; quando creou á sua imagem, pela crença, que é a razão do coração, e pelas religiões, que são a ciencia da imaginação, um termo para as suas esperanças e aspirações, voltou-se para o exame de si mesmo, procurando ao menos achar explicação para os acontecimentos de sua vida na terra.

Ainda aqui, é infinita a diversidade do misterio.

Desde que o homem surgiu na terra, deixando os seus fosseis nas camadas inferiores da idade paleolitica, existe a sociedade e com ela e por ela nascem e morrem imperios e cidades, raças e civilizações. Nas margens silenciosas do Eufrates, na Mesopotamia cheia de sol e da poeira da historia; ao longo do Nilo amoroso e fecundo, proximo aos desertos que se esbra-seiam e se consomem na formidavel saudade do oceano que os

abandonou; entre o Mediterraneo e o Libanio; na terra amada dos deuses, da Laconia ao Epiro e de Rodes á Samotracia, nas colinas do Lacio e da Etruria, em toda a parte o homem ergueu para o céu a sua cidade efemera, a suplica dos seus templos, a arrogancia dos seus monumentos.

Que forças explicam o zenite e o crepusculo de tantos imperios, raças e civilizações, tão diversas nas origens, nos costumes e nas ideias, tão semelhantes no destino comum de nascer, crescer e morrer? As guerras, em que se devoraram, as conquistas, que fizeram, as religiões, as ideias, os sentimentos, que os animaram que é que explica?

A historia das doutrinas está cheia do rumor das controversias entre as teorias que procuram explicar a genese, e a evolução dos povos.

A antiga, poetica e nevoenta filosofia da historia, que floresceu com Bossuet e Hegel, e tentou positivar-se com Augusto Comte, procurava enquadrar a evolução humana dentro de três ou quatro principios „a priori“. Eram grandes construções teoricas, por vezes de uma imponente beleza, bem menos uteis afinal que as cronicas da antiguidade.

Modernamente, porém, duas teorias surgiram, depois das de Comte e Spencer, cuja influencia foi das mais profundas, tanto pela parcela de verdade que continham como pela autoridade dos que as propagaram.

A primeira, que se denominaria escola geografica, cujos principais interpretes foram Buckle, Riter e Ratzel, condicionava a formação e o desenvolvimento dos grupos humanos á influencia do meio fisico. Não era nova a doutrina. Já Hipócrates, Platão, Aristoteles, Polibio, todos os filosofos e moralistas latinos, e Bufon, Bodin e Montesquieu haviam-na vulgarizado.

Para todos eles, o territorio, e principalmente o clima, determina a forma da sociedade e o carater de seus habitantes. A „stepe“ crea o regimen pastoral e patriarcal, faz os homens guerreiros, sanguinarios e incapazes de sair da barbaria; os climas quentes fazem os homens imaginativos, inquietos, excessivos nos sentimentos e fracos no querer; os climas frios

tornam-nos energicos, audazes e empreendedores. Desenvolvida por inteligencias poderosas como a de Ratzel, essa teoria agitou a critica historica e a sociologica dos fins do seculo passado.

Veio, porém, a reação. — Não me falem do céu da Grecia, dizia Herder, e a sua influencia, pois hoje os turcos habitam o territorio dos antigos gregos. Provada a diversidade dos caracteres coletivos e das civilizações no mesmo territorio, sob o mesmo clima; verificadas as profundas transformações progressivas ou regressivas, na permanencia dos mesmos fatores fisicos, uma nova teoria entrou em favor e a sua influencia foi incomparavelmente mais profunda.

A antropológica, fundada por Gobineau e desenvolvida por Lapouge e Amon, procurou explicar pelo fator racial a historia dos povos antigos e modernos. Para esses teoricistas, a historia se reduz á luta entre arianos e não-arianos, aqueles dolicocefalos louros, energicos, empreendedores, raça eleita dos deuses; estes, braquicefalos, morenos, misoneistas sedentarios, inferiores. Grecia e Roma foram grandes enquanto a raça ariana predominou nas classes dirigentes; os descobrimentos dos seculos XV e XVI foram exclusiva façanha dessa aristocracia etica. Enquanto a raça se mantém pura, ha progresso; desde que se cruze com as outras, vem a irremediavel decadencia, porque os mestiços, como os braquicefalos, são em tudo inferiores aos arianos, e isso explica a historia das nações antigas e modernas, a sua prosperidade, o seu declinio. Atualmente, os mais puros representantes da raça ariana são os anglo-saxões, a quem nós, povos de civilização latina, deviamos imitar, copiando-lhes os costumes e os habitos, para assimilharmos a inteligencia e a moral, e assim escaparmos, si possivel, ao estigma da nossa inferioridade hereditaria.

Facil é de ver as consequencias de uma tal teoria, que se apresentava, de resto, como a propria palavra da ciencia. Uma razão a mais para o imperialismo de três grandes nações modernas, e antropológica, banida por indemonstravel dos livros dos sabios, ainda é uma crença de certas diplomacias expansionistas e certa ciencia para os apologistas do exito e da

onipotencia do ouro. „Mais que do meio, diz Henri Berr, os teóricos usaram e abusaram da raça: sob a capa das ciencias naturais, eles terminaram por justificar ora as ambições nacionais, ora os odios politicos. Mais perigosa do que qualquer outra, em razão de suas consequencias, a interpretação antropologica da historia deve ser submetida a uma critica rigorosa.“

A mingua de provas que as aristocracias assirias, egipcias e gregas fossem arianas, estabelecido que os romanos foram antes morenos e eram dolicocefalos os barbaros que destruíram o Imperio; reconhecido que desde a mais remota antiguidade as raças se cruzam e confundem, e que no craneo que não muda o cerebro se modifica“, a antropolosociologia, em sua forma pura e virulenta, é uma doutrina morta. Por fortuna de todos, não inspirará mais outra metafisica indigesta como a do nebuloso Chamberlain, na sua „genese do seculo XIX“.

A essas duas pretensas verdades absolutas prevaleceu uma verdade media, relativa e contingente, que já Taine entrevira, quando construiu a sua teoria historica sobre o meio fisico, a raça e o momento.

Na evolução dos povos não ha necessidade, mas apenas possibilidade; uma complexa conjugação de fatores plasma e modifica as sociedades. Aqui, prepondera o meio fisico; ali, a raça; em todos os agregados humanos exercem-se, opondo-se, somando-se, completando-se, mil e uma forças, poderosas ou sutís, vindas da propria sociedade, de acontecimentos, de acasos, de vicissitudes, que cardam e entrelaçam a trama eterna da historia.

A função e o dever do historiador é distinguir e precisar, pela observação e a critica, o papel que desempenhou cada um desses fatores, descobrindo, na confusão aparente, a ordem necessaria, a explicação intelligivel.

A historia do Rio Grande do Sul, tão mal conhecida ainda, e que só agora vem surgindo do segredo dos arquivos, pelo trabalho de alguns abnegados estudiosos, apresenta um vasto campo para a experimentação critica, que evidencia o alcance e as deficiencias das grandes teorias historicas.

O Rio Grande do 1.º século era um vasto e pobre território, onde vagavam algumas tribus ferozes. Nenhuma essência preciosa, nenhuma especiaria, nem ouro, nem prata, nem diamante, nenhum elemento imediatamente utilizável existia para despertar a cobiça dos conquistadores. O litoral, baixa e monótona faixa de areia, repelia as caravelas e sumacas aventureiras. Ao norte a selva inçada de bugres e de feras, separava da colônia portuguesa. Ao sul, a pressa dos que demandavam as minas do Potosi, não lhes dava ensejo a digressões improdutivas por terras desprovidas de tesouros.

Por dois séculos ficou assim quasi desconhecida e despovoada a terra do Tape, onde apenas incursões bandeirantes vinham depredar reduções e ariar indiada. Eis, porém, que o acaso, um acaso histórico, tal como o definiu Henri Berr, veio transformar completamente o território do Rio Grande, dando-lhe possibilidade de um rápido desenvolvimento.

Uma nau que demandava o Prata, levando a bordo animais vacuns e cavaleiros, veio a naufragar na costa de Maldonado, e os animais dando à praia, dispersaram-se pelo pampa e proliferaram tão maravilhosamente que, um século depois, o Rio Grande estava „coberto de inumerável gado“ na frase de um crônicista. O território, de pauperrimo, tornou-se riquíssimo, capaz de manter uma grande população.

Ha quem negue esse acaso e não veja nele mais que uma lenda. Posto de lado esse acidente, para seguir ainda os crônicistas, cairemos na ação direta dos grandes homens sobre a história, ou ainda na influência do homem sobre o meio físico. Porque, segundo escritores uruguaios, foi Hernando Arias de Saavedra, governador de Assunção, quem, por volta de 1600, mandou trazer de Buenos Aires duas tropas de equinos e bovinos, soltando-os nas imensas campinas que vêm do Prata ao Jacuí e dizendo-lhes talvez: — Crescei e multiplicai-vos...

Eis aí dois fatos, duas possibilidades, talvez ambas verdadeiras, talvez ambas falsas, por que a introdução do gado no Rio Grande foi também, com toda a certeza, feita pelos jesuitas e pelos colonos de S. Vicente.

Seja como fôr, o território, assim modificado na sua fauna, passou, de meio neutro que era, a fator ativo e prepon-

derante na formação das primeiras populações riograndenses, determinando-lhes o genero de vida, os costumes e o caráter. Por sua vez, o meio social, creado pelo meio fisico, agiu sobre as raças que aqui se localisaram ou já existiam. O indio caçador, o paulista aventureiro, o açoriano agricultor, o negro escravo, todos aqui se tornaram pastores e adquiriram habitos semelhantes.

Sobre essa sociedade pastoril, dispersa pela estancias que foram aos poucos pontilhando a campanha, outras influencias vieram exercer-se, creando-lhe novas necessidades, tendencias e sentimentos peculiares. A situação geografica repercutiu na historia, formando a fronteira entre dois povos, rivais no habitat de origem, rivais na sua formidavel expansão na America. A situação geografica, a origem etnica, o regimen pastoril, fizeram dos riograndenses um povo guerreiro. Guerreiros e não soldados, na acepção do termo. A disciplina e a monotonia da caserna, repugnaram sempre aos seus habitos e sentimentos de liberdade. O gaúcho nunca lutou por officio, mas sempre pelos seus pagos, pela sua familia e pelos seus bens.

Saint-Hilaire, pae da psicologia social riograndense, dá a proposito um testemunho definitivo e exatissimo, quando diz: „Em geral, os filhos desta capitania são extremamente corajosos; citam-se deles mil feitos que demonstram a maior intrepidez. Estão sempre prontos para qualquer golpe de mão, mas ao mesmo tempo, é difficil sujeita-los a uma disciplina regular. Para combater, eles deixarão sem nenhum pesar a sua casa e a sua familia, mas, depois da vitoria, querem voltar para os seus lares; não desertarão jamais por covardia, mas desertam diariamente por deixarem-nos inativos. Antes do combate de Taquarembó, quando o conde de Figueira fez um apelo aos habitantes desta capitania, apresentaram-se desertores em grande numero, não só por verem sua terra ameaçada, mas ainda porque o conde prometeu que deixaria voltar para os seus lares, logo que o inimigo fosse vencido.“

Esse é, sem duvida, um traço peculiar á psicologia do rio-grandense, guerreiro e cidadão, que aprendeu na guerra o valor da solidariedade e da liberdade.

Esta digressão, que já vai por certo tornando enfadonha, empreendi-a no intuito de demonstrar que na historia, mais do que nas outras ciencias, a verdade é sempre relativa no espaço e no tempo. Nem ha propriamente verdade, sinão infinitas possibilidades. Nenhuma construção do nosso espirito seria capaz de conter a multiforme realidade.

Por isso a ciencia é uma obra coletiva, representa a sistematização dos conhecimentos de cada época e será retificada e ampliada pela época vindoura.

Nada começa nem termina em nós; élos da cadeia infinita da vida, trabalhamos para aumentar o patrimonio comum da civilização, na proporção das nossas necessidades e no sentido dos nossos ideais.

Neste momento do mundo, entre todos agitado e presago, a historia „mestra da vida e testemunha dos tempos“ ensina aos homens que todos os povos podem ser grandes, quando os animam ideais de trabalho e de cultura; sentimentos de justiça e de paz, desejos de bondade e de beleza no pensamento e nas ações, e que todos decáem e desaparecem quando a sua moral se corrompe, quando o apetite de ouro é a sua fome implacavel, quando erigem em politica a violencia e a fraude.

O futuro provará talvez que são erros muitas verdades de hoje, a nossa experiencia limitada e imperfeita será completada por uma ciencia mais exata.

Façamos, no entanto, o possivel para que, na herança que transmitiremos aos vindouros, o erro não seja acrescido do crime, nem a verdade maculada pela intolerancia. Outros homens e outras civilizações hão de nascer e florescer na face da terra, continuando a luta infinita e a eterna epopéa da vida. Nenhum dos nossos sonhos ha de ser perdido, porque outros os realizarão, mercê de forças que hoje nos falecem; o nosso esforço em busca da verdade neles reviverá maior e mais belo.

Socrates, o sublime sofista, ensinava ser a sabedoria a maior virtude, coragem; em relação á sensibilidade, temperança; em relação aos outros homens é justiça, e em relação a Deus é piedade. E nessas cinco virtudes o mais virtuoso dos homens via a propria perfeição.

De tão altas expressões de cultura moral, parece que andamos afastados nos asperos dias que correm, de egoísmo e inquietação. Os povos, como os indivíduos, vivem agora o momento torturante da fome e da ambição material. No entanto, os indivíduos e os povos só têm sido e só serão grandes pelo idealismo.

Eu me refiro, srs., ao verdadeiro idealismo, não ás tendências místicas e aos sonhos lunaticos dos que andam embriagados de fantasias azues e desconhecem a realidade. Idealista é o que se encerra no circulo a atualidade sensível e se prepara para realizar na vida uma função mais elevada que a simples satisfação das necessidades imediatas. Um ideal é uma antevisão de aperfeiçoamento, são os olhos da intelligencia contemplando o futuro. E' um termo que especifica e particularisa a ansia indefinida e eterna de perfeição que palpita em todo o ser conciente e tem elevado as torres mais altas da cidadela imortal da arte, da ciencia e da religião.

Da realidade de todos os dias e da soma de todos os conhecimentos, a imaginação separa as melhores parcelas de verdade e de beleza, anima-as de bondade, ilumina-as de esperança e forma o ideal. Atravez a luta incessante da existencia, levado por forças mais poderosas, evoluindo no seio da natureza que evolue, o homem tem realizado os seus mais elevados desejos pela divina desventura de aspirar sempre um pouco mais de perfeição nas cousas que vai realizando. Aspirar uma realidade melhor e pôr no futuro um limite para onde tendem todos os esforços, é idealisar. O idealismo é um traço de união entre o existente e o possível, entre o que possuímos e o que desejamos, entre o que somos o que podemos ser, entre o presente e o futuro, entre a terra e o céu. Sopro divino que anima o barro humano, ele é, sobre as apparencias, a verdade, sobre as imperfeições a beleza e sobre o mal a bondade. Um povo ou um homem sem ideais, é como um rio que não tem leito, imóvel em pantanaes de agua pútrida, sem corrente, sem vida e sem rumor. Mas ha rios que vivem e fazem o proprio leito. Desde que nascem, nas terras altas, o seu correr é uma luta e uma vitoria constante. Não recuam e não param. Abrem caminho na terra, corroem a pedra, angustiam-se as gargan-

tas de montanhas, arquejam largamente, fecundos e felizes na doçura dos vales. A's vezes, num trecho do alveo, parecem querer parar, hesitam um momento reunindo as forças, e se precipitam na vertigem das cataratas, partindo-se de encontro aos penedos, fazendo subir ao céu a ansia dos vapores e o soluço da branca nuvem espumarada. E logo, passada a peleja, retoma o sentido da marcha. E correm e cantam sob os sóes radiosos e as noites estreladas a saudade da nascente e o desejo da fóz. Atrai-os um ideal, o mar, onde mergulham vitoriosos na eterna energia que os creou.

Assim são os homens e os povos que têm ideal; esse é o segredo das grandes vidas e a causa das obras eminentes.

Terminando, direi como disse um grande pensador em solenidade semelhante a esta. Creio que a humanidade futura será melhor que a actual, pela estensão da justiça entre os povos; creio que as nacionalidades futuras serão maiores, pelo incremento da solidariedade entre as classes; creio que os homens terão um mais forte e mais sincero amor á verdade; creio que os nossos descendentes viverão em um meio social mais propicio á virtude e á felicidade.“

Fala o sr. Othelo Rosa

„Exmo. sr. presidente e srs. socios do Instituto. Exmas. senhoras. Meus senhores. Ilustre recipiendário.

E' frequente, contra as corporações da natureza deste Instituto, a accusação de constituirem elas recintos fechados, de acesso difficil, senão impossivel, ao brilho tumultuoso dos espiritos moços, radiantes de viço e de originalidade, que repontam, á inspiração de novos ideais, ou nas galas louças de fórmas bizarras, na vida intelectual.

Que as Academias ou os Institutos, sejam assim — é a idéa corrente. E a critica que se lhes faz deriva, em regra, do pressuposto erroneo e falso de que neles se congregam os ho-

mens do passado, que se imobilisam de logo em atitudes hieraticas e solenes, doutorais e olímpicas, de depositarios inviolaveis da sabença humana, opondo o seu véto a todas as idéas que não tragam, bem marcada e viva, a chancela da tradição, ou que se não apresentem envoltas nas dobras magistrais de uma tóga classica.

Si injusta e improcedente, quasi sempre, a arguição, iniquidade ela se faria, em referencia ao Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul.

Nele, desde o inicio, as expressões mentais nunca foram apreciadas por outro criterio que não o do seu verdadeiro valor. Já entre os fundadores, a mocidade fulgiu. E tanto os moços entravam livremente nesta casa de estudo e de meditação, que a propria Morte, estonteada talvez pela surpresa, sem querer, levou de nós aquele jovem espirito, suave e harmonioso, aquele coração simples e bom, que foi Roque Calage.

No limiar das portas do Instituto estou hoje para, em seu nome, dar as boas vindas a mais um moço que chega. E si tal encargo me será sempre ameno e grado, sóbe de ponto, para mim, a significação deste momento, pois que eu venho receber a um escritor que vive, ha tempo quasi igual, na minha admiração como no meu afeto, e que já foi meu irmão d'armas, em lutas pela imprensa.

Na mentalidade gaúcha de hoje, Darcy Azambuja é uma radiante expressão de cultura, de equilibrio, de justeza. E' uma mocidade que a profundidade do pensamento enquadrou em linhas de exquisita severidade, de ritmos graves.

Não sorri a esse estilo vigoroso e sobrio, nem a pompa das imagens, nem o brilho fugaz dos jogos florais. São as idéas que o impressionam, e são idéas que ele traduz e ele fixa. A originalidade desse espirito não careceu de extravagancias, nem de bizarrias, para de todo se afirmar, em plenitude creadora. Vasada em modelos de realidade fecunda, de observação arguta, de linguagem escorreita, a obra literaria de Darcy Azambuja é toda ela tecida em bons labores de simplicidade e de beleza; essa maravilhosa simplicidade e essa incomparavel beleza que, na frase de Eça, são na Arte as unicas eternidades.

Surgiu na surpresa de uma vitória inesperada. Em concurso de contos, abertos por uma revista carioca, entre competidores numerosos, foi o premio conferido a um adolescente que se chama Darcy Azambuja. Era de Encruzilhada; eis tudo quanto dele se sabia, e a esse tempo talvez envergasse ainda a farda de aluno do Colegio Militar.

Publicado o conto, houve entre nós, um quasi espanto. „Contrabando“, que era esse o titulo, longe de ser uma tentativa literaria, incerta na execução, era uma pequenina obra prima, em que um episodio do cenario gaúcho fôra evocado em paginas de uma verdade intensa e uma alma dos nossos pampas, para quem era „simples a lealdade e até mesmo a morte“, reafirmava tranquila, olhando bem de face os nossos céus profundos, a bravura singular da nossa estirpe.

Era um vaticinio, essa estréa silenciosa e vencedora. Revelava o feitio mental de quem se faria em breve, sem alarde e sem reclamo, um escritor de raça. E quando Darcy Azambuja publicou o seu primeiro livro „No galpão“, viu-se de imediato um consagrado, quer pela critica dos cultos e confrades, quer pela simpatia do povo rio-grandense, que entendeu melhor do que ninguem o seu regionalismo sincero e comovido.

Era o Rio Grande, nos aspectos caracteristicos da sua campanha, e era o gaúcho, na trama sutil da sua psicologia, que Darcy Azambuja retraçava e analisava. E desse livro se pôde dizer, como disse alguém dos ideais de Lenine, que ele tem o cheiro, o aroma forte e bom da terra santa do Rio Grande.

Escutai, nestas trovas, cantadas ao som choroso da gaita, o lirismo do nosso povo, que mesmo em versos de amor, não esquece a liberdade:

„Ha muita gente que pensa
Que o dinheiro faz feliz,
Sou pobre e vivo contente
Por querer a quem me quiz.
Nos campos da minha terra
Sou gaúcho sem patrão,

De a cavalo, bem armado,
Meu governo é o coração.
Duas coisas neste mundo
Juntas dão felicidade,
E aqui les deixo o segredo:
São o amor e a liberdade“.

Ou então, vêde nesta pagina admiravel de verdade, de emoção, de sentimento, toda a tragedia das coxilhas gaúchas, no ciclo doloroso das lutas civis:

— „Vocês conheceram o Quirino e o Juvencio, lá das Palmas, da gente do coronel Pedruca? Pois são os cujos. Dois turunas, já le digo, indios de lei, no trabalho, como na guerra. Crearam-se sempre juntos, e peleavam juntos. E peleavam! ... Pois, como dizia, naqueles entreversos do fim, que nem é bom falar, que quem saiu de em pêlo saiu bem aperado, os dois irmãos se perderam num caroço brabo da ala esquerda, cortados dos companheiros, que iam retirando. E foi que, não sei de que geito, lhes bateu em cima o Hilarião Chico com um piquete. Era coisa de conta antiga entre eles. Rabo de saia, que o Hilarião ... Mas, bueno. Foi a noite que ajudou. Os dois riscaram na picanha; o Juvencio com uma perna estrompada duma rodada e com um lançamento na costela. E se foram, tangidos pelos de traz. Nem é bom pensar o que seria aquela disparada sem rumo, noite a fóra. Frio, então: mez de agosto. Encarangados, sem saber aonde iam, os matungos cansados, e presentindo atraz que o inimigo vinha, e si chegasse ...

O Juvencio ia mal, com a ferida aberta e aguentando dôres de matar. O outro dava coragem, foram tocando. Mas por fim ele não aguentou mais e apearam numa recosta, sem saberem onde. No bréte do matador, porque dali p'ra morte ... e ainda si fosse só! O Quirino quiz ver se tratava da ferida do irmão e foi então que este, gemendo, com a voz travada, pediu: — Quirino, não aguento mais, não vou p'ra diante.

— Não afrouxa, irmão. Um homem é um homem.

— Me liquidaram desta. Não vou mais longe.

— Pois morremos aqui, e ainda peleamos.

— Não. Eu, com mais um pouco... O Hilarião vem aí. Tu vais embora.

A noite estava quieta. Nem coruja, nem quero-quero. Mas é um medo grande que vem não sei como, e arrepia e engasga a gente, quando vai acontecer alguma coisa. Os dois tironeados do destino se encostavam um no outro, p'ra aguentar melhor.

— Quirino, vai embora, sinão são dois, e eu não quero.

— Bueno, chega. Tu sabes que é escusado.

— Não. Tu vais. Escuta: é o ultimo pedido.

A voz dele estava flaquita, mas era duma dôr mui grande, que não se acalma, e que por fim a gente ainda vive porque ela dóe. Les digo, eu sei o que é isso...

E foi então que ele pediu:

— E' a ultima coisa, irmão. Jura.

— Mas que é? Tu sabes que eu faço.

— Jura.

— Por Deus nosso senhor. Por alma da nossa mãe.

— Eu quero morrer aqui, ouviu? Não posso mais.

— Pois sim, ficamos.

— Não. Tu vais. Mas não me deixas vivo. Tu sabes...

O outro levou um estremeção.

— Mas, irmão.

— Jurou. Não posso falar quasi. Vai embora enquanto é tempo. Pelo amor de Deus! Agarra a minha faca que está cortante...

Vocês entendem, não? E que havia aquele de fazer? Eram irmãos, haviam vivido e peleado como irmãos, sempre juntos. Agora, um tinha que ir. O inimigo vinha vindo. E

si chegasse . . . Coisas antigas, que não têm perdão. Nem tinha volta. O Hilarião, pior que tigre! Tinha dito e fazia.

— Não, Juvencio, ainda peleamos.

— Quirino, tu tens que ir embora . . . que é p'ra depois . . . Vocês ainda se encontram.

O coração do outro estava pequenininho de pena e grande de raiva, de ver o irmão se finando e não poder fazer nada . . . sinão aquilo!

— Deus me ajude. Quirino, tu juraste . . . é p'ra meu bem.

Nisto quero-queros gritaram longe. Era como avisando . . .

— São eles! Ligeiro, meu irmão! . . .

O Quirino, já meio transtornado agarrou a faca. E foi o outro que estendeu o pescoço, e foi a mão do outro que apertou a dele, que tremia . . . O sangue esguichou na mão do que matava de pena.

Quando os quero-queros gritaram, de novo, ele montou, sem olhar para traz, e se foi, com o peito arrebatando, sem poder chorar.

Vocês entendem? Que havia de fazer? Para diante, o irmão não podia, atraz, vinha o outro. E era conta velha, que não ha libra que pague. E havia de ser, si ele chegasse, as quatro estacas, o marmeleiro, ou . . . Para que dizer? A gente sabe. A guerra entre o mesmo povo tem isso. Será castigo. Tinha que ser assim. Matou, mas de pena, mas de bom, para não ver um ente que era irmão padecer mais“.

Esse escritor de bom quilate, ao receber o seu grau de bacharel, como orador de sua turma, resume em um discurso penetrante e elevado as diretrizes do pensamento contemporaneo em derredor da ciencia juridica. E entrando para a imprensa descobre sem esforço o segredo do mistér, manejando a preceito a sua pena, na explanação de doutrinas bem assimiladas.

Por isso, não tanto por premiar-lhe os meritos, que de tais galardões não é um ambicioso, mas para fazer dele um novo elemento de vida e de trabalho nesta casa, chamou-o ao seu gremio o Instituto, que hoje se desvanece em outorgar-lhe, na solenidade desta sessão, as insignas de seu socio.

Sr. dr. Darcy Azambuja.

Evocar o nosso passado; reconstrui-lo na grandeza imperecível de suas realidades e no fulgor impressionante das suas legendas; palmo a palmo, em romaria sagrada, estudar as origens desta terra bemdita que o estoicismo dos nossos avoengos emblemau de epopéas: prescrutar amorosamente, nas tradições orais ou nos diplomas historicos, a vida dos homens valorosos e fortes, que formam a gloria da nossa ascendencia; amar o Rio Grande, eis a finalidade dessa casa.

Nela, o vosso lugar estava de ha muito reservado, porque, daquele amor, sois um dos devotos maiores. Em toda vossa obra transluz o sentimento profundo da vossa integração espiritual na historia e no destino do Rio Grande. Nos vossos olhos, vivem os aspectos das coxilhas gaúchas, mais belas ainda na penumbra de uma saudade indefinida. Aos vossos ouvidos, resoam todo o dia, ou o tropel vertiginoso de cavalarias em roldão, ou o rechinar insistente das carreiras morosas, lentamente galgando os cimos, por estradas invias, que parecem sem fim; ou o som esbatido, longinquo, merencoreo, de uma gaita que se desfaz em tristeza, na angustia luminosa de um pôr de sol, á porta de algum rancho quasi oculto nas quebradas de um rincão; ou a trova melancolica em que um peito simples de gaúcho canta, na infantilidade comovente de uma inspiração, que é mais instinto, a esperança, a amargura, a incerteza, o desejo do seu coração; ou, ainda, na doçura quieta da tarde, a voz de uma chinoca, chamando os animais á ultima ração; ou, talvez, presagos, monotonos, repetidos, os aulidos dos cães quebrando a paz da noite, á hora em que o luar, grande como uma benção, sobre os campos se derrama em luz e de véus nupciais reveste as laranjeiras.

E' o Rio Grande, é o nosso Rio Grande, na beleza do seu passado heroico e simples, em que os homens tinham, ao mesmo

tempo, uma alma viril de camponêses e um ardente coração de paladinos, que renasce, e que refulge nos quadros soberbos que a vossa pena traçou em paginas tão sugestivas e tão reais que a alma popular sabe de cór.

Sem vós, não estaria completo o quadro social deste Instituto; e nem temos nós a impressão de que vos estamos recebendo.

Sois um amigo que volta, para contar neste „galpão“ da historia rio-grandense, episodios e cronicas que ouvistes, em torno dos fogões acesos, enquanto o chimarrão corria a roda, do proprio avatar dos pampas.

Sêde bemvindo, consocio ilustre.“

Actas das sessões do Instituto no anno de 1931

Acta da 14.^o sessão extraordinaria

Aos trinta dias do mez de Junho de mil novecentos e trinta e um, ás vinte e meia horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes grande numero de familias, autoridades civis, militares e ecclesiasticas e muitos associados, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente que, por volumoso, foram lidas apenas as seguintes peças: carta do sr. Alcides Rössler, de Cruz Alta, fazendo uma consulta de caracter historico; idem do sr. Carlos Gomes de Almeida, residente em São Thiago do Boqueirão, enviando umas annotações sobre o „Vocabulario tupy na chorographia do Rio Grande do Sul“, trabalho publicado na Revista pelo general João Borges Fortes; idem do sr. Antonio Di Pasca, consul uruguayo, agradecendo a homenagem que á sua patria prestou o Instituto por occasião da passagem da data centenaria da vida constitucional do Estado Oriental do Uruguay; officio do sr. dr. Pereira Netto, director geral da Prefeitura de Porto Alegre, solicitando uma relação nominal de figuras historicas do Estado para que esses nomes sejam dados aos novos logradouros publicos do municipio; idem do Instituto Historico e Geographico do Pará communicando ter sido eleito presidente dessa

associação o sr. dr. Luiz Barreiros; telegramma do dr. Max Fleiuss, secretario geral do Instituto Historico do Rio de Janeiro, convidando esta associação a fazer-se representar no congresso commemorativo do centenario da abdicação ali realizado em sete de Abril proximo findo. São propostos para membros do Instituto os senhores general Tasso Fragoso, residente no Rio de Janeiro, desembargador José Arthur Boiteux, dr Henrique da Silva Fontes, residentes em Florianopolis, major José Octaviano Pinto Soares, general João Borges Fortes, residentes no Rio de Janeiro e professor Jorge Bahlis, residente nesta capital, sendo este para socio effectivo e os demais correspondentes. Essa proposta foi á commissão de pareceres. O senhor presidente communica que estando prompto o processo de admissão, como socio correspondente, do dr. Antonio Baptista Pereira, ia submettel-o á eleição o que, feito, foi o candidato unanimemente eleito e proclamado.

O senhor presidente declara que a presente sessão fôra convocada com o fim de receber o novo consocio dr. Darcy Azambuja e achando-se o mesmo na casa, convidou os consocios Simch e Porto, para introduzirem-no na sala. O dr. Darcy Azambuja é recebido entre palmas da assistencia e presta o compromisso regulamentar. Dada a palavra ao sr. Adroaldo Mesquita da Costa, orador, é por este lida a ephemeride do dia. Dada a palavra ao novo consocio, profere o sr. DarcyAzambuja longa oração que é ouvida com satisfação da assistencia, recebendo, ao finalizar, fartos applausos. Dada a palavra ao sr. Othelo Rosa, préviamente designado pelo sr. presidente para saudar o recipiendário, faz o nosso consocio eloquente saudação ao senhor Darcy Azambuja, estudando, no decorrer da mesma, a obra literaria do novo associado, na qual reconhece grande mérito, o que bem justifica a penetração que acaba de fazer, no seio do Instituto, o sr. Darcy Azambuja. O senhor Othelo Rosa recebeu, igualmente, muitos applausos ao terminar sua vibrante oração. O senhor presidente declarou, em seguida, que se approximando a data centenaria do decennio farroupilha, e devendo essa data ter condigna commemoração, ia nomear, como de facto nomeou, uma commissão composta dos senhores Francisco Rodolfo Simch,

Othelo Rosa, Aurelio Porto, Darcy Azambuja e Eduardo Duarte, para em conjunto elaborar o programma da commemoração. Agradecendo a comparencia dos presentes e, em particular, das exmas. familias e autoridades, o senhor presidente declara encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. Florencio de Abreu.

Acta da 15.^a sessão extraordinaria

Aos vinte e dois dias do mez de Outubro de mil novecentos e trinta e um, ás vinte e meia horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os senhores João Maia, Affonso Guerreiro Lima, Armando Dias de Azevedo, Othelo Rosa, Aurelio Porto, Darcy Azambuja, Florencio de Abreu e Eduardo Duarte, bem como grande numero de familias, autoridades civis e militares e innumerados cavalheiros, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente que, por ser muito volumoso, foram lidas apenas as seguintes peças: parecer assignado pelos senhores Darcy Azambuja, João Maia, Othelo Rosa e Aurelio Porto (relator), favoravel á admissão dos generaes João Borges Fortes, Augusto Tasso Fragoso, desembargador José Boiteux, dr. Henrique Fontes, professor Jorge Bahlis e major José Octaviano Pinto Soares; idem da commissão de Admissão de Socios, tambem favoravel aos referidos senhores; proposta para admissão do sr. Walter Spalding, como socio effectivo do Instituto. O senhor presidente comunica que achando-se prompto o processo de admissão dos senhores general João Borges Fortes e professor Jorge Bahlis, ia proceder á eleição na fórma do artigo 6.º, § 5.º do estatuto, o que feito, foram os mesmos senhores eleitos e proclamados, o primeiro como socio correspondente e o segundo effectivo. O presidente declara que a presente sessão fôra

convocada com o fim de receber o socio eleito sr. João Borges Fortes e que se achando o mesmo na casa, convidava os consocios Othelo Rosa e Armando de Azevedo para introduzirem-n'õ no salão. O senhor João Borges Fortes é recebido entre palmas da assistencia e presta o compromisso regulamentar. O secretario faz a leitura da ephemeride do dia e, em seguida, é concedida a palavra ao novo consocio para lêr o seu discurso de apresentação. O nosso consocio após agradecer a honra que o Instituto lhe concedera, recebendo-o em seu seio, faz um demorado estudo sobre os primeiros tempos do Rio Grande procurando demonstrar que a formação do nosso povo operou-se na tranquillidade das estancias, dellas surgindo o espirito da nossa raça. Fartos applausos recebeu o senhor Borges Fortes ao terminar sua oração, sendo muito cumprimentado por todos os presentes. Em seguida foi dada a palavra ao senhor Aurelio Porto, préviamente designado, para cumprimentar o recipiendário. O nosso consocio profere vibrante oração na qual saliente o contentamento do Instituto em receber em seu seio o illustre autor de „Troncos Seculares“.

Calorosa salva de palmas recebe o senhor Aurelio Porto ao terminar sua oração. O senhor presidente agradece o comparecimento dos presentes e declara encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. — Florencio de Abreu.

INDICE

	Pag.
A questão de limites entre Paraná e Santa Catharina — Major José Octaviano Pinto Soares	3
Cruz Alta — Josino dos Santos Lima	91
Christovão Pereira de Abreu — General Borges Fortes	131
O Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul — Walter Spalding	163
O coeficiente lagunista na Formação racial do gaúcho — Aurelio Porto	169
Poetas da Grande Revolução — Dr. Eduardo Duarte	187
O Municipio de Triumpho — Marino Josetti de Almeida	217
Recepção do Dr. Darcy Azambuja	333
Actas das sessões do Instituto em 1931	351
